



**JOSÉ ANTONIO FERREIRA DA SILVA JÚNIOR**

Retórica Americana: temas e ideias político-culturais em *Casa de las Américas* (1965-1976)

Campinas

2014





UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

JOSÉ ANTONIO FERREIRA DA SILVA JÚNIOR

**Retórica Americana: temas e ideias político-culturais em *Casa*  
*de las Américas* (1965-1976)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,  
para obtenção do título de Mestre em História,  
área Política, Memória e Cidade.

Orientador: PROF. DR. JOSÉ ALVES DE FREITAS NETO

Este exemplar corresponde à  
versão final da dissertação,  
defendida pelo aluno José Antonio  
Ferreira da Silva Júnior, orientada  
pelo Prof. Dr. José Alves de  
Freitas Neto e aprovada no dia  
26/03/2014

Campinas

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/338

Si38r Silva Júnior, José Antonio Ferreira da, 1987-  
Retórica americana : temas e ideias político-culturais em Casa de las Américas (1965-1976) / José Antonio Ferreira da Silva Júnior. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: José Alves de Freitas Neto.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Casa de las Americas. 2. Intelectuais. 3. Política e cultura - Cuba. 4. Cultura política - Cuba. 5. Política cultural . 6. Cuba - História - Revolução, 1959. I. Freitas Neto, José Alves de, 1971-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** American rhetoric : political and cultural themes in Casa de las Americas (1965-1976)

**Palavras-chave em inglês:**

Intellectuals

Politics and culture - Cuba

Political culture - Cuba

Cultural policy

Cuban - History - Revolution, 1959

**Área de concentração:** Política, Memória e Cidade

**Titulação:** Mestre em História

**Banca examinadora:**

José Alves de Freitas Neto [Orientador]

Regina Aida Crespo

Iara Lis Franco Schiavinatto

**Data de defesa:** 26-03-2014

**Programa de Pós-Graduação:** História



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, em sessão pública realizada em 26 de março de 2014, considerou o candidato JOSÉ ANTONIO FERREIRA DA SILVA JÚNIOR aprovado.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora.

Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto

A handwritten signature in black ink, written over a horizontal line. The signature is cursive and appears to read "José Alves de Freitas Neto".

Profa. Dra. Regina Aida Crespo

A handwritten signature in black ink, written over a horizontal line. The signature is cursive and appears to read "Regina Aida Crespo".

Profa. Dra. Iara Lis Franco Schiavinatto

A handwritten signature in black ink, written over a horizontal line. The signature is cursive and appears to read "Iara Lis Franco Schiavinatto".



## Resumo

Este trabalho procura levantar e mapear discussões e debates político-culturais da segunda metade do século XX em Cuba, nas primeiras décadas da Revolução Cubana. A difusão de periódicos e impressos contribuiu para uma circulação diferenciada de ideias e discursos, envolvendo sujeitos históricos em diferentes dinâmicas entre o político e o cultural. Os intelectuais encontraram nesse tipo de meio de comunicação um espaço de expressão e engajamento com o processo revolucionário. A revista cubana *Casa de las Américas* se constituiu como centro de uma rede intelectual, a partir da qual se construiu e se difundiu um discurso revolucionário. Nossa proposta é partir desta revista, como objeto e fonte histórica, para aproximarmos-nos das ideias e noções conformadas entre intelectuais relacionados com o imaginário esquerdista da América Latina nos anos 1960 e 1970. Um dos nossos temas principais é a conformação de discursos identitários na revista. Defendemos que as identidades construídas discursivamente por *Casa* fazem parte da concepção que a própria revista tinha sobre sua atuação no processo revolucionário. Também, a questão em torno do papel do letrado é aqui analisada por nós. A publicação deu suporte para a formação de um discurso que valorizou e favoreceu uma estética e uma concepção de intelectual específicas para cumprir o que era visto como revolucionário. Devido à importância e à vigência que *Casa* estabelece para José Martí (1853-1895), as formas de discussão e apropriação da vida e obra deste letrado cubano figuram também em nossa argumentação, destacando mecanismos discursivos e formas de apropriação da história de Cuba. Dessa forma, passando por alguns temas político-culturais da revista, pretendemos abordar a história da esquerda latino-americana e da conformação de seu imaginário.

**Palavras-chave:** *Casa de las Américas* – Revolução Cubana – Intelectuais – Identidade





## **Abstract**

This work discusses and analyses the political and cultural debates during the first decades of the Cuban Revolution in the second half of the 20<sup>th</sup> century. In this context the dissemination of printed journals had contributed for the exchange of ideas and discourses, allowing the historical subjects to be immersed in a variety of political and cultural dynamics. Intellectuals found a space for expression and engagement with the revolutionary process in this type of media. The Cuban cultural journal *Casa de las Américas* was the center of an intellectual network from which the revolutionary discourse was built and spread. With the analysis of this journal we intend to get closer to the ideas and concepts that were being created and used by the Latin American leftist intellectuals of the 1960s and 1970s. One of our main themes is the conformation of identity discourses in the journal *Casa de las Américas*. The importance of the figure of the intellectual is another focused subject. We argue that the identities constructed discursively by this cultural journal are part of the design that the magazine itself had on its performance in the revolutionary process. The publication gave support to the formation of a discourse that valued and promoted a specific aesthetic and conception of intellectual which would fulfill what was seen as revolutionary. The important role that was reserved for José Martí (1853-1895) in *Casa* justifies our analysis of how his life and works were discussed and presented in the journal, emphasizing the discursive mechanisms and the different forms of appropriation of Cuban history. Thus, with the analysis of some political and cultural themes from *Casa* we intend to study the history of Latin-American left and the conformation of its imaginary.

**Keywords:** *Casa de las Américas* – Cuban Revolution – Intellectuals – Identity



## Sumário

<b>Introdução</b> .....	1
<b>Capítulo 1 – <i>Casa</i>: uma revista e os sujeitos desta história</b> .....	11
As revistas e suas disputas .....	18
<b>Capítulo 2 – <i>Nós e ele</i>: as identidades e o projeto cubano de Revolução</b> .....	29
Termos e conceitos: o vocabulário identitário de <i>Casa</i> .....	29
Os discursos de identidade de <i>Casa</i> .....	36
O Projeto da Revolução Cubana: Cuba, Guerra Fria e a revista <i>Casa</i> .....	53
<b>Capítulo 3 – Intelectual em <i>Casa</i> e para <i>Casa</i>: estética, exemplo revolucionário e a história</b> .....	57
O princípio da desconfiança: o anti-intelectualismo.....	57
Estéticas da política: testemunhar a Revolução .....	63
Política vs. Cultura: o ofício do intelectual em xeque .....	80
A história legítima: Martí e o século XIX anunciam a Revolução .....	93
<b>Conclusão</b> .....	99
<b>Bibliografia</b> .....	103
<b>Apêndices</b> .....	113
Casa de las Américas: 1965-1976.....	113
Colaboradores em <i>Casa</i> .....	121



Ao João Francisco de Souza,  
meu eterno Tio João.



## **Agradecimentos**

Em algum momento da minha graduação, e por motivos que não me lembro, jurei a mim mesmo que meus agradecimentos nos trabalhos acadêmicos seriam sucintos, breves, sem os clichês, sem criar uma lista infindável de nomes e sem sofrer com a falta de sinônimos no dicionário. E cá estou eu, quebrando meu juramento. Aquele aluno da graduação que eu era nunca havia passado pela experiência de escrever um texto como este, uma dissertação, resultado de uma pesquisa de três anos. E o que eu não sabia na época dessa tola promessa é que, sem a ajuda, a atenção, o carinho e a amizade de várias pessoas, este trabalho não seria realizado. Se fosse, seria diferente: as frases estariam menos inspiradas, os parágrafos desmotivados, os capítulos mais curtos, quem sabe? O importante é que este texto só é do jeito que é porque cada uma destas pessoas que passaram por mim durante este mestrado deixou um rastro de si neste trabalho. E, por isso, agradeço:

Ao professor José Alves de Freitas Neto, orientador, amigo, companheiro de histórias, não necessariamente cubanas ou intelectuais. Ao grupo de estudos da América do IFCH, composto não só por pesquisadores e pensadores brilhantes, mas também por amigos mais que especiais.

Aos amigos, Rafael Pavani e Caio Pedrosa, pela companhia e presença capaz de transformar qualquer dia de sol numa noite de música. À Flávia Rodrigues, pelos sorrisos e à Andresa, sem sobrenome porque não há outra igual, pela amizade sem limites e por enfrentar essa jornada ao meu lado.

À Fernanda Lopes, Juliana Costa e Luli Pereira, que me ensinaram o que é amizade verdadeira e que, recentemente, me inscreveram no curso de saudade.

À todos os amigos da faculdade que, desde 2006, fazem parte da minha história. Michelly, Caetano, Poli, Arthur, que já dividiram muitas angústias, mas principalmente alegrias. Ao Raphael Abreu, pela amizade incondicional. À Natália Schmiedecke, pelas leituras sempre atenciosas, discussões sempre proveitosas e motivações sempre infalíveis.

A Eduardo Scrich e Rodolfo Almeida, pela convivência prazerosa e para os quais meu coração será sempre uma república.

A Thiago Ribeiro, Presto Gaudio, Cleiton Eller e Daniel Pires, pelas tardes compartilhadas em busca de tesouros e de diversão.

Aos amigos da E.E. Guido Segalho que talvez não saibam, mas foram essenciais para a conclusão deste trabalho.

Claro, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento da pesquisa. Aos professores Luiz Estevam, Iara Schiavinatto e Regina Crespo pelas leituras e por aceitarem participar das bancas de exame deste mestrado. Aos funcionários das bibliotecas do IFCH e do IEL, da Unicamp, das bibliotecas da FFLCH e da ECA, na USP, e da biblioteca do Memorial da América Latina, todos sempre dispostos e prestativos.

À minha família, pela confiança e pelo suporte inquestionável, ou seja, por tudo.

E, por fim, à Keiko por ser quem é e por me mostrar quem nós podemos ser.



## **Introdução**

O processo revolucionário cubano, iniciado em 1959, marcou não só o campo político, social e econômico, mas também o campo cultural. As transformações desencadeadas geraram um contexto onde política e cultura travaram relações diferenciadas e determinadas por essa nova dinâmica que a Revolução inaugurou na sociedade cubana. Para a história da América Latina, estes eventos abrem possibilidade de novas perspectivas e novas aproximações já que o processo revolucionário envolveu inúmeros sujeitos históricos que permitem análises diferenciadas das relações travadas em dado contexto. A participação dos intelectuais, desde o triunfo revolucionário em 1959, durante as décadas seguintes e até os dias de hoje, ficou marcada por sua relação com o poder político e com o campo cultural, em uma dinâmica por vezes conflituosa. Dada a centralidade que a cultura e suas expressões adquiriram no projeto revolucionário, não nos surpreende que a literatura, as artes plásticas e mesmo a história tenham se tornado campos de disputas políticas intensas protagonizadas por escritores, artistas, pintores, dramaturgos, *etc.* Muitos destes produtores culturais e intelectuais buscaram se inserir, e reivindicaram participação política na Revolução Cubana a partir de seu ofício e atuação no campo cultural e o fizeram majoritariamente através das inúmeras publicações e periódicos que se difundiram por Cuba e pela América Latina a partir dessa metade do XX. É assim que jornais, revistas literárias e culturais, suplementos e encartes se convertem em objetos privilegiados de estudo da história intelectual latino-americana.

A produção cultural tornou-se um meio de inserção social destes intelectuais. Polêmicas foram criadas neste contexto sobre os mais diversos temas que a Revolução suscitava: a arte como expressão revolucionária, o papel social do intelectual, as políticas culturais e suas implicações, a construção do socialismo e do homem revolucionário, identidade nacional, imperialismo e colonialismo, entre outros. A intelectualidade se dedicou a tais questões e extraiu daí debates que marcaram o âmbito político-cultural da época. O suporte material privilegiado destas discussões foram os impressos e periódicos, revistas políticas, culturais e literárias que se destacam por reunir e congregar intelectuais

em torno de um projeto editorial voltado para atuação na conjuntura de seu presente.<sup>1</sup> O contexto cubano da década de 1960 fomentou o surgimento e a criação de novos impressos, neste formato já bastante popular na história intelectual da América Latina, que se tornaram o espaço de expressão destes intelectuais envolvidos com o processo político da Cuba revolucionária.

Nosso objetivo é apresentar aspectos destas discussões, analisando a construção de discursos, a circulação de ideias e noções, o estabelecimento de posições e outros mecanismos textuais que as revistas oferecem para que possamos compreender como tais embates constituem-se como argumentos centrais para a história intelectual latino-americana. Uma das principais publicações deste período, e que aqui nos serve de objeto de estudo, é a revista *Casa de las Américas*, publicação da instituição de mesmo nome fundada ainda em 1959 pelo regime revolucionário. Portando um discurso em defesa das posições oficiais da Revolução Cubana, esta revista se constituiu como centro de uma rede de discussão e participação que contava com diversos intelectuais da América Latina e da Europa entre seus colaboradores mais frequentes.

O primeiro número da revista *Casa de las Américas* surgiu em 1960. Com um formato “aquadrado”<sup>2</sup> um tanto diferente, abordava os mais variados temas culturais e artísticos através de textos e resenhas, notas e ensaios, distribuídos em seções que foram se firmando ou desapareceram ao longo de sua existência: “hechos/ideas”, que reunia ensaios e monografias de caráter histórico, literário, político, sociológico ou estético; “ficción”, tendo nos primeiros anos o nome de “letras”, abarcava textos literários, contos e poemas; “libros”, na qual se publicavam resenhas e comentários sobre livros voltados às temáticas da América Latina; “notas”, que contava com textos mais curtos e diretos sobre uma temática específica; “documentos”, que publicava principalmente resoluções de congressos, textos coletivos produzidos em eventos e outros desta natureza. Publicada bimestralmente

---

<sup>1</sup> CRESPO, R. Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. In: FRANCO, Stella Maris; JUNQUEIRA, Mary Anne (org.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa**. São Paulo: Usp/Humanitas, 2011. p. 98-102.

<sup>2</sup> A revista chamava atenção pelo seu design. Medindo aproximadamente 24,0cm X 21,5cm, trazia capas coloridas e um projeto gráfico marcado pelas experimentações plásticas que renderam renome a desenhistas e artistas de Cuba no período, tal como Umberto Peña (1937-), que foi diretor artístico de *Casa* entre 1963 e 1983.

até a década de 1990, quando se torna trimestral (periodicidade que conserva até os dias de hoje), a tiragem da revista revela seu crescente sucesso: partindo de dois mil exemplares em 1960, logo, já em 1962, esse número duplica e chega a quatro mil impressões; em 1965, a tiragem foi elevada a nove mil volumes; na década de 1970, atinge a cifra de doze mil exemplares, e alcança a casa dos quinze mil na década de 1980. Atualmente sua tiragem é de três mil exemplares.<sup>3</sup>

Nestes primeiros anos a revista foi oficialmente dirigida por Haydée Santamaría (1923-1980), também diretora do órgão cultural responsável pela publicação, mas em vários números, principalmente a partir do 15-16 (nov. 1962 – fev. 1963), apareceu um conselho de redação, chefiado pelo poeta Antón Arrufat (1935-).<sup>4</sup> No entanto, um dos grandes nomes prontamente associados a esta revista é o de Roberto Fernández Retamar (1930-), intelectual que assume a direção de *Casa de las Américas*, a revista, em 1965.<sup>5</sup> A partir deste momento a publicação passou a contar com um corpo de redação fixo, composto por intelectuais cubanos e estrangeiros. Também definiu mais explicitamente uma linha editorial, tornando fixas e criando seções bem delimitadas, de acordo com os diversos tipos de texto ali publicados, bem como fez presente, a partir de então, um editorial assinado coletivamente pelo Comitê de Colaboração. Muitos especialistas indicam aí, também, uma maior insistência e ênfase em discussões voltadas às questões políticas da revolução.<sup>6</sup> O perfil que Retamar vinha traçando desde 1959 em suas afiliações políticas, e em sua obra poética e ensaística, confirma que a indicação de seu nome para a direção da revista *Casa* tinha um caráter de politização da publicação. Rafael Rojas, um crítico do

---

<sup>3</sup> LIE, Nadia. **Transición y transacción:** la revista cubana Casa de las Américas (1960-1976). Leuven: Universiteit Leuven, 1996. p. 24.

<sup>4</sup> Haydée Santamaría foi escolhida por Fidel por fundar e dirigir a *Casa de las Américas*. Guerrilheira e participante ativa do Movimento 26 de Julio, ela atuou no assalto ao Moncada em 1953, do qual saiu como prisioneira. Depois de libertada, trabalhou intensamente para a reorganização do movimento que os levaria à vitória em 1959. Sua figura é central para revista e instituição já que, como diretora, estabeleceu contatos com intelectuais estrangeiros e organizou eventos que tornariam *Casa* referência no cenário cultural latino-americano e ocidental. Também, Haydée Santamaría “emprestou” à *Casa de las Américas* sua legitimidade política atestada por seu histórico de participação no movimento guerrilheiro e revolucionário. Cf. MOREJÓN ARNAIZ, Idalia. **Política y polémica en América Latina:** las revistas Casa de las Américas y Mundo Nuevo. México: Educación y cultura, 2010.

<sup>5</sup> Roberto Fernández Retamar, atualmente, é o diretor também da instituição *Casa*, cargo que ocupa desde 1986. Desde sua fundação, até 1980, *Casa* foi dirigida por Haydée Santamaría, e Mariano Rodríguez esteve à direção de 1980 até 1986.

<sup>6</sup> MOREJÓN ARNAIZ, Idalia. *Op. Cit.*

regime cubano, analisando a trajetória de Retamar no período identifica uma mudança de postura e de ideologia na obra deste autor entre a década de 1950 e 1960:

Los poemas que Fernández Retamar escribió entre 1959 y 1964 están llenos de testimonios similares de su adhesión al nuevo orden socialista. Una adhesión que siempre esa expresada como un gesto de contrición, de *mea culpa* por no haber descubierto antes la experiencia revolucionaria y por no haberse entregado a tiempo a una escritura comprometida.<sup>7</sup>

Rojas também ressalta que o compromisso de Retamar com o regime cubano pode ser notado em suas concepções estéticas e artísticas, chegando a defender uma perspectiva quase propagandística da poesia e da arte sob o socialismo.<sup>8</sup> O próprio Arrufat declarou em entrevista a Nadia Lie que pediu pessoalmente sua saída da direção em 1965 devido às demandas do governo por dar à revista um caráter mais político e menos artístico.<sup>9</sup> Claudia Gilman também destaca que a instauração do regime de partido único, com a constituição do Partido Comunista de Cuba (PCC) em 1965, criou a exigência entre os intelectuais de uma fidelidade dupla, a Fidel e ao Partido, o que colocou em posição difícil fidelistas “não comunistas”, como o caso de Arrufat, o que poderia ter contribuído para sua saída da direção de *Casa*.<sup>10</sup>

O ano de 1965 costuma ser nos estudos sobre a revista um marco divisor. Nadia Lie atesta esta diferença entre uma fase e outra através da análise de categorias como a periodicidade, a produtividade e a coletividade expressas na revista. O estudo da autora conta com um amplo levantamento estatístico, o qual mostra que a bimestralidade tornou-se muito mais respeitada após 1965, sendo escassos os números duplos que cobriam períodos de quatro meses, um mecanismo muito usado nos primeiros anos de existência de *Casa de las Américas* para driblar a pressão da apertada periodicidade. Também o número médio de páginas e artigos por edição praticamente dobra nesta segunda fase. Quanto à coletividade, a mudança estaria expressa na presença agora fixa do “comitê de colaboração”, constituído

---

<sup>7</sup> ROJAS, Rafael. **Tumbas sin sosiego**: revolución, disidencia y exilio del intelectual cubano. Barcelona: Anagrama, 2006. p. 289.

<sup>8</sup> *Idem, Ibidem*, p. 292.

<sup>9</sup> LIE, Nadia. **Transición y transacción**, 1996. p. 277.

<sup>10</sup> GILMAN, Claudia. Casa de las Américas (1960-1971): un esplendor en dos tiempos. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). **História de los intelectuales en América Latina**: los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires: Katz, 2010. p. 293.

por intelectuais cubanos e estrangeiros envolvidos com o processo revolucionário e com o projeto que a revista representava.<sup>11</sup>

Na conformação de seu ideário revolucionário oficialista, *Casa de las Américas* lança mão de vários elementos e fatores que legitimam e autorizam seu discurso, que lhe auxiliam na construção discursiva da identidade latino-americana e na validade de seu projeto diante de grupos intelectuais dispersos pelos mais diferentes contextos. Assim, quando pensamos em uma “retórica americana”, queremos ressaltar que na revista *Casa* podemos divisar uma apropriação discursiva de temas como a identidade, o herói, o intelectual, e outros que iremos discutir ao longo do trabalho, com o intuito de defender interesses ou de firmar-se diante de um público. Dessa forma, a revista, a todo momento, está mobilizando artefatos verbais de um repertório retórico para estabelecer uma concepção, para reafirmar um discurso, para legitimar ou autorizar um posicionamento no campo cultural, político, intelectual. São temas reelaborados e ressignificados em diversos contextos da história da América e, nem por isso, perdem sua validade. É justamente a reapropriação e a retomada destes elementos que lhes confere vigor e relevância. A revista constitui, assim, uma parte da história desta retórica, e o que propomos aqui é uma leitura das formas, operações e mecanismos de construção discursiva.

Um tema bastante importante que perpassa o projeto intelectual que preside a publicação desde seu primeiro número, e que, a nosso ver, é ainda pouco explorado pela historiografia, é o das diferentes identidades, em diferentes escalas e alcances, que estariam construídas nas páginas de *Casa*. Os diversos trabalhos realizados sobre a revista confirmam a presença de um discurso que trata das problemáticas e questões nacionais do continente sob perspectivas identitárias, mas não avançam nesta análise e não aprofundam a discussão de como e através de que meios estas identidades são constituídas. Devem ser levados em consideração, na conformação deste discurso, os diferentes intelectuais e os diferentes contextos dos quais partem para defender estas unidades que se quer estabelecidas; também, deve-se ter em mente o projeto de revolução que Cuba defendia e

---

<sup>11</sup> Contava com cerca de noventa páginas por volume, entre 1960 e 1965, média esta elevada para um número próximo de cento e setenta e uma páginas por entrega entre 1965 e 1976. O número de artigos por volume também sofre uma alteração: a média de dezessete no primeiro período se eleva para trinta e um durante os anos de 1965 e 1976. Cf. LIE, Nadia. **Transición y transacción**, 1996. p. 25-28.

como a revista *Casa* se inseria e se propunha a concretizar tal projeto. O surgimento de termos geopolíticos (anti-imperialismo, terceiro mundo, subdesenvolvimento, *etc...*), permeando os textos dos diversos gêneros e nas variadas seções da revista, dá um indício do caminho a ser trilhado nesta proposta de compreensão da maneira pela qual se constituíram estas identidades nos discursos veiculados pela publicação.

A questão da identidade intelectual vem recebendo atenção dos estudiosos, sendo um exemplo o artigo “Viaje a Casa de las Américas en dos números”, de Alejandra González Bazúa.<sup>12</sup> A autora destaca que a revista cria um “nós” ligado aos intelectuais que compartilham as ideias que cercam *Casa*, e a unidade e identificação aí produzidas fazem parte de uma construção complexa que dá conta de toda a peculiaridade de pontos de vista e polifonia que a prática intelectual pressupõe. A autora também enfatiza que este “nós” é flexível e mutável, dinâmico, responde às vicissitudes de seu contexto de produção e enunciação, produzindo nesta identidade variações para corresponder ao processo que envolve a relação dos intelectuais com a política e o contexto social onde estão inseridos.

Como produtores e também principais consumidores e leitores da revista, os intelectuais fazem parte de um tópico bastante recorrente que é o da relação que artistas, escritores e pensadores travam com o mundo à sua volta e com o contexto social onde estão inseridos. Sendo o público alvo da revista, estas discussões sobre o intelectual e a revolução empreendidas nas páginas de *Casa*, surgem com um teor de cobrança por um compromisso pessoal e uma responsabilidade profissional, o que acaba por gerar um entendimento muito instrumental da cultura e de suas expressões (arte, música, literatura, teatro, *etc...*) em relação aos propósitos políticos do regime cubano. Como a maioria dos intelectuais, que contribuía com a publicação, eram escritores, é natural que os debates tenham caminhado para o sentido de discutir a literatura e os novos cânones do movimento literário que marcou a narrativa latino-americana em meados do século XX. O *boom* literário tornou-se assim um alvo de críticas e interpretações políticas que giraram em torno de disputas e

---

<sup>12</sup> GONZÁLES BAZÚA, Alejandra. Viaje a Casa de las Américas en dos números. In: CRESPO, R. **Revistas en América Latina**, 2010. p. 479-501.

debates acerca da legitimidade desta literatura e de seus autores num âmbito cultural que se tornava cada vez mais politizado.<sup>13</sup>

A revista discute e dá espaço a todo tipo de expressão cultural, mas, sem dúvida, é a literatura que se destaca desde suas primeiras páginas, em críticas e resenhas, números dedicados à literatura deste ou aquele país ou a grandes nomes da literatura latino-americana. A literatura consagra seu espaço dentro da instituição com a realização do concurso literário anual, o *Premio Casa de las Américas*, que adquire grande visibilidade e proeminência no contexto literário e na criação narrativa latino-americana do período.<sup>14</sup>

É a autoridade da instituição e da revista *Casa* no cenário cultural e político latino-americano e a importância que a literatura recebe em suas discussões sobre a arte revolucionária que tornam esta publicação nosso objeto de estudo. Os embates entre a intelectualidade e dirigentes políticos não foram raros ao longo da década de 1960 ou 1970. Assim, a revista torna-se um local privilegiado para observarmos a dinâmica e a complexidade da construção de discursos que transitam entre cultura e política, relacionando estas duas esferas e conciliando reivindicações artísticas com demandas e ingerências políticas no campo cultural cubano.

Uma das temáticas que nos chamou a atenção durante a pesquisa diz respeito às diversas formas de apropriação e uso da obra de José Martí (1853-1895).<sup>15</sup> Na revista, a presença de grandes nomes e figuras da Revolução é constante. Dentre Fidel Castro e Che Guevara, Martí se destaca. Este autor deixa uma obra poética e ensaística considerável que

---

<sup>13</sup> MOREJÓN ARNAIZ, I. **Política y polémica en América Latina**: las revistas Casa de las Américas y Mundo Nuevo. Tese, PROLAM – USP, São Paulo: 2004. p. 239-247. O *boom* literário latino-americano é um termo usado para indicar uma literatura que se popularizou e se tornou um fenômeno do mercado editorial nos anos 1960 e 1970. Ver BRAGANÇA, Maurício. Entre o boom e o pós-boom: dilemas de uma historiografia literária latino-americana. *Ipotesi*. Juiz de Fora, v. 12, n. 1, jan.-jul. 2008. p. 119-133. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/11-Entre-o-boom-e-o-p%C3%B3s-boom.pdf> Acesso em 11/11/2013.

<sup>14</sup> CAMPUZANO, Luisa. La revista Casa de las Américas en la década de los sesenta. *América. Cahiers du Criccal*. Paris, n. 9/10, p. 55-63. 1992.

<sup>15</sup> José Martí (1853-1895) foi um intelectual cubano do século XIX. Viveu a maior parte de sua vida fora de Cuba na condição de exilado. Fundou o Partido Revolucionário Cubano e atuou nos movimentos independentistas de Cuba e Porto Rico. Sua vida e obra são temas recorrentes nas disputas e polémicas do imaginário político da América Latina. Cf. SILVA JÚNIOR, José A. F. O herói revivido: Martí e o discurso revolucionário cubano. *Temporalidades*. Belo Horizonte, v.4, n. 1, jan.-jul. 2012. p. 63-76. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/temporalidades/revista/index.php?prog=mostraartigo.php&idcodigo=237> , acesso em 12/04/2013.

é em parte republicada e reeditada no século XX, dada a vigência de sua figura entre os cubanos. Mostra disso é a autodefesa de Fidel Castro em 1953 em seu julgamento pelo ataque ao quartel Moncada.<sup>16</sup> No discurso, publicado em formato de livro sob o título de *A história me absolverá*<sup>17</sup>, Castro atribui a Martí a autoria intelectual do movimento rebelde. Podemos apontar nas páginas da revista uma perspectiva e uma nova concepção em torno do intelectual e do ofício de escritores, poetas, artistas e demais produtores culturais que teria sido construída a partir da figura de Martí. Estas concepções circularam e modelaram relações, posicionamentos, identidades que pautaram a esquerda do continente e do ocidente. Uma das questões motoras de nosso trabalho é discutir como Martí e sua obra são apropriados e tomados como modelos pelo grupo de intelectuais reunidos em torno de *Casa de las Américas* para traçar projetos e propostas para intelectuais esquerdistas que buscavam mostrar seu engajamento político através da participação na Revolução Cubana. Sem dúvidas, o peso da ideologia martiana recai para os cubanos que tentam resgatar sua herança do XIX e, assim, surge como paradigma para grande parcela da esquerda continental que buscava no processo cubano uma expressão de luta e resistência ao capitalismo e ao imperialismo no contexto da Guerra Fria.

Nadia Lie ressalta como a figura de Martí é fortemente apropriada pela revista: o “apóstolo”, epíteto constantemente atribuído a Martí em *Casa*, adquire onipresença temporal, constantemente “ressuscitado” pelas referências a sua obra e a sua pessoa. Na verdade, a autora revela uma presença maior ainda de Martí quando empreende uma análise dos editoriais da revista entre os anos 1960 e 1976 e constata que a maior parte das citações que aí aparecem são dele. A autora defende que estas citações nos editoriais contribuem para a construção da figura martiana como o primeiro denunciador do imperialismo americano que teria sacrificado sua vida pela realização da segunda independência de Cuba e da América Latina, aquela que livraria os povos do continente da dominação e do neocolonialismo empreendido pelos EUA.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> O ataque ao Moncada foi resultado de uma ação organizada por Castro em um movimento contra a ditadura de Fulgencio Batista. O ataque seria realizado a dois quartéis, o Moncada e o Bayamo, no dia 26 de julho de 1953, data significativa por ser o centenário de aniversário de Martí. O assalto falhou e a maioria dos rebeldes foi morta. Fidel Castro foi preso, sendo libertado dois anos depois, quando se exilou no México.

<sup>17</sup> CASTRO, Fidel. **A história me absolverá**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

<sup>18</sup> LIE, Nadia. **Transición y transacción**, 1996. p. 91-112.



Para realizar o trabalho que aqui propomos, optamos por nos deter, principalmente, sobre a seção “hechos/ideas”.<sup>19</sup> Nela pudemos realizar um recorte orientado a partir das problemáticas que foram desenvolvidas ao longo da pesquisa. Os textos aí reunidos versam não necessariamente sobre a temática específica de cada número nos permitindo, assim, analisar artigos e ensaios sobre os diversos assuntos que figuravam entre as discussões e debates da intelectualidade congregada em torno de *Casa*. A seção, se comparada com outras, conta com poucos textos, uma média que varia de três a cinco títulos por número. No entanto, são os textos mais extensos presentes na revista, dando aos autores mais espaço para desenvolver suas argumentações. A consulta a outros textos não foi descartada, obviamente. De forma complementar, materiais das outras seções também foram analisados e figuram aqui também em nossa discussão não só porque alguns números não traziam a seção “hechos/ideas”, por serem especiais ou comemorativos, mas, também, porque poderiam colaborar nos temas problematizados pelo nosso trabalho.

Nos capítulos que se seguem nos propomos a abordar os seguintes temas: no primeiro capítulo, serão discutidos pressupostos metodológicos e premissas que a historiografia já produzida pode nos oferecer para melhor acercamento das questões que levantamos em relação ao objeto de estudo. Assim, analisamos a abordagem de alguns dos principais autores que já tiveram *Casa* como objeto de pesquisa. Contrapondo-se estes estudos, é possível distinguir diferentes concepções metodológicas e conformar uma perspectiva múltipla para problematizar as revistas culturais. Também neste capítulo serão inseridas as discussões em torno dos intelectuais vistos como atores históricos com possibilidades diferenciadas de intervenção no seu contexto dadas às configurações específicas que cercam a constituição destes sujeitos em cada sociedade. Questões como campo, sociabilidade e rede intelectual se mostraram importantes para melhor situar os diferentes discursos que surgem em *Casa*, como foram produzidos, reafirmados e como circularam entre uma comunidade que superou os limites geográficos latino-americanos.

No segundo capítulo, nos acercaremos às questões em torno das identidades constituídas nas páginas de *Casa*. Passando pelos diferentes conceitos utilizados pela revista para elaborar um discurso identitário, poderemos observar como termos geopolíticos

---

<sup>19</sup> Ver Apêndice a esta dissertação: “Casa de las Américas: 1965-1976”, p. 118.

foram amplamente estabelecidos. A definição de um inimigo imperialista é um primeiro passo para a criação de uma identidade que pretendia reunir diferentes países e diferentes processos históricos sob uma perspectiva do subdesenvolvimento. Como parte desta análise, perceberemos que a figura de José Martí surgirá como instância de suporte deste tipo de discurso. Também, destacaremos a produção de diferentes alcances identitários que, longe de se excluírem, se superpunham na composição de um projeto cubano revolucionário. Estabelecer alguns elementos e problemáticas em torno deste projeto também faz parte deste capítulo: localizar a revista *Casa* e seu papel nesta concepção de um cenário mais amplo.

Por fim, no terceiro capítulo, buscamos discutir algumas implicações das políticas culturais do regime revolucionário para o campo cultural e intelectual cubano. A produção de discursos através dos distintos órgãos oficiais do período criou um senso de oficialidade que instituiu autoridades e validações entre intelectuais que estavam vinculados à revolução. Da mesma forma, por outro lado, produziu críticas, deslegitimando um grupo específico de atitudes sociais assumidas por estes sujeitos. Discutiremos como este discurso anti-intelectualista foi construído a partir de vários outros que cercavam a relação entre o político e o cultural em Cuba e na América Latina. Mais uma vez, tomaremos a figura de Martí como forma de recortar uma operação discursiva específica: a configuração de modelos intelectuais de conduta e participação política. Por fim, na esteira do resgate empreendido deste autor do XIX, buscaremos destacar como na revista *Casa* a história e o passado funcionaram como âmbito de legitimação do processo revolucionário que se estabeleceu a partir de 1959 em Cuba.

## Capítulo 1 – *Casa*: uma revista e os sujeitos desta história

O trabalho com revistas culturais é extremamente vinculado à problemática dos intelectuais tomados como sujeitos e atores históricos. São profissionais advindos de ofícios marcados pela dinâmica cultural (romancista, poeta, crítico, jornalista, editor, professor, acadêmico, *etc...*) que estiveram em constante contato com estas revistas. A principal forma de inserção destes intelectuais no processo da Revolução Cubana foi através da publicação de seus textos e artigos neste espaço, justificando e validando politicamente, assim, seu meio de atuação profissional. Devemos compreender estes pensadores não como afastados da sociedade sobre a qual lançam seu olhar crítico, mas, sim, localizados e inseridos nos jogos e contradições da sociedade da qual fazem parte, ou seja, têm historicidade. É interessante perceber como esta figura é tão central para discutir as problemáticas que apresentamos neste trabalho. A própria *Casa* afirmou e legitimou uma noção específica acerca de quem seria o intelectual na sociedade cubana, em particular, e na América Latina, em geral. Discutiremos essa problemática no terceiro capítulo, mas é importante ressaltar neste momento como a figura do intelectual também se converteu em ponto de disputas e atrito neste contexto.

É importante também visualizar um local de enunciação construído pela intelectualidade cubana e latino-americana nas páginas de *Casa de las Américas*. A partir daí, foi difundido um discurso imbuído de autoridade, conferida pela constituição institucional da publicação e por sua relação com o poder revolucionário, perante seu público alvo. Beatriz Sarlo ressalta que, para a configuração de discursos no campo intelectual, um elemento essencial é a autorização perante o destinatário intelectual, sem a qual não se concretiza o imaginário de intervenção social através, como no caso de *Casa*, da defesa de um regime político.<sup>20</sup>

Um conceito interessante para trabalharmos sobre a temática dos intelectuais latino-americanos em sua relação com a política e com a sociedade é o de “rede intelectual”<sup>21</sup>. Germán Fuschini trabalhou com esta ideia em torno de *Casa de las Américas* e enfatizou a

---

<sup>20</sup> SARLO, Beatriz Intelectuales, un examen. *Revista de Estudios Sociales*. nº 5, jan. 2000, p. 2-5.

<sup>21</sup> O conceito de “sociabilidade intelectual” é definido por J. Sirinelli. Cf. SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 231-262.

importância da sociabilidade como elemento para compreensão das problemáticas em torno da revista cubana. O autor define uma rede a partir das relações, profissionais e pessoais, que intelectuais estabelecem entre si em dado período. Em torno de revistas como *Casa*, Fuschini ressalta que foi criada uma rede informal e flexível que inseriu estes intelectuais frente à política de três modos: um primeiro, permitindo que formulassem e divulgassem suas opiniões sobre os mais diversos assuntos; o segundo modo diz respeito à configuração da rede como um ator internacional no cenário político-cultural, colocando-os em contato com instituições oficiais ligadas a governos e representantes de Estado; por fim, a instrumentalização do discurso intelectual em relação ao poder político também é uma forma de inserção do intelectual na política.<sup>22</sup>

Em outro artigo, Fuschini argumenta que as revistas latino-americanas surgidas neste contexto de meados do século XX foram, ao mesmo tempo, suporte e sintoma da criação desta comunidade de intelectuais. Segundo o autor, *Casa* ajudou a forjar a rede de intelectuais latino-americanos da época. A instituição, contando com sua estrutura de órgão cultural, trabalhou no sentido de articular esta rede através de alguns mecanismos: convites constantes a escritores e intelectuais estrangeiros para irem a Havana e participarem dos eventos promovidos pelas instituições oficiais e organizando, com certa regularidade, encontros e conferências. A revista também colaborou na articulação e constituição desta rede através de seu Comitê de Colaboração que se concretiza a partir de 1965 com a chegada de Retamar à direção. Este comitê se reunia periodicamente em Havana e, destas reuniões, surgiam não só os planos das diferentes edições da revista como também textos coletivos, os editoriais, que manifestavam suas posições a respeito dos mais diversos acontecimentos, em nível nacional e internacional. Assim, Cuba e a instituição *Casa de las Américas*, principalmente através de sua revista, são o eixo fundamental da rede de escritores e intelectuais que se forma na América Latina no contexto do processo revolucionário cubano.<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> FUSCHINI, Germán. Escritores políticos: América Latina en los sesenta. **Revista Universum**. Universidad de Talca, Chile, n. 18, 2003. p. 273-281.

<sup>23</sup> FUSCHINI, Germán. La red de escritores latinoamericanos en los años sesenta **Revista Universum**, Universidad de Talca, Chile, n. 15, 2000. p. 337-350.

A criação da instituição *Casa de las Américas* em 1959 se insere num esforço do recém-instituído regime revolucionário de fundar órgãos responsáveis por promover a cultura e a arte e desenvolver atividades que tornassem estas expressões culturais acessíveis a toda a população. A criação do *Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos* (ICAIC), em 1959, e do *Instituto Cubano de Radiodifusión*, em 1962, dentre outros, está relacionada com este projeto empreendido pelo governo desde os primeiros meses de seu estabelecimento no poder.<sup>24</sup> Isto mostra o espaço que a cultura tinha na proposta revolucionária: a transformação não passava só pela democratização das linguagens culturais e artísticas. Tratava-se de criar espaços de produção que colocassem em diálogo os diferentes setores da sociedade cubana.

Mais que isso, a proposta cultural da Revolução Cubana englobava uma concepção de cultura comum entre os países da América Latina que não era original deste contexto, já estando bem formulada ao longo do século XX. A ideia de superar o plano do nacional permitia que fosse assegurada uma identidade a partir de processos históricos comuns e criava um senso de aproximação e colaboração entre povos numa interpretação marxista: as oposições não se estabeleciam entre nações, mas, sim, entre classes. Assim, *Casa* (revista e instituição) conseguiu se estabelecer como referência entre intelectuais e acadêmicos marxistas, porque conjugava sua proposta institucional com trabalhos de autores renomados em diversas temáticas das ciências humanas do período.

Podemos observar melhor como a cultura é um elemento central para a concepção de comunidade da revista num editorial de 1964 redigido sob o embargo das relações internacionais imposto pelos EUA e pela OEA (Organização dos Estados Americanos). A cultura seria o elo que o embargo não poderia superar: “Mientras en Washington se acrecentaba la política de división, nosotros trabajábamos por la comunicación, mutuamente enriquecedora, de las culturas nacionales”.<sup>25</sup> Neste trecho surge a proposta de comunicação a que se propõe a revista. A publicação, como meio de discussão cultural, pretendia ser o espaço de efetivação desta comunidade. Assim, a revista *Casa de las*

---

<sup>24</sup> O ICAIC e o cinema cubano se constituíram como referências no cenário cinematográfico latino-americano do período. Cf. VILLAÇA, Mariana. **Cinema cubano: Revolução e política cultural**. São Paulo: Alameda, 2010.

<sup>25</sup> EDITORIAL. Nuestra respuesta. **Casa de las Américas**, Havana, n. 26, oct.-nov. 1964. p. 2.

*Américas* se colocava dentro do projeto revolucionário e representou um veículo de exportação do discurso oficial, das concepções e noções que figuravam neste ideário revolucionário que colocava Cuba na liderança das esquerdas latino-americanas em um movimento rumo à revolução continental.

São vários os trabalhos que tomam a revista *Casa de las Américas* como objeto de estudo, dos quais indicamos aqui os principais. Em 1973, Judith Weiss<sup>26</sup> publica nos Estados Unidos *Casa de las Américas: an intellectual review in the cuban revolution*, um estudo sobre a revista no período de 1960 a 1971. Em 1984, foi publicado um artigo por Susan Frenk<sup>27</sup> onde a autora compara *Casa* com outra publicação editada em Paris, *Mundo Nuevo* (1966-1971), contemporânea à revista cubana. A relação entre as duas revistas foi bastante polêmica, pois nelas estavam aglomerados grupos intelectuais conflitantes sobre os rumos da Revolução Cubana; estas duas revistas serão alvos de outros estudos comparativos. Em 1991, Nour-Eddine Rochdi<sup>28</sup> defende em Paris sua tese *Vingt ans de politique culturelle de la revue cubaine "Casa de las Américas", 1960-1980*. Em 1996, é publicado em Leuven, Bélgica, por Nadia Lie<sup>29</sup>, o trabalho intitulado *Transición y transacción: la revista cubana Casa de las Américas (1960-1976)*. Juan Carlos Quintero-Herencia<sup>30</sup>, em 2002, conclui seu estudo sobre o imaginário político construído por *Casa* que envolveu a Revolução Cubana, sob um recorte cronológico que vai de 1960 a 1971; publica-o em Rosario, Argentina, sob o título de *Fulguración del espacio*. Claudia Gilman<sup>31</sup>, em 2003, lança em Buenos Aires, sua tese de doutorado no livro *Entre la pluma y el fuzil*, que trata das questões que cercam o intelectual de esquerda latino-americano. Gilman não utiliza apenas *Casa* como fonte, mas traça um importante quadro de estudo da rede intelectual que cobre a América Latina nos anos 1960, onde a revista cubana tem papel

---

<sup>26</sup> WEISS, Judith A. **Casa de las Americas: An Intellectual Review in the Cuban Revolution**. Chapel Hill: Yale University, 1973.

<sup>27</sup> FRENK, Susan. Two cultural journals of the 1960s: Casa de las Américas and Mundo Nuevo. **Bulletin of Latin American Research**, Vol. 3, No. 2, 1984, p. 83-93. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3338255>, acesso em 11/11/2013

<sup>28</sup> ROCHDI, Nour-Eddine. **Vingt ans de politique culturelle de la revue cubaine "Casa de las Américas"**. Tese, Université de Paris III, Paris: 1991.

<sup>29</sup> LIE, Nadia. *Op. Cit.*

<sup>30</sup> QUINTERO-HERENCIA, Juan Carlos. **Fulguración del espacio: letras e imaginario institucional de la revolución cubana (1960-1971)**. Rosario: Beatriz Viterbo, 2002.

<sup>31</sup> GILMAN, Claudia. **Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina**. 2ª ed. Buenos Aires: Siglo XXI, 2012.

central. Em 2004, no Brasil, Idalia Morejón Arnaiz<sup>32</sup> defende sua tese de doutorado *Política e polémica na América Latina*, onde trata também de *Casa* em comparação com *Mundo Nuevo*. Esta tese foi publicada em livro em 2010, no México, sob mesmo título. Também no Brasil, em 2009, Silvia Miskulin<sup>33</sup> publica sua tese de doutorado *Os intelectuais cubanos: a política cultural da revolução*, defendida em 2005, na qual estuda a relação da cultura com a política cubana entre os anos de 1960-1975 através de vários periódicos, entre eles a revista *Casa*.

Também são importantes para o estudo de *Casa de las Américas* coletâneas que reúnem estudos sobre diversas revistas da América Latina. Esta importância não se deve somente ao fato de contarem com artigos sobre a publicação em questão, mas também porque abarcam as revistas como fonte específica e levam em conta toda a materialidade que este suporte oferece, apresentando uma perspectiva coletiva e abrangente da história intelectual da América Latina por todo o século XX. Em 1992 e 1996, o CRICCAL (*Centre de recherche interuniversitaire sur les champs culturels en Amérique latine* da Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3) publica dois números especiais de sua revista, a *América* (números 9/10 e 15/16 respectivamente), onde trata especialmente das revistas culturais latino-americanas. Nestas publicações, sobre *Casa*, encontramos trabalhos de Luisa Campuzano<sup>34</sup>, Hans-Otto Dill<sup>35</sup> e Nadia Lie<sup>36</sup>. Em 1999, Saúl Sosnowski<sup>37</sup> compila e publica em Buenos Aires o livro *La cultura de un siglo: América Latina en sus revistas*, que conta com um artigo de Ambrosio Fornet<sup>38</sup> sobre *Casa de las Américas*. Recentemente, em 2010, no México, Regina Crespo<sup>39</sup> lançou *Revistas en América Latina: proyectos*

---

<sup>32</sup> MOREJÓN ARNAIZ, Idalia. *Op. Cit.*

<sup>33</sup> MISKULIN, Sílvia Cezar. **Os intelectuais cubanos: a política cultural da Revolução (1961-1975)**. São Paulo: Alameda, 2009.

<sup>34</sup> CAMPUZANO, L. *Op. Cit.*

<sup>35</sup> DILL, Hans-Otto. Cultura, literatura, política latinoamericanas em *Casa de las Américas*, 1970-1990. **América. Cahiers du Criccal**. Paris, n. 15/16, p. 105-118. 1996.

<sup>36</sup> LIE, Nadia. ¿Evolución en la revolución ? La noción de ‘cambio’ en la revista *Casa de las Américas*, 1970-1975. **América. Cahiers du Criccal**. Paris, n. 15/16, p. 119-131. 1996.

<sup>37</sup> SOSNOWSKI, Saúl (org.). **La cultura de un siglo: América Latina en sus revistas**. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1999.

<sup>38</sup> FORNET, Ambrosio. Casa de las Américas: entre la revolución y la utopía. In: SOSNOWSKI, Saúl. *Op. Cit.*

<sup>39</sup> CRESPO, Regina Aída (org.). **Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales**. México: UNAM/Eón, 2010.

*literarios, políticos y culturales*, onde reúne artigos que tratam das revistas a partir da perspectiva de que a América Latina figurou como tema nas publicações e discussões intelectuais. Aqui, o artigo sobre *Casa* fica por conta de Alejandra Gonzáles Bazúa<sup>40</sup>, que estuda dois números da revista do ano de 1971.

O levantamento destas diversas obras nos permite indicar a centralidade da revista *Casa* para o estudo da história cubana desde a década de setenta até os dias atuais. Também a abrangência geográfica de onde partem estes estudos mostra que o interesse por problemáticas que envolvem a Revolução Cubana em seu contato com a cultura segue despertando questões que pesquisadores não só latino-americanos procuram discutir através da revista e de seus textos. Podemos notar que o recorte temporal mais frequente para análise da publicação é o que parte do ano de fundação da revista, 1960, e segue até 1971, ano em que acontece o Caso Padilla<sup>41</sup> e a dissolução do Comitê de Colaboração (formado em 1965 com a direção de Retamar) de *Casa*, o que marca o início de um período conhecido como *Quinquenio gris*<sup>42</sup>, que vai até 1976.

Os estudos sobre a revista *Casa* costumam fazer divisões e periodizações, apoiadas em mudanças do corpo editorial, variações no quadro de colaboradores e eventos políticos que marcam a trajetória da revista para explicar mudanças e transições no funcionamento editorial da revista. Por exemplo, o trabalho de Weiss<sup>43</sup> marca dois principais estágios pelos

---

<sup>40</sup> GONZÁLES BAZÚA, Alejandra. *Op. Cit.*

<sup>41</sup> Em 1968, a obra *Fuera del juego* de Herberito Padilla (1932-2000) foi premiada pela *Unión Nacional de Escritores y Artistas de Cuba* (UNEAC) na categoria de poesia do concurso anual promovido pela instituição. O júri recebeu uma advertência da UNEAC porque os poemas eram de conteúdo bastante questionador e crítico ao regime cubano. A obra foi publicada em tiragem reduzida e o prêmio nunca foi entregue ao autor. No entanto, o livro teve grande repercussão, principalmente entre os jovens intelectuais que já questionavam os rumos autoritários que tomava a revolução. A situação se arrastou até março de 1971 quando Padilla foi preso sob acusação de atividades subversivas e fica incomunicável por cerca de quarenta dias. A prisão de um intelectual pelo regime cubano gera uma grande comoção entre a intelectualidade internacional. São escritas duas cartas abertas a Fidel Castro, assinadas por diversos intelectuais que pediam esclarecimentos. Com o silêncio do regime e com a autocrítica de Padilla em um evento na UNEAC após ser libertado, intelectuais de todo o mundo romperam com a Revolução Cubana.

<sup>42</sup> O escritor cubano Ambrosio Fornet (1932-) utilizou esta denominação pela primeira vez em um artigo publicado em *Casa* em 1987. Referia-se a este período entre 1971 e 1976, marcado pela aproximação da política cubana com a URSS e pelo acirramento das políticas culturais e da censura a artistas cubanos. O uso indiscriminado do termo levou o autor a repensá-lo numa conferência de 2007. Cf. Ambrosio Fornet. *El quinquenio gris: revisitando el termino. Ciclo «La política cultural del período revolucionario: Memoria y reflexión»*, 2007. Disponível em: <http://www.criterios.es/pdf/fornetquinqueniogris.pdf>, acesso em 11/11/2013.

<sup>43</sup> WEISS, Judith A. *Op. Cit.*



quais a revista passou no período estudado, 1960-1971: num primeiro, sob direção de Antón Arrufat, que vai de 1960 a 1965, a autora caracteriza a revista como mais ligada aos moldes tradicionais de uma revista literária, e com a participação de alguns escritores não envolvidos diretamente com o processo revolucionário. O segundo período é marcado pela chegada à direção de Retamar. Temas como a guerrilha e o apoio a movimentos de liberação nacional pelo continente se tornam assuntos centrais e, a partir daí, a autora estuda a revista da perspectiva de que é uma publicação em conformação com as políticas oficiais e acrítica quando trata dos temas que envolvem a revolução.

O trabalho de Nadia Lie<sup>44</sup> analisa um período mais extenso e delimita quatro estágios. O primeiro coincide com o de Weiss, compreendendo os vinte e nove primeiros números, entre os anos de 1960 e 1965, sob direção de Arrufat. Lie também identifica nestes anos o projeto expresso na revista de promover uma arte autônoma em relação à política. O segundo período, entre 1965 e 1968, seria marcado por problemáticas relativas ao intelectual e sua identidade, sua (re)configuração neste contexto revolucionário. A partir de 1968, e até 1971, a autora identifica um terceiro momento, quando se destacaram os eventos, disputas e discussões que culminariam no caso Padilla. A autora estabelece o quarto estágio entre os anos de 1972 e 1976, e é caracterizado pelo funcionamento da revista durante o *Quinquenio gris*, com relações e iniciativas intelectuais diferenciadas.

Sobre o segundo e terceiro períodos destacados, Lie aprofunda as questões em torno do novo diretor e de seu inegável alinhamento com a política do regime. A autora identifica posições diferentes partindo de Retamar: em um primeiro momento, ele defenderia a importância da liberdade artística e, é só com os acontecimentos em torno do caso Padilla, que seu posicionamento teria se tornado rígido, passando, então, a cobrar maior participação dos intelectuais no processo revolucionário, conformando um modelo intelectual que marcou a revista nos anos setenta.<sup>45</sup> O quarto período, justamente este que se inicia com um Retamar mais ávido por apoiar o regime cubano, é marcado, segundo Lie,

---

<sup>44</sup> LIE, Nadia. **Transición y transacción**, 1996.

<sup>45</sup> LIE, Nadia. **Transición y transacción**, 1996. p. 155-235.

por uma escrita mais acadêmica e pautada pelo discurso marxista-leninista em combinação com as problemáticas latino-americanas.<sup>46</sup>

Tal como qualquer tipo de fonte histórica, a revista cultural não é um suporte “neutro” do passado. O contexto de funcionamento e o corpo editorial, em suas diferentes configurações, atribuem às revistas historicidade e oferecem desafios ao historiador que deseja analisar e debater perspectivas de um dado processo. Assim, faz-se necessária uma discussão que considere as revistas também como parte da trama da sociedade e que, em seu caráter histórico, respondem à sua conjuntura e estão sujeitas a disputas e enfrentamentos sociais, políticos e culturais.

### **As revistas e suas disputas**

A revista cultural e suas variações (revista literária, revista política) é um destes periódicos que tiveram grande circulação e difusão nos circuitos de impressos em diversos países da América Latina. O grande apelo que as revistas ofereciam está ligado à sua própria constituição que, à diferença dos diários e jornais, conta com uma periodicidade mais dilatada, reduzindo, assim, o impacto do imediatismo e da transitoriedade na sua elaboração e organização. A materialidade da revista atribui maior permanência e uma validade diferenciada aos textos e autores que nela publicam se comparada com os jornais. No entanto, ao contrário dos livros, as revistas são mais flexíveis e dinâmicas, têm um valor transcendental e atemporal mais tênue e são mais ligadas ao seu presente e à sua conjuntura política. No contexto da Revolução Cubana, é este caráter de impresso intermediário entre livro e jornal que torna as revistas um alvo preferencial dos intelectuais ávidos por participarem de discussões e travarem diálogos com seus pares em diversos países do continente. Construídas sobre um projeto editorial formulado por um grupo, as revistas tornam-se pontos de reunião de intelectuais, integrando aquela rede de sociabilidade que supera fronteiras nacionais e atinge outros contextos, aproximando perspectivas e pontos de vista em comum e criando enfrentamentos e disputas entre posições e projetos conflituosos. A busca por um público e por um espaço de discussão configura a revista como suporte de

---

<sup>46</sup> LIE, Nadia. **Transición y transacción**, 1996. p. 237-268.

inúmeros ensaios, artigos e textos de diversos autores que se constituíram como atores políticos e agentes culturais através justamente do alcance e visibilidade que as revistas constroem no campo político-cultural.<sup>47</sup>

Estas características destacam um objeto importante para a história intelectual, mas foram críticos e teóricos literários que tornaram as revistas culturais da América Latina um material de estudo sistemático a partir da segunda metade do XX, abordando-as dentro da compreensão e análise da constituição e circulação de movimentos literários e artísticos. Paulatinamente, ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980, a centralidade das revistas cresceu e inspirou cada vez mais estudos e eventos dedicados aos pesquisadores que provinham de diferentes áreas. Atualmente, o aporte interdisciplinar está bem constituído e congrega saberes de diversas disciplinas como a sociologia, a teoria literária, a linguística, a ciência política e a história. Essa abordagem ajudou a atribuir às revistas um papel central na dinâmica cultural e política da América Latina, tornando-as objetos privilegiados para o estudo da história do continente a partir de uma metodologia e problemáticas próprias à sua materialidade que passa a ser vista conformando um gênero de escrita próprio, não sendo apenas suporte de outros gêneros.<sup>48</sup> A revista cultural que nos interessa como objeto de estudo neste trabalho já foi alvo de diversas análises devido a sua centralidade no contexto político-cultural do pós-Revolução Cubana. Pretendemos, então, analisar alguns dos principais trabalhos já empreendidos sobre esta publicação e perceber como cada autor abordou encarou a revista como objeto de estudo, possibilitando discussões sobre as aproximações teóricas e metodológicas.

O primeiro estudo que queremos discutir é o realizado por Judith Weiss: *Casa de las Américas: an intellectual review in the cuban revolution*. Sendo uma tese defendida em 1973, a proximidade temporal com seu objeto de estudo chama a atenção. Dentro de seu recorte temporal, que vai de 1960 a 1971, a pesquisadora identifica dois períodos já mencionados brevemente: o primeiro inicia-se em 1960 e chega a 1965; o segundo se inicia com a chegada de Retamar à revista, encerrando-se em 1971 com o caso Padilla. A primeira fase, que segundo Weiss, é marcada por uma preocupação estética e artística, dá

---

<sup>47</sup> CRESPO, Regina. Revistas culturais e literárias latino-americanas, 2011. p. 98-102.

<sup>48</sup> *Idem, Ibidem*, p. 103-115.

lugar a um período de crescente concentração nos conteúdos e temas políticos.<sup>49</sup> Esta periodização do desenvolvimento editorial da revista torna-se muito usada por posteriores estudos de *Casa*. O ano de 1965 surge como marco divisor em todos os outros estudos, bem como Arrufat e Retamar serão figuras reafirmadas ligadas ao artístico e ao político, respectivamente, fazendo referência às orientações temáticas que a revista toma sob suas direções.

O próprio título da tese traz um elemento que é central na análise de Weiss: a conceituação de “revista intelectual”. A autora se preocupa em classificar a revista *Casa* sob esta nomenclatura, numa tentativa de apartá-la das “revistas literárias”. Na concepção da autora uma revista literária é aquela dedicada estritamente à literatura e à crítica literária. A revista intelectual conforma-se como um híbrido entre periódico científico e jornalístico. Assim, se constitui como um “fórum” para publicação de diversos tipos de trabalho, de crítica literária a artigos e ensaios originais sobre temáticas diversas. A autora destaca que na revista intelectual também pode surgir o que ela denomina “literatura contextual” (*contextual literature*), uma literatura com preocupações temáticas bastante voltadas a sua conjuntura; um tipo de texto bastante abundante em *Casa*. A revista intelectual, segundo Weiss, então, é capaz de oferecer valiosas perspectivas sobre a formação de movimentos literários e ideológicos entre intelectuais na área cultural.<sup>50</sup>

A autora ressalta que este tipo de revista, tida como um fórum, torna-se palco de debates que envolvem temáticas em torno da função e da responsabilidade social do intelectual. A ideia da revista como espaço de discussão e disputa fica patente na tese de Weiss, que marca esta noção com metáforas que colocam a revista como “campo de batalha ideológica” ou “arena ideológica”. A autora enfatiza, assim, a revista intelectual como um âmbito onde estão representados os enfrentamentos e conflitos ideológicos do contexto que a envolve, o que estaria demonstrado num crescente envolvimento da revista *Casa* com questões partidárias e políticas ao longo do período analisado. A autora chega mesmo a afirmar a revista como um “espelho” da luta que envolveu o continente no contexto dos

---

<sup>49</sup> WEISS, J. *Op. Cit.*, p. 18.

<sup>50</sup> WEISS, J. *Op. Cit.*, p. 40.

anos 1960, não problematizando muito bem esta concepção.<sup>51</sup> É importante destacarmos que esta compreensão da revista cultural mascara a historicidade do impresso enquanto documento histórico que, portanto, está submetido a dinâmicas e processos típicos de seu formato que de modo algum permitem um mero reflexo contextual.

O próximo trabalho que queremos abordar nesta discussão é o empreendido por Nadia Lie, publicado sob o título de *Transición y Transacción*. O recorte temporal deste estudo vai de 1960, com a fundação da revista, até 1976, ano em que a autora destaca a promulgação da constituição revolucionária cubana e a criação do Ministério de Cultura no contexto da institucionalização dos órgãos de administração do Estado cubano. Assim, este estudo torna-se o primeiro a se dedicar com maior ênfase ao discurso da revista no *Quinquenio Gris*. A importância do trabalho de Lie, no entanto, se deve mais ao fato de a autora mobilizar uma série de teorias e metodologias de diferentes disciplinas para sua investigação sobre a revista *Casa de las Américas*. A autora busca superar, assim, a dificuldade que a revista, enquanto objeto de estudo, oferece ao pesquisador ao comportar uma grande quantidade de material textual, envolvendo uma boa variedade temática e formal.

Nadia Lie lança mão, então, de diversas ferramentas, por exemplo, ao empreender um detalhado levantamento estatístico de vários elementos (citações, colaboradores, temas, páginas, artigos, periodicidade, *etc.*) da revista nos cem volumes que foram publicados entre 1960 e 1976. Estes dados quantitativos permitem à autora realizar uma apurada análise de aspectos formais e relativos ao funcionamento editorial da publicação que lhe dão outra perspectiva sobre a dinâmica e os processos que envolvem a construção discursiva na revista.<sup>52</sup> Lie também enfatiza em seu estudo o conceito de “campo” desenvolvido por Bourdieu. Aplicada para problematizar as filiações e a autonomia dos sujeitos que estavam envolvidos com a *Casa de las Américas* e que constituíam um campo intelectual cubano e latino-americano, é esta noção que oferece a autora certa compreensão sobre a relação do discurso da revista com o poder político estabelecido.<sup>53</sup>

---

<sup>51</sup> WEISS, J. *Op. Cit.*, p. 16-18.

<sup>52</sup> Por exemplo, Cf. capítulos I, *Casa en cifra*, e III, *Las voces Casa*, In: LIE, N. **Transición y transacción**, 1996. p. 25-57; 91-112.

<sup>53</sup> LIE, N. **Transición y transacción**, 1996. p. 14-15.

Talvez, a principal contribuição e diferenciação metodológica que o trabalho de Lie oferece aos estudos de *Casa* e das revistas culturais esteja no repertório técnico e teórico que a autora busca na teoria literária. Com grande referência à semiótica, Lie explora a análise discursiva como um instrumento não previamente definido, mas desenvolvido nos contornos de seu objeto. Assim, os diversos conceitos utilizados acabam por compor toda a estrutura de seu trabalho. Entre os principais estão: “enunciante”, “atuante” e “socioleto”. Este último é o que permite entender a revista como produto de um grupo. O socioleto de *Casa de las Américas* estaria constituído pelos diversos textos publicados na revista que, apesar da polifonia, conformam uma mensagem, ou um grupo coerente de mensagens; a autora explora os diversos mecanismos de construção deste socioleto e procura explicar a revista como um “autor” que se expressa nos vários materiais publicados, não só nos editoriais ou notas criadas pela direção.<sup>54</sup>

Nadia Lie busca inserir seu trabalho sob uma linha de estudos e trabalhos com revistas culturais desenvolvida principalmente por vários pesquisadores de sua universidade, a Katholieke Universiteit Leuven, na Bélgica. Esta linha, chamada “sociocrítica”, se caracteriza pela ênfase dada à análise *do* texto, ressaltando como o “estatuto do social” está expresso aí, ao contrário de outros trabalhos nos quais “la dimensión textual de las revistas suele quedar marginada [...] ‘por su acento en el aspecto institucional’”.<sup>55</sup> No entanto, Lie está sempre preocupada em localizar temporalmente a publicação diante das questões que coloca a seu objeto. A autora defende que a visão de mundo que *Casa* representa está articulada a seu contexto, destacando a importância de se observar o caráter discursivo da revista. Então, em seu trabalho encontramos uma noção histórica mais problematizadora, percebendo na análise do discurso da publicação “[...] la mediación lingüística e ideológica entre ‘la historia real’ e a historia tal como se encuentra en la revista”.<sup>56</sup> Lie sugere, assim, que *Casa* integra “[...] ‘la historia’ de un discurso sobre la historia”.<sup>57</sup>

---

<sup>54</sup> LIE, N. **Transición y transacción**, 1996. p. 9.

<sup>55</sup> LIE, N. **Transición y transacción**, 1996. p. 11.

<sup>56</sup> LIE, N. **Transición y transacción**, 1996. p. 8.

<sup>57</sup> LIE, N. **Transición y transacción**, 1996. p. 9.

O trabalho de Juan Carlos Quintero-Herencia é tido pela bibliografia como um dos principais estudos sobre *Casa*. Seu tema parte da premissa de que a revista constituiu um imaginário institucional revolucionário que teria se formado nas esferas discursivas da sociedade e atuou sobre o campo da política e da cultura. Parte central de sua argumentação e hipótese é estabelecer que o evento revolucionário, com todas as suas transformações, gerou uma crise também sobre os modos de concepção do tempo histórico, o que contribuiu para uma crescente problematização das formas de representação cultural cubanas. Assim, os diversos debates e discussões culturais que se disseminaram no contexto da Revolução Cubana seriam, segundo o autor, tentativas de definição do literário e de sua posição neste novo cenário.<sup>58</sup> O autor define, então, revolução como uma “[...] categoría que permite pensar los modos de organización discursiva, los efectos y los intercambios que las relaciones entre lo literario y lo político experimentaron en Cuba durante la primera década de gobierno revolucionario”.<sup>59</sup>

Quintero-Herencia afirma que essa experiência criada pelo revolucionário colocou em contato discursos e ideias sobre o literário em Cuba e na América Latina. Neste quadro, o projeto editorial e revolucionário de *Casa de las Américas* ganha outro sentido. A proposta do autor é pensar

[...] cómo esta revista tematizó entonces *el tempo y la forma del dominio público en la Revolución* desde los debates de la esfera cultural cubana y de qué manera la revista colocó, entre sus preocupaciones editoriales, el carácter situacional del contexto cultural inmediato que la estimulaba.<sup>60</sup>

Aos poucos, a revista teria se constituído como local de autoridade para arbitrar questões culturais de seu meio. Assim, *Casa* constrói um discurso revolucionário latino-americanista ao criar critérios de definição do literário, declarando normas e prescrições, atribuindo especificidades, utilidades e funcionalidades que passam a pautar sua concepção de literatura.

---

<sup>58</sup> QUINTERO-HERENCIA, J. *Op. Cit.*, p. 54-58.

<sup>59</sup> QUINTERO-HERENCIA, J. *Op. Cit.*, p. 61.

<sup>60</sup> QUINTERO-HERENCIA, J. *Op. Cit.*, p. 54. Itálico no original.

Neste cenário onde autoridades e critérios tradicionais estão em crise, a própria forma de *Casa*, segundo o autor, mostra uma busca por ordem e modos discursivos que se inscrevam nesta sociedade onde a Revolução é colocada como primazia social e histórica. *Casa* permite, assim, uma *institucionalidade* cultural na América Latina que atua criando novas posições sociais para a literatura. O que Quintero-Herencia defende é que esta revista cubana estabelece uma *instituição* cultural e revolucionária em resposta ao seu contexto de crise: “En una topografía histórica dinamitada por la Revolución, la *Casa* se encuentra suspendida. Sobre la ‘falla’ discursiva colocada, [...] esta *Casa* articula y conecta, sella y borra quiebres, fisuras y subsuelos textuales puestos en circulación por la eclosión revolucionaria”.<sup>61</sup> É neste tipo de atuação que a revista teria contribuído para produzir uma legitimidade moral e histórica para o novo Estado cubano.<sup>62</sup>

Ao discutir formas de regulação para estas textualidades revolucionárias, *Casa de las Américas* surge para o autor como um gênero discursivo, numa concepção mais ampla desta categoria explicativa. A principal contribuição deste trabalho para metodologias de estudo das revistas culturais reside neste ponto. Pensar a revista como um gênero leva em consideração a espacialidade que sua forma e política editorial constroem. Acentuar e enfatizar determinadas compreensões, discussões e produções faz parte da marca genérica de cada revista que, ao trabalhar com diversos tipos de textos, fomenta modos de leitura e organização acerca de outros gêneros. Quintero-Herencia afirma, também, que faz parte desse gênero de revistas culturais a constituição de uma identidade entre editores, intelectuais e seu público desejado. Tal identificação delimita e regula o projeto editorial das revistas que buscam se constituir dentro desta dinâmica que envolve produção e recepção, autoria e interpretação.<sup>63</sup> Esta concepção da revista como um gênero, sem dúvida, permite perspectivas novas e interessantes. A relação do textual com seu ambiente histórico e seu meio intelectual de produção torna-se problematizada por outras questões. O próprio objeto de estudo, a revista cultural, perdendo o mero caráter de suporte documental, desenvolve uma historicidade e uma significação histórica que abrem novas aproximações ao pesquisador.

---

<sup>61</sup> QUINTERO-HERENCIA, J. *Op. Cit.*, p. 68.

<sup>62</sup> QUINTERO-HERENCIA, J. *Op. Cit.*, p. 60-68.

<sup>63</sup> QUINTERO-HERENCIA, J. *Op. Cit.*, p. 50-54.



Também queremos destacar um trabalho que não toma *Casa de las Américas* como única fonte de estudo, mas a insere num grande levantamento de publicações e produções culturais latino-americanas. Se trata da obra *Entre la pluma y el fusil*, de Claudia Gilman, publicado originalmente em 2003 e reeditado em 2012. Esta autora empreende um estudo sobre as relações entre política e cultura no grande contexto latino-americano, perpassando diversas revistas culturais, e detendo-se nas problemáticas em torno do intelectual neste cenário criado pela Revolução Cubana. Assim, a importância da revista estaria no fato de possibilitar uma relação próxima entre política e cultura, inaugurando um modo de participação e compromisso político alternativo ao intelectual de partido. As revistas se tornam um espaço de expressão que vai além do literário para escritores e literatos que, ao se inserirem nesta dimensão pública, se ratificam como intelectuais e sujeitos políticos. Uma das principais funções destes periódicos, segundo Gilman, era a atualização da produção literária do continente latino-americano ao abordar constantemente novos autores e novas linguagens que se formavam neste processo. Por reunirem vários intelectuais em torno de seu funcionamento, as revistas revelam, para Gilman, circuitos de contato e aproximação entre eles, oferecendo uma possibilidade de análise das relações que pautaram muitos projetos e propostas político-culturais que estiveram em circulação na América Latina. A importância de Cuba é destacada pela autora nesta rede:

Tema, problema, foco de enunciación privilegiado de los artículos que se propagaban incesantemente del centro a la periferia, Cuba constituyó a decenas de revistas en ecos, corresponsalías, baluartes de su política. Buena parte de las revistas latinoamericanas de la época constituyeron embajadas de la Isla.<sup>64</sup>

Podemos notar que Gilman estabelece muito bem este circuito continental pelo qual a dimensão discursiva do revolucionário teria circulado e se institucionalizado.

Esta constatação leva a autora a afirmar a dificuldade da pesquisa empreendida em torno apenas de uma revista que, para Gilman, não pode ser considerada apartada de outras publicações com as quais teria travado diálogos e trocas culturais. Um estudo que trate das relações político-culturais neste contexto da segunda metade do XX latino-americano deve

---

<sup>64</sup> GILMAN, Claudia. Las revistas y los límites de lo decible: cartografía de una época. In: SOSNOWSKI, Saúl (org.). **La cultura de un siglo**: América Latina en sus revistas. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1999, p. 465.

estar guiado pela compreensão de que sua problemática supera as páginas de uma revista e envolve sujeitos que atuam em diversas esferas de participação política. O estudo de uma revista, segundo a autora, encontraria os limites que o funcionamento editorial interpõe: desde instabilidades financeiras, que podem afetar a produtividade e periodicidade, até a própria seleção pela qual passam os textos submetidos, que formaria subentendidos e pactos de leitura em cada revista. Claudia Gilman chega a afirmar que a revista é um “ator incompleto” para um estudo da institucionalização da literatura, sugerindo como meio de superar estes problemas o estudo desta “densa rede” de publicações que se configurou na América Latina.<sup>65</sup>

Assim, a proposta de Gilman se transforma num grande esforço abarcador de diferentes contextos nacionais e político-culturais, o que implica outros tipos de problemas e limitações. A autora realiza um estudo competente e, sem dúvida, traz perspectivas enriquecedoras para a história intelectual latino-americana. Mas, a nosso ver, seus argumentos não invalidam os trabalhos que se dedicam a uma revista cultural. Tal como foi discutido, são formas metodológicas e teóricas voltadas e desenvolvidas para o estudo deste tipo de objeto que permitem um trabalho com suas possibilidades e potencialidades. A questão em torno de serem “incompletas” diz menos respeito às revistas culturais como objetos de estudo do que ao tipo de problema histórico que o pesquisador coloca para seu trabalho. Se o tema a que se propôs estudar a autora é a literatura latino-americana, uma revista certamente não poderá dar conta de seus questionamentos mais amplos. Se considerada sua temporalidade, cronologia e contexto, os sujeitos envolvidos, a materialidade e conteúdo textual para nortear os temas e problemáticas da pesquisa, a revista não pode ser vista como “incompleta”.

A obra de Gilman é um importante contraponto às outras abordagens metodológicas que mencionamos aqui. A preocupação de Weiss em definir seu objeto como revista intelectual abre espaço para uma instrumentalização do discurso revolucionário pelo regime cubano. Já Nadia Lie, apresenta ferramentas de trabalho que desenvolvem novas interpretações e visões de *Casa de las Américas* e dos mecanismos discursivos de que lançou mão para a construção e circulação de discursos. O trabalho de Juan Carlos

---

<sup>65</sup> GILMAN, C. *Entre la pluma y el fusil*, 2012. p. 13-26.

Quintero-Herencia, ao pensar a revista cultural como um gênero, inaugura um modo de interpretação da revista *Casa* muito promissor. O cenário de institucionalização literária que tal revista fomenta é discutido pelo autor sob as considerações de suas implicações políticas. As ponderações de Gilman surgem, assim, como alerta para os desafios e riscos que este objeto de estudo oferece e indica caminhos também promissores.



## **Capítulo 2 – Nós e ele: as identidades e o projeto cubano de Revolução**

As identidades têm um papel importante no jogo discursivo que se estabelece entre a revista *Casa* e o contexto da Revolução Cubana. Nossa proposta aqui é traçar alguns elementos recorrentes nos discursos identitários que permeiam a publicação. A forma de construção destas identidades é fundamental para percebermos como os intelectuais que publicavam na revista mobilizaram toda uma série de conceitos e termos em torno de uma linguagem política e cultural. A posição anti-imperialista é um destes elementos que perpassam a noção identitária estabelecida por *Casa*. Desta concepção são elencados diversos temas que circunscrevem esse esforço da revista em reunir “vítimas” ou “exploradores” num discurso dialético e opositivo: os lados se definem mutuamente. José Martí surge como eixo de sustentação de uma perspectiva de identidade que envolve, também, o imperialismo. Sua figura será essencial para legitimar uma proposta de ação revolucionária conjunta no cenário mundial da Guerra Fria. A produção de identidades foi uma forma de *Casa* justapor apelos discursivos a unidades que, do seu ponto de vista, são essenciais para a concretização de sua participação num projeto revolucionário cubano.

### **Termos e conceitos: o vocabulário identitário de *Casa***

O primeiro elemento que queremos destacar na dinâmica de construção identitária é o “imperialismo”. Este é um conceito que foi muito empregado pela revista para definir o tipo de ameaça que Cuba estaria enfrentando. Não se trata apenas de política externa. Os diversos textos publicados em *Casa* constroem o imperialismo como uma ameaça também militar, econômica e cultural, ressaltando diversos mecanismos de atuação e funcionamento desta política de dominação. O discurso da revista age, assim, constituindo “imperialismo” como categoria a ser aplicada na explicação de diversas situações colonialistas.

Imperialismo (ou neocolonialismo, com o prefixo para diferenciá-lo do colonialismo do século XV e XVI) é comumente associado às políticas de exploração e dominação empregadas pelas potências europeias no final do século XIX ao empreender a

conquista de territórios, principalmente na Ásia e na África. Este não é visto como um processo estritamente europeu, e considera-se, por exemplo, a atuação do Japão na China e dos EUA sobre a América Central, Havaí e Filipinas como também representativas das políticas imperialistas do período. Na revista, esta noção mais acorde com a historiografia aparece bem afirmada num texto de 1974, ressaltando os fatores econômicos que motivaram a expansão imperialista. As consequências da crescente industrialização pela qual passava a Europa, e que levavam a uma crise do capitalismo na época, são assim destacadas para explicar o imperialismo em sua origem:

El neocolonialismo se presentó entonces como una vía salvadora de las crisis metropolitanas. La política neocolonial no solo significaba la apropiación de un excedente internacional con el cual, demagógicamente, pretenderían elevar el poder adquisitivo del obrero insatisfecho de la metrópoli con el fin de neutralizarlo políticamente y elevar al mismo tiempo las ganancias del mercado interno, sino que, además, permitía la invasión a esas colonias de los productos invendibles.<sup>66</sup>

Assim, vários elementos vão sendo elencados nos textos da revista para configurar e estabelecer a definição em torno de “imperialismo”. Em 1975, por exemplo, Juan Marinello (1898-1977) enfatizava outros mecanismos da dominação imperialista que, segundo seu argumento, não passava apenas pelo componente militar:

Un conocido conjunto de factores defiende al imperialismo del ataque masivo en sus primeras incursiones. Por un lado, su presencia se anuncia con signos de mejoramiento material que deslumbran a legiones de ingenuos e indocumentados; por el otro, no han aparecido interpretaciones que, afincadas en el factor económico, adviertan el reforzamiento de la opresión secular con el arribo del monopolio extranjero. [...] Es explicable que sobre tales realidades dominantes el manto imperialista se produjera con paso invasor.<sup>67</sup>

Esta ideia acerca do imperialismo era bastante afirmada pelas páginas de *Casa*. Em 1974, foi publicado o texto “Génesis imperialista del golpe fascista en Chile”, de Roberto Alvarez Quiñones, no qual o autor analisou alguns documentos do governo americano, publicados pela imprensa em 1972, que versavam sobre o governo de Allende no Chile. O

---

<sup>66</sup> HIDALGO, Ariel. Martí y el colonialismo imperialista. *Casa de las Américas*, Havana, n. 84, mayo-jun. 1974. p. 89-90.

<sup>67</sup> MARINELLO, Juan. Fuentes y raíces del pensamiento antimperialista de José Martí. *Casa de las Américas*, Havana, n. 90, mayo-jun. 1975. p. 7.

autor ressalta que os documentos revelam políticas e posições imperialistas adotadas pelos EUA para desestabilizar o regime chileno e favorecer um golpe que interrompesse a experiência socialista no país: “En la estrategia global contrarrevolucionaria del imperio yanqui y sus cómplices criollos, la primera gran consigna fue la de impedir por todos los medios que Allende fuese designado presidente por el Congreso”<sup>68</sup>. Estes meios que foram empregados para evitar a posse de Allende incluíam desde instabilidade econômica através de corte de crédito e de investimentos, até a realização de atentados e sequestros a chefes militares. Fracassadas estas tentativas, o governo americano, diante da dificuldade de mascarar sua participação e apoio aos setores da oposição da Unidad Popular, teria decidido aguardar para fomentar um golpe militar que tirasse Allende do poder: “Los acontecimientos posteriores evidencian que la Casa Blanca optó por esperar más tiempo, de manera que se desarrollase una coyuntura más favorable. Mientras tanto, decidió intensificar el boicoteo económico y financiero”<sup>69</sup>. Percebemos que todo o argumento do autor gira em torno daquela compreensão: não é a força militar a principal forma de atuação, influência e ingerência do imperialismo americano. Isso fica patente no seu texto ao explicitar que o governo americano efetivou medidas de caráter econômico e social para defender seus interesses.

Assim, o imperialismo que se depreende das páginas de *Casa de las Américas* é uma prática que lança mão de diversas artimanhas em nome da dominação e submissão de povos inteiros a sua lógica exploradora. Essa atuação sub-reptícia perpassaria as diversas esferas da sociedade, não configurando apenas um domínio político, mas também econômico e cultural. Um texto publicado em 1966, uma mesa redonda transcrita na qual participaram Retamar, Edmundo Desnoes, Lisandro Otero e Ambrosio Fornet, traz este argumento em torno do aspecto cultural da ingerência imperialista. Os autores discutem uma campanha de aproximação, que estaria em voga nos anos 1960, entre intelectuais latino-americanos e instituições estadunidenses. Segundo eles, essa relação, fomentada pelos EUA através de concessão de bolsas, convites a eventos e cursos, *etc*, tinha como

---

<sup>68</sup> ÁLVAREZ QUIÑONES, Roberto. Génesis imperialista del golpe fascista en Chile. **Casa de las Américas**, Havana, n. 83, mar.-abr. 1974. p. 62.

<sup>69</sup> *Idem, Ibidem*. p. 67,

objetivo uma “castração” cultural, para remover o censo crítico, polêmico e criador destes intelectuais. Retamar afirmava:

[...] dentro de esa campaña de castración que propone el senador Kennedy [...], él entiende que ahora se les debe permitir la entrada a estudiantes, profesores, escritores y demás, aun los de extrema izquierda, y es evidente que el senador Kennedy no lo hace con vista a que esas personas realicen la revolución en el seno de los Estados Unidos. Tenemos sospechas de que es para todo lo contrario: para castrarlos, para quitarles su aguijón polémico y creador.<sup>70</sup>

O imperialismo, assim, foi adquirindo ao longo de vários textos da revista um caráter voraz, ganancioso, porém também perverso e traiçoeiro, capaz de defender seus interesses indiretamente e usando das mais insuspeitas estratégias para alcançar os objetivos de dominação e exploração. Era exatamente este traço que Desnoes chamava de “método sutil” nesta mesa redonda de 1966:

El método sutil incluye desde invitaciones a dar charlas y cursos en sus universidades, hasta la traducción y publicación de sus libros. Este es un método indirecto de minar la resistencia, de halagar la vanidad del escritor y llevarlo a callar abusos y humillaciones para mantener estas ventajas. No le piden directamente que defienda a los Estados Unidos, [...]. En teoría, se puede ser revolucionario, pero no se pueden dar los pasos para llevar a cabo una revolución social.<sup>71</sup>

Fica assentado, então, o entendimento de que, mais perigoso que a dominação militar imperialista, é o domínio e a atuação no campo cultural através de agentes que são cooptados inconscientemente. Ao longo do restante do texto, os autores indicam que existem posições diferentes dos intelectuais que se relacionam com o circuito das universidades e do mercado editorial americano, mas a ideia que *Casa* construiu sobre a intelectualidade é tema do nosso próximo capítulo. Podemos notar nos dois trechos a preocupação destes intelectuais cubanos em alertar para a suposta real natureza dos convites acadêmicos dos EUA aos intelectuais latino-americanos. Esta é uma ideia

---

<sup>70</sup> FERNÁNDEZ RETAMAR, R; et. al. Sobre la penetración intelectual del imperialismo yanqui en América Latina. *Casa de las Américas*, Havana, n. 39, nov.-dic. 1966. p. 134.

<sup>71</sup> FERNÁNDEZ RETAMAR, R; et. al. Sobre la penetración intelectual del imperialismo yanqui en América Latina. *Casa de las Américas*, Havana, n. 39, nov.-dic. 1966. p. 135.



importante que os coloca no papel de denunciadores e é um argumento que será utilizado pela revista para destacar o papel de vanguarda cubano num cenário mundial.

Em *Casa de las Américas*, “imperialismo” será um termo recorrente para apontar qualquer ingerência estrangeira sobre um país, seja ela de aspecto militar, político, econômico, social ou cultural. Deslocado de sua temporalidade usual na historiografia (fim do XIX, início do XX), o conceito surge em diferentes textos sobre diferentes períodos, sempre mantendo a lógica dualista que marca o discurso marxista de explicação histórica da revista: exploradores vs. explorados. Da mesma forma surgem outros conceitos, empregados muitas vezes com o mesmo significado de “imperialismo” ou com pequenas variações para destacar um ou outro elemento da dominação. Por exemplo, Ida Paz Escalante, em 1969, utilizou “neocolonialismo” não como sinônimo de “imperialismo”, mas sim como uma forma avançada deste:

[...] el vasto y poderoso imperio no fue construido sobre la base de la lógica de dominación característica de los imperios tradicionales (Inglaterra, Francia, etc.). Este no hubo de extenderse por medio de la conquista militar, de la ocupación armada o la administración directa; el arquetipo del nuevo imperialismo está encarnado en la política del neocolonialismo. [...] El neocolonialismo era, sin dudas, la forma de colonización más hábil y remuneradora así como la menos onerosa, puesto que reunía las ventajas económicas, estratégicas, y políticas de la colonización directa sin acarrear como contrapartida las cargas administrativas, la enseñanza, la salud pública y la infraestructura de la red de caminos.<sup>72</sup>

Podemos perceber, no entanto, como a autora aproxima sua definição de “neocolonialismo” da noção que a revista sustentava para “imperialismo”: uma forma de exploração habilidosa, eficiente e, acima de tudo, lucrativa, e que não se baseia na opressão militar. Também, em um texto de 1972 sobre as relações entre as obras de Martí e Frantz Fanon (1925-1961), de Manoel Maldonado-Denis (1933-1992), “neocolonialismo” aparece como uma continuação do colonialismo: “Pero el colonialismo, como hidra mitológica, es difícil de erradicar. [...] Fanon advertiría que una vez declarada la independencia, los países imperialistas tratarían de ‘comprar a pedazos’ a las flamantes repúblicas. El fenómeno tiene

---

<sup>72</sup> ESCALANTE, Ida Paz. El imperialismo americano o el neoimperialismo siglo XX. *Casa de las Américas*, Havana, n. 57, nov.-dic. 1969. p. 112-113.

nombre hoy día: neocolonialismo”<sup>73</sup>. O que estes usos do termo “neocolonialismo” nos revelam é uma busca dos autores por diferenciar temporalmente a exploração das potências estrangeiras sobre as diversas partes do mundo. Assim, estendem as políticas imperialistas do século XIX a processos do século XX.

Outro destes conceitos que foi amplamente usado pela revista para explicar a relação entre nações em diversos contextos históricos, e que sustentou também os discursos identitários dos quais queremos dar conta aqui, foi o “subdesenvolvimento”. Baseados em teorias e obras acadêmicas do período, os colaboradores da revista usaram esta noção para situar o desenvolvimento dos países exploradores numa relação direta com o subdesenvolvimento dos explorados. É um termo que auxiliou a revista a aprofundar o discurso da exploração presente no “imperialismo”. Assim, os diversos autores que publicaram em *Casa* criaram uma nova instância de explicação da condição a que foram submetidos os países vítimas de potências estrangeiras. Por exemplo, um texto de Raul Roa Kourí (1936-), publicado em 1967 sob o título de “Cultura, subdesarrollo y socialismo”, discute as dificuldades para a construção do socialismo em Cuba. O autor trabalha justamente com essa argumentação onde o subdesenvolvimento seria uma condição que resulta da ingerência do colonialismo e do imperialismo, orientados para o enriquecimento e desenvolvimento de uma potência exterior:

[...] no se trata de una etapa histórica de la evolución social, sino de una deformación impuesta por el colonialismo y la explotación imperialista. El subdesarrollo tiene origen en las relaciones de producción predominantes en el mundo capitalista entre países explotadores y países explotados.<sup>74</sup>

Partindo da mesma ideia, Jacqueline Kaye, autora inglesa, assim estabelecia num texto seu publicado em 1972: “[...] esos países son y han sido subdesarrollados por nosotros y mientras tengamos una relación parásita con ellos, el precio de nuestro

---

<sup>73</sup> MALDONADO-DENIS, Manoel. Martí y Fanon. **Casa de las Américas**, Havana, n. 73, jul.-ago. 1972. p. 23.

<sup>74</sup> ROA KOURÍ, Raúl. Cultura, subdesarrollo y socialismo. **Casa de las Américas**, Havana, n. 41, mar.-abr. 1967. p. 105.

desarrollo será la continuación de su subdesarrollo”<sup>75</sup>. “Subdesenvolvimento” trazia a ideia de exploração, tal como “imperialismo”. No entanto, ressalta e marca os efeitos desta política dominadora sobre um país ou um povo. Assim, é um termo empregado para acentuar a ideia de que as relações entre países imperialistas e países em exploração são perniciosas e desvantajosas para estes últimos. É esta compreensão em torno do subdesenvolvimento que permite a Retamar elaborar, em um texto do número 47 de *Casa*, de 1968, a ideia de países *subdesarrollantes*:

[...] creemos que la verdadera dicotomía entre nuestros países y aquellos no es ‘países subdesarrollados/países desarrollados’, sino ‘países subdesarrollados/países subdesarrollantes’. Estos últimos son los países que se han desarrollado en su conjunto – es decir, tomados como un sistema, y no pieza a pieza – gracias a la expoliación de los nuestros.<sup>76</sup>

A ideia em torno do subdesenvolvimento sugere uma dinâmica de causa e efeito: o desenvolvimento de um país no sistema capitalista estaria atrelado à exploração de outro.

Neste momento é importante abrimos um parêntese acerca da historicidade destes termos que constantemente surgiam nas páginas de *Casa*. Esta ideia em torno do subdesenvolvimento, por exemplo, não é inédita ou exclusiva da revista e de seus colaboradores. A Teoria da Dependência, formulada nos anos 1960 por intelectuais marxistas ligados à CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina), postulava justamente que “desenvolvimento” e “subdesenvolvimento” se davam numa relação de reciprocidade, sendo o primeiro possível na medida em que o último também se acentuava. Tornando-se bastante popular no período na América Latina, a Teoria da Dependência foi absorvida pelo imaginário político esquerdista como modo de explicação histórica, assim como vários outros conceitos, tal qual “subdesenvolvimento”, “imperialismo” ou “neocolonialismo”, já citados e analisados por nós em *Casa*.<sup>77</sup> O que queremos ressaltar é

---

<sup>75</sup> KAYE, Jacqueline. Literatura y subdesarrollo y el subdesarrollo de la crítica literaria. **Casa de las Américas**, Havana, n. 74, sep.-oct. 1972. p. 146.

<sup>76</sup> FERNÁNDEZ RETAMAR, R. Responsabilidad de los intelectuales de los países subdesarrollantes. **Casa de las Américas**, Havana, n. 47, mar.-abr. 1968. p. 122.

<sup>77</sup> O conceito de “superexploração do trabalho”, de Ruy Mauro Marini, também integra o arcabouço teórico em torno do qual se construiu a ideia de desenvolvimento/subdesenvolvimento que vemos sendo reivindicada por *Casa de las Américas*. Vários autores podem ser indicados para um intento de mapearmos as referências acadêmicas a que se remetiam os colaboradores da revista. As obras que se seguem são apenas algumas das principais publicadas sobre o tema no período. Cf. BETTELHEIM, Charles. **Calcul économique et formes**

que o repertório conceitual é externo à revista *Casa*. A revista, mais do que constituir este imaginário político, é expressão de discursos constituídos por ele. Como um impresso, ao dar espaço às contribuições de seus colaboradores, reafirma e reforça discursos anteriores e vai conformando, assim, um discurso próprio. Estamos nos referindo o tempo todo à ideia de “criação”, “constituição” ou “construção” de conceitos e de discursos, mas é necessário compreender que o papel de *Casa* neste imaginário está muito mais ligado à reapropriação e à ressignificação de termos e conceitos de um repertório que já circulava pelas revistas e circuitos intelectuais da América Latina.

Ao longo dos números que fazem parte do recorte temporal proposto aqui neste trabalho, pudemos observar que se criou uma justaposição entre estes termos. “Imperialismo”, “colonialismo”, “neocolonialismo”, “capitalismo monopolista”, “subdesenvolvimento”, entre outros, estão constituídos numa relação semântica que se remete a uma ideia específica: a influência e a dominação de uma nação sobre outra, atacando sua soberania, explorando seus recursos, humanos e materiais. É sobre esta ideia que se montou em *Casa* um discurso identitário sobre o qual queremos nos deter no próximo item deste capítulo.

## **Os discursos de identidade de *Casa***

Ao passarmos pelos diversos conceitos elencados anteriormente, pretendíamos estabelecer suas diversas interpretações, perspectivas e versões que surgiram em diversos momentos nas páginas desta publicação cubana. O que queremos argumentar a partir desta primeira análise é que tais termos atuaram discursivamente numa dinâmica de construção de identidades por *Casa*. Baseados naquelas concepções que exploramos, o discurso da revista constituiu aproximações e alinhamentos entre processos políticos e sociais por todo

---

**de propriété.** Paris: François Maspero, 1970; MARINI, Ruy Mauro. **Subdesarrollo y revolucion.** México, DF: Siglo Veintiuno, 1969; AMIN, Samir. **Imperialismo e desenvolvimento desigual.** São Paulo, SP: Vertice, 1987; \_\_\_\_\_. **El desarrollo desigual: ensayo sobre las formaciones sociales del capitalismo.** Barcelona: Fontanella, 1974; FRANK, Andre Gunder. **Capitalism and Underdevelopment in Latin America.** New York: Montly Review, 1969; CARDOSO, Fernando H.; FALETTO, Enzo. **Dependência e Desenvolvimento na América Latina.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970.

o globo numa tentativa de situá-los num suposto movimento revolucionário mundial. Esse entendimento que defendemos dos discursos identitários em *Casa* são essenciais para compreendermos o papel que a revista colocou para si no contexto da Revolução Cubana. Como principal meio de circulação de discursos político-culturais mais afinados com a oficialidade do regime cubano entre intelectuais da América Latina, *Casa* teve como tarefa afirmar a ideia de que a ordem mundial vigente no período estava em transformação e de que processos revolucionários nacionais estavam todos ligados a uma lógica mais ampla, mundial. Assim, a nosso ver, os discursos identitários foram a principal forma de efetivação dessa proposta a que se submeteu *Casa*.

O imperialismo é, talvez, o conceito mais recorrente nestas construções de identidade na revista. Ele surge como elemento comum de agressão a diferentes povos e nações. A partir desta ideia, de “inimigo único”, tornou-se possível identificar sob um mesmo grupo as “vítimas” desta ameaça estrangeira. A abrangência geográfica e espacial do imperialismo conforma também o alcance a que se pretende este discurso identitário. Por exemplo, José Antonio Portuondo (1911-1996), num texto de 1967, declarava: “El imperialismo se manifiesta, antes de 1898, como penetración de capitales [...] en las tierras subdesarrolladas que se extienden entre el Río Grande y la Patagonia”.<sup>78</sup> Podemos perceber como o autor reuniu todos os países da América Latina sob “tierras subdesarrolladas”, a partir da ideia de avanço imperialista como elemento desta comunidade. Da mesma forma, mas usando outro conceito, Manuel Galich (1913-1984) assim estabelecia num texto publicado por *Casa* em 1971:

[...] los de esta América indo-afro-ibérica, mal llamada latina y bien llamada “nuestra” por Martí; [...] ocho décadas de historia, vivida y sufrida por nuestros pueblos, víctimas de ese panamericanismo, enmascarado de tantas formas, como, verbigracia, la OEA, la CIA, la ORIT, la SIP, los mercados comunes, la Operación Panamericana y su sucesora igualmente nula, la Alianza para el Progreso, y etcétera, etcétera, etcétera...<sup>79</sup>

---

<sup>78</sup> PORTUONDO, José Antonio. Martí y Darío, polos del modernismo. **Casa de las Américas**, Havana, n. 42, mayo-jun. 1967. p. 68.

<sup>79</sup> GALICH, Manuel. Acotaciones a “Nuestra América”. **Casa de las Américas**. Havana, n. 68, sep.-oct. 1971. p. 51.

Este “pan-americanismo” a que o autor faz referência remete aos mecanismos de exploração da América Latina que os EUA manteriam através destes diversos órgãos de atuação internacional. No primeiro trecho que citamos, de Portuondo, o autor se referia a um processo no século XIX, enquanto que este, de Manuel Galich, nos remete a presença norte-americana na América Latina por um período mais extenso, chegando até a segunda metade do XX. Apesar de usarem termos e citarem períodos distintos, temos que atentar para aquela justaposição semântica a qual nos referimos anteriormente. O significado dos conceitos “imperialismo” e “pan-americanismo” é aquele que já analisamos: a ingerência e exploração estrangeira que não se dá por meios militares diretos, mas sim, nestes casos, através de políticas econômicas ou de órgãos que “mascaram” seus interesses reais.

No entanto, esta lógica identitária da revista *Casa* não se restringe a América Latina. Também partindo da dominação imperialista como fator de unidade, o texto “El colonialismo como realidad”<sup>80</sup>, do argentino Ezequiel Martínez Estrada (1895-1964), afirmava uma proximidade entre países da América Latina e da África, estabelecendo que a relação entre os dois continentes é “orgânica e tectônica”. O autor vai além e escreve um pouco mais adiante:

Debajo de una aparente situación de coexistencia normal entre un país poderoso y otro débil, subyacía un estado de ignominia tanto o más que de sometimiento, al que los poderes del imperio capitalista no se han resignado a renunciar. Los casos de Haití, Santo Domingo, Nicaragua y Guatemala son semejantes a los de Guinea, el Congo, Ghana y otros territorios del mismo mapa de los países pobres que forman una familia.<sup>81</sup>

Mais uma vez surge aquela noção de que o “império capitalista” se sustenta atrás de uma aparente “coexistência normal”, que oculta a real natureza da relação entre estes países. Neste trecho, também, podemos notar a ideia de que é a pobreza que une e aproxima processos e contextos nacionais dos mais diversos, entre América Latina e África. A atuação global das políticas imperialistas europeias e estadunidenses permite que surja na revista, assim, tal discurso identitário. Como inimigo comum à África e à América, o

---

<sup>80</sup> MARTÍNEZ ESTRADA, Ezequiel. El colonialismo como realidad. *Casa de las Américas*, Havana, n. 33, nov.-dic. 1965. p. 82-85.

<sup>81</sup> *Idem, Ibidem*. p. 84.

imperialismo teria criado nestes continentes condições políticas e econômicas semelhantes. Esta identidade criada com a África é bastante recorrente na revista e se pautou também nos aspectos culturais e sociais da dominação imperialista, tal como Leonardo Acosta (1933-) escreveu neste texto de 1971: “[...] en ninguna parte fue el proceso tan similar al de América como en África. Toda esta destrucción iba dirigida a obligar al pueblo colonizado a una posición de ‘desarraigados culturales’ que debían buscar la única cultura posible en la metrópoli”<sup>82</sup>. Neste excerto, mais uma vez, a perniciosidade da colonização está em destaque. O autor se refere ao processo de deslocamento cultural que sofreram os povos dos dois continentes como parte da estratégia de conquista das potências estrangeiras, o que também serve de base para o viés identitário do discurso da revista.

Mas o alcance a que se propõem as identidades de *Casa*, ao usar “imperialismo” como elemento identitário, cria discursos bem amplos, buscando abarcar também países e povos na Ásia, além dos da África. Por exemplo, numa resolução elaborada no Congresso Cultural de la Habana, em 1968, e publicada na revista sob o título de “Responsabilidad del intelectual ante los problemas del mundo subdesarrollado”, encontramos a seguinte formulação: “Desde los confines del sudeste asiático hasta la cordillera de los Andes nos encontramos ante una masa oprimida, despreciada, sistemáticamente dividida por sus opresores”<sup>83</sup>. Os autores afirmam a existência de *uma* massa, constituída e formada a partir da opressão sofrida: é a condição de vítima do imperialismo que unifica os diversos países. No mesmo texto, lemos:

Nuestro tiempo se caracteriza por el esfuerzo tenaz de tres continentes por librarse de la opresión. Vivimos una etapa de lucha entre el imperialismo y los países sojuzgados del mundo, es decir, en medio de una violenta lucha de clases a escala internacional.<sup>84</sup>

Por “três continentes” o texto se refere à América Latina, África e Ásia. Este foi um termo bem estabelecido no discurso revolucionário cubano dos anos 1960 que buscava

---

<sup>82</sup> ACOSTA, Leonardo. La concepción histórica de Martí. *Casa de las Américas*, Havana, n. 67, jul.-ago. 1971. p. 16.

<sup>83</sup> RESPONSABILIDAD del intelectual ante los problemas del mundo subdesarrollado. *Casa de las Américas*, Havana, n. 47, mar.-abr. 1968. p. 102.

<sup>84</sup> *Idem, Ibidem.*

marcar que os três continentes são as vítimas históricas da exploração e do capitalismo europeu e norte-americano nos últimos séculos. Foi esta ideia que gerou vários eventos para a aproximação e discussão de um projeto revolucionário que englobasse as esquerdas mundiais, tal como a I Conferência Tricontinental de Havana, realizada em 1966. É importante destacar o dualismo que os autores do texto atribuem a uma dinâmica mundial de enfrentamento e luta política: “imperialismo” (no singular), de um lado, e “países subjugados do mundo” (no plural), do outro. Este discurso identitário que a revista fomenta estabelece *um* inimigo comum à Ásia, à África e à América Latina. A construção do *ele*, através daquelas várias conceituações, leva à formulação do *nós* e vice-versa. Ao estabelecer os explorados, as causas e os processos que os levaram a esta condição, identifica-se também o explorador, numa relação mútua de discurso identitário. Trabalhando com conceitos tais como “imperialismo”, “colonialismo”, “subdesenvolvimento”, entre outros, a revista define dois grupos em enfrentamento: o imperialismo e sua vítima, explorador e explorado. O excerto seguinte, também desta resolução do Congreso Cultural de la Habana, nos permite avançar neste argumento e analisar um outro conceito muito importante para o discurso identitário de *Casa*:

Es innegable que existe una íntima relación entre la miseria del Tercer Mundo, por una parte, y las condiciones que han hecho posible los hallazgos del arte y de la ciencia occidentales por la otra. Los pueblos de Asia, Africa y América Latina han servido durante siglos de combustible humano para alimentar un desarrollo que va desde el Siglo de las Luces hasta las conquistas más recientes de la técnica moderna. Aún hoy [...] el imperialismo y el neocolonialismo se empeñan en mantener a estos pueblos en los vertederos de la historia.<sup>85</sup>

O texto deixa bem clara uma identificação pela noção de que Ásia, África e América Latina são a sustentação de qualquer riqueza ou desenvolvimento alcançado pelo explorador imperialista, reproduzindo aquela lógica por trás do conceito de subdesenvolvimento, como vimos. Aqui queremos destacar, no entanto, não apenas o argumento identitário, mas também o termo sob o qual estão unificados os três continentes: “Terceiro Mundo”. Usado oficialmente em 1955, na Conferência de Bandung, que reuniu

---

<sup>85</sup> RESPONSABILIDAD del intelectual ante los problemas del mundo subdesarrollado. **Casa de las Américas**, Havana, n. 47, mar.-abr. 1968. p. 103-104. Grifo nosso.



países africanos e asiáticos no processo de descolonização, o conceito designava não só países “não-alinhados” com os dois blocos da Guerra Fria, mas também em condição de pobreza e miséria. “Terceiro mundo” tornou-se, a partir de então, um conceito amplamente utilizado e, nos anos 1960, sofreu uma rápida apropriação pelo imaginário político da esquerda mundial e latino-americana, em parte por conta do desgaste sofrido pelo socialismo soviético nestes anos depois do fim do stalinismo.<sup>86</sup> Assim, este também foi um conceito chave para os discursos identitários de *Casa* que se propunham englobar África, Ásia e América.

As esperanças revolucionárias da esquerda mundial no período se concentraram em casos de luta e resistência política que despontavam na África e na Ásia com o processo da descolonização, e, com a Revolução Cubana, esta perspectiva englobou também a América Latina. Segundo Claudia Gilman<sup>87</sup>, estes processos criaram entre a Nova Esquerda a noção de que uma revolução mundial estava em marcha, nutrindo um cada vez mais forte sentimento de repúdio às potências coloniais que se traduziu no discurso anti-imperialista que marcou as reivindicações de libertação nacional da época. Segundo a autora, o “terceiro mundo” se convertia, às vistas da esquerda, na força que empreenderia uma transformação em nível mundial.

Kepa Artaraz<sup>88</sup>, em um trabalho dedicado à análise da relação do regime revolucionário cubano com as esquerdas mundiais, destaca como o “terceiro mundo” cobrou grande importância para o discurso político dos intelectuais ligados à Nova Esquerda. O autor ressalta a amplitude deste “terceiro-mundismo” nos anos 1960 ao mostrar o interesse crescente nos eventos políticos destes países que ficou explícito em revistas políticas, como as britânicas *New Left Review* e *Socialist Register*, a norte-

---

<sup>86</sup> Em 1956, no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, foram denunciados crimes do regime stalinista, o que gerou comoção e choque entre a esquerda mundial. Neste contexto de desilusão com a experiência soviética, foram-se gestando movimentos políticos em diversos países que são interpretados pela historiografia sob o entendimento da Nova Esquerda. Estes movimentos são caracterizados pela reinterpretação dos clássicos teóricos socialistas, aplicando-os a processos sociais que superavam a luta de classes, como as questões de gênero e raça. Com uma compreensão mais ampla de ativismo político, buscaram incentivar um engajamento político independente de filiações, desvincilhando-se dos tradicionais partidos comunistas nacionais. Cf. ARTARAZ, Kepa. **Cuba y la Nueva Izquierda: una relación que marcó los años 60**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2011.

<sup>87</sup> GILMAN, C. **Entre la pluma y el fusil**, 2012. p. 44-52.

<sup>88</sup> ARTARAZ, K. *Op. Cit.*

americana *Monthly Review* e as francesas *Les Temps Modernes* e *Partisans*. Em Cuba, a revista *Pensamiento Crítico* foi, segundo Artaraz, um dos principais meios de expressão da Nova Esquerda latino-americana, traduzindo e reeditando textos publicados nestas revistas citadas, além de receber contribuições de trabalhos originais de intelectuais do continente. Os editoriais mostraram-se em sintonia com a Nova Esquerda mundial ao tratar de temas e questões como: reavaliação do marxismo, situação política e econômica dos países do “terceiro mundo”, a responsabilidade política do intelectual, o potencial revolucionário de movimentos sociais presentes nos países do primeiro mundo, o internacionalismo revolucionário, etc.<sup>89</sup>

Assim, *Pensamiento Crítico* nos permite visualizar os temas e questões que circularam no campo intelectual e político-cultural cubano durante a década de 1960 e 1970. Esse entendimento é importante para emprendermos nossa análise de *Casa de las Américas*, tendo em mente as relações intelectuais e o diálogo de ideias e concepções que tal contexto permitiu estabelecer. Ainda que *Casa de las Américas* não esteja identificada com os movimentos da Nova Esquerda, podemos perceber na revista a circulação de discursos terceiro-mundistas que estavam submetidos a uma lógica identitária.

Ida Paz Escalante, ao resenhar o livro “El imperio americano” de Claude Julien, num texto de 1969, já citado aqui por nós, utilizava “terceiro mundo” para se referir ao conjunto das vítimas do imperialismo estadunidense: “Si esta potencia económica está formada en parte sobre su tecnología avanzada y sobre el dinamismo de la sociedade norteamericana, ella depende cada vez más de la explotación a bajos precios de las enormes riquezas de un mundo en ebullición: el tercer mundo”<sup>90</sup>. Novamente, o trecho nos permite perceber como estava assentada aquela definição de “imperialismo” como relação desigual entre países, e que o “desenvolvimento” de uma potência estrangeira está baseado na exploração de suas vítimas, aqui neste caso, reunidas sob “terceiro mundo”. Também, ao utilizar a expressão “um mundo em ebulição”, vemos como a autora reproduziu aquela ideia do discurso terceiro mundista e da nova esquerda de que estes eram países que concentravam as condições de originar uma revolução mundial. Mais adiante, concluindo

---

<sup>89</sup> ARTARAZ, K. *Op. Cit.* p. 185-199.

<sup>90</sup> ESCALANTE, Ida Paz. El imperialismo americano o el neoimperialismo siglo XX. *Casa de las Américas*, Havana, n. 57, nov.-dic. 1969, p. 118.

seu texto, a autora afirma: “¿Puede haber un cambio en política comercial hacia el tercer mundo sin una revolución? El propio Julien ofrece la *única salida* al concluir: ‘El imperio exterminará a numerosos *maquis*, pero no por ello la revolución de las naciones proletarias es menos ineluctable’”<sup>91</sup>. Este trecho é importante porque afirma, ainda de forma mais clara, um discurso de identidade baseado na noção de “terceiro mundo”. Podemos notar que a autora e o trecho citado de Claude Julien referem-se a “revolução” (singular), sustentando aquela ideia de que os países do terceiro mundo estariam engajados num movimento de resistência anti-imperialista único, tornando-se elemento identitário no discurso de *Casa*.

Ainda sobre esta vigência que tomou a ideia de “terceiro mundo”, a Guerra do Vietnã (1955-1975) e Ho Chi Minh (líder vietnamita), que haviam se convertido em referência para a esquerda mundial da época, surgem com frequência nos textos de *Casa*. Em 1969, na ocasião da morte de Ho Chi Minh, um editorial foi publicado como forma de homenageá-lo. Neste breve texto, podemos notar que o Vietnã surgia como exemplo e modelo para a esquerda mundial, já que “[...] ofrecía constantemente al mundo lecciones concretas de cómo afrontar y vencer, en condiciones durísimas, al sanguinario imperialismo norteamericano”.<sup>92</sup> O imperialismo surge, outra vez, como inimigo comum em uma escala mundial, e a resistência vietnamita converte-se em exemplo de vitória sobre essa ameaça. Assim, através destas identidades, o discurso da revista buscou aproximar o processo revolucionário cubano com o caso do Vietnã, num esforço por situar Cuba numa posição de liderança revolucionária neste cenário global. Neste excerto de 1975, o autor explicitou o elemento que permitia ao discurso de *Casa* identificar Cuba e Vietnã:

Pero obsérvese cómo nuestros pueblos vuelven a encontrarse, a hermanarse históricamente: en momentos en que los Estados Unidos agreden a la Cuba revolucionaria por habernos liberado de la neocolonia, los Estados Unidos agreden a Vietnam para tratar de imponer la neocolonia, de la que se ha liberado con la fuerza de su coraje y su conciencia revolucionaria.<sup>93</sup>

---

<sup>91</sup> Idem, *Ibidem*. p. 119.

<sup>92</sup> EDITORIAL. *Casa de las Américas*. Havana, n. 57, nov.-dic. 1969, p. 2.

<sup>93</sup> D’ESTÉFANO DEL DÍA, Miguel. Ho Chi Minh y José Martí, revolucionarios anticolonialistas. *Casa de las Américas*, Havana, n. 90, mayo-jun. 1975. p. 63.

Fica estabelecida assim a “irmandade histórica” entre os dois países justamente porque a agressão externa seria sofrida pela mesma potência imperialista e pelos mesmos motivos e interesses. Desta forma, *Casa*, sob as noções de “terceiro mundo” e “anti-imperialismo” também conformou discursos identitários e, como pudemos perceber neste excerto, sinalizou Cuba como vanguarda da resistência mundial, como liderança deste suposto movimento global anti-imperialista, por já haver conseguido sua libertação do “neocolonialismo”, tal como o Vietnã.

Este ponto é central para aquele nosso argumento em torno do projeto que a revista *Casa de las Américas* propôs a si dentro da Revolução Cubana, mas antes de avançarmos neste sentido é importante reafirmarmos como se constituíam estes discursos na publicação através de conceitos geopolíticos do período. São discursos que chamam a atenção pela pretensão, por pressupor uma abrangência mundial do movimento revolucionário. Estão reunidos, em cada lado, explorados ou exploradores, países de diversos continentes, de diferentes contextos, mas essa diversidade se resolve discursivamente sob as definições de “imperialismo”, “colonialismo”, “exploração”, “subdesenvolvimento”, “terceiro mundo”, *etc...* Estes conceitos, no entanto, não são os únicos elementos de apelo identitário dos quais lançou mão a revista *Casa* e também José Martí<sup>94</sup> surgiu em diversos textos pautando lógicas de identidade. Antes de concluirmos o capítulo, queremos analisar, ainda que brevemente, como tal pensador e sua obra foram apropriados e interpretados para a constituição destes discursos identitários na revista.

Ao recorrer ao ideário de Martí para constituir identidades, *Casa* se remetia a uma temática do pensamento martiano específica. A importância que este autor conferiu à formação de uma identidade cubana e latino-americana fica patente em sua obra. Ao pensar e construir uma proposta de modelo educativo, Martí valorizava justamente o resgate desta identidade:

[...] torna-se claro o interesse de Martí em transformar a América Latina por meio de um projeto progressista de sociedade, baseado nos princípios e referências de sua época. O primeiro passo do processo educativo deveria ser o de resgatar a

---

<sup>94</sup> A apropriação da figura de José Martí será analisada no próximo capítulo. Entretanto, pela recorrência de temas e associações entre o imperialismo e a luta anticolonial na sua obra, suas referências são imprescindíveis nesse momento de demonstração do repertório da revista *Casa*.

dignidade do homem americano, por meio da valorização da sua própria identidade. [...] José Martí partia da ideia de que os latino-americanos tinham uma identidade própria e que era fundamental o reconhecimento dessa identidade por meio do estudo de suas características mais particulares. O escritor propunha uma mudança de enfoque cultural e a valorização da identidade americana que eram fatores de extrema importância para a consolidação definitiva da independência da América Latina, tanto da independência territorial (caso cubano), quanto da econômica e da cultural.<sup>95</sup>

Assim, essa postura de Martí fundamentou a busca por uma identidade entendida como forma de afirmação do latino-americano para si e para o cenário mundial.

É interessante percebermos como o imperialismo é também um elemento usado para constituir um discurso identitário que partia da figura de Martí. Juan Marinello, num texto de 1975, afirmava o seguinte:

Cuando comienza, en las últimas décadas del siglo pasado, el desbordamiento opresor [dos EUA], deja de justificarse el elogio a las fuerzas que lo impulsan, pero son escasas las voces – la de Martí entre las primeras y más altas – que denuncian desde la hora inicial el peligro en marcha. [...] José Martí no penetró el resorte determinante del fenómeno imperialista, pero sí su *naturaleza opresora* y su *magnitud continental*. Nadie como él definió, por la conciencia de estas dos notas primordiales, la necesidad, presente y futura, de derrotarlo con la cerrada unidad de sus víctimas. De la unión – clamaba Martí – *depende nuestra vida*.<sup>96</sup>

Neste trecho está presente um elemento extraído da obra de Martí que foi utilizado para a conformação de um discurso de identidade: a unidade dos explorados. Essa era uma proposta recorrente que Martí denominava “união indispensável” e figurava em sua estratégia de luta contra o imperialismo norte-americano. Apelando a este imaginário de resistência baseado na figura do pensador cubano, a revista construía um argumento que colocava a identificação entre os diversos países da América. Ademais, José Martí surge neste texto como o primeiro denunciador do avanço imperialista empreendido pelos EUA.

Da mesma forma, Retamar, num texto de 1970, dava primazia a Martí no enfrentamento ao imperialismo: “Lo que hoy es ya indudable es que la guerra revolucionaria cubana encabezada por Martí fue la primera acción organizada contra el

---

<sup>95</sup> ALBERINI, Alexandra. **Educar o Povo**: uma leitura de *La Edad de Oro* de José Martí (1889). Monografia, IFCH-Unicamp, Campinas: 2012, p. 41.

<sup>96</sup> MARINELLO, Juan. Fuentes y raíces del pensamiento antimperialista de José Martí. **Casa de las Américas**, Havana, n. 90, mayo-jun. 1975. p. 7. Itálico no original.

imperialismo yanqui, y, consecuentemente, inaugura por el lado colonial la época presente”<sup>97</sup>. Este também será um argumento recorrente para relacionar “imperialismo” com um discurso de identidade baseado na oposição a ele: o anti-imperialismo seria o elemento comum dos vários movimentos e processos políticos que estariam estourando pelo mundo. No seguinte excerto podemos notar como o “anti-imperialismo” de Martí foi destacado como forma de criar uma identidade latino-americana:

Para José Martí, el desentrañamiento de cuál era el *enemigo mediato* supuso una conceptualización político-estratégica genial, en tanto que caracterizó el fenómeno imperialista casi en los precisos instantes en que comenzaba a manifestarse abiertamente, audacia teórica que, de inmediato, convirtió en llamado de alerta y delineamiento de *una táctica y una estrategia global latinoamericanas* [...].<sup>98</sup>

Criar em torno de José Martí a figura da primeira e “mais alta” voz a apontar o perigo que os EUA representariam, dava a Cuba, e à Revolução Cubana, uma posição de proeminência neste contexto mundial dos anos 1960 e 1970.

O empenho de Martí pela libertação da também colônia antilhana de Porto Rico constituiu exemplo na revista de como sua noção de identidade supera as fronteiras cubanas. Em um texto publicado em 1975, Salvador Morales (1939-2012) defendia que a inclusão da independência de Porto Rico como objetivo do Partido Revolucionario Cubano, fundado por Martí em 1892, não era “gesto de filantropía por los hermanos oprimidos, sino como convicción teórica e histórica fundada del destino idéntico de ambos pueblos y la necesidad estratégica de llegar al mismo objetivo a la vez”<sup>99</sup>. Assim, o autor afirmava a importância do projeto martiano através da ideia de que Cuba e Porto Rico faziam parte do mesmo processo de colonização e de que, portanto, suas independências eram concretizações de um mesmo projeto de resistência não só à metrópole europeia, mas também aos EUA. Esta proposta de Martí era colocada como preocupação pelo destino da América como um todo: “La conjunción cubano-puertorriqueña quiere salvar a la América

---

<sup>97</sup> FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. Notas sobre Martí, Lenin y la revolución anticolonial. **Casa de las Américas**, Havana, n. 59, mar.-abr. 1970. p. 123.

<sup>98</sup> LÓPEZ MORALES, Eduardo. Apuntes para un estudio de la lucha armada en Ho Chi Minh y José Martí. **Casa de las Américas**, Havana, n. 63, nov.-dic. 1970. p. 55.

<sup>99</sup> MORALES, Salvador. Martí en la génesis de la solidaridad antillana. **Casa de las Américas**, Havana, n. 90, mayo-jun. 1975. p. 49.

del peligro que la asecha”.<sup>100</sup> Como vamos percebendo, a identidade fomentada pela figura de Martí em *Casa* é baseada em estratégias de luta e resistência à ameaça imperialista. Essa constatação tem muito a ver com o modelo intelectual que foi constituído em torno de Martí que discutiremos no próximo capítulo, mas o “anti-imperialismo” construído a partir deste autor é central para entendermos como sua obra e pensamento foram apropriados para criar discursos identitários em escalas continentais e mundiais.

Em um famoso texto de 1891, Martí desenvolveu a concepção de *nuestra América* para se referir a esta comunidade latino-americana que estaria unida por seus traços culturais comuns existentes antes da chegada dos colonizadores europeus:

Los pueblos que no se conocen han de darse prisa para conocerse, como quienes van a pelear juntos. [...] Es la hora del recuento, y de la marcha unida, y hemos de andar en cuadro apretado, como la plata en las raíces de los Andes. [...] ¿En qué patria puede tener un hombre más orgullo que en nuestras repúblicas dolorosas de América, levantadas entre las masas mudas de indios, al ruido de pelea del libro con el cirial, sobre los brazos sangrientos de un centenar de apóstoles?<sup>101</sup>

Neste texto de Martí está presente também a ameaça dos EUA como fator de união para a configuração de “nuestra América”:

Pero otro peligro corre, acaso, nuestra América, que no le viene de sí, sino de la diferencia de orígenes, métodos e intereses entre los dos factores continentales, y es la hora próxima en que se le acerque, demandando relaciones íntimas, un pueblo emprendedor y pujante que la desconoce y la desdenea. [...] El desdén del vecino formidable, que no la conoce, es el peligro mayor de nuestra América; y urge, porque el día de la visita está próximo, que el vecino la conozca, la conozca pronto, para que no la desdenea.

Tal conceito será utilizado pela revista *Casa de las Américas* para apelar à América Latina como unidade cultural, conformando uma identidade que abarca os países do continente sob a consigna da luta anti-imperialista. Num editorial de 1964, já anteriormente citado, o conceito surge pela primeira vez nas páginas da revista sob aquele contexto do embargo a Cuba:

---

<sup>100</sup> *Idem, Ibidem.* p. 51.

<sup>101</sup> Originalmente publicado no jornal mexicano *El Partido Liberal*, em 1891, este texto foi republicado inúmeras vezes. A versão que usamos está disponível em: MARTÍ, José. *Nuestra América*. **Casa de las Américas**, Havana, n. 68, sep.-oct. 1971. p. 6-7.

Sin embargo, Cuba es y seguirá siendo una parte de América Latina, pues a ella está ligada por sus orígenes, su formación, su lengua, su desarrollo cultural, por su esfuerzo de liberación y justicia. Estamos y continuaremos dentro de la comunidad latinoamericana, de esta parte ‘nuestra’ de América, tal como la concibiera Martí, a cuya cultura hemos contribuido en la medida de nuestras fuerzas.<sup>102</sup>

Nadia Lie destaca que, desde então, a expressão *nuestra América* tornou-se onipresente nos editoriais da revista.<sup>103</sup> O conceito de Martí passa, então, a produzir uma naturalização do conceito e da ideia de América Latina. Transforma-se em designação corrente nos textos e ensaios da revista para fazer referência a uma unidade e homogeneidade cultural que abarcaria todos os países latino-americanos e que foi construída sobre o pensamento martiano. O excerto seguinte, de 1974, de um texto de Angel Augier (1910-2010), nos mostra como a expressão “nuestra América” e José Martí eram colocados ao lado de outros discursos identitários para a América Latina:

Era él partidario de la más estrecha unión de los pueblos del Continente, pero sin la participación del vecino poderoso. La unión, sí, pero de los países de ‘nuestra América’, los que tienen mucho de común entre sí y no con ‘el Norte revuelto y brutal que nos desprecia’; la unión bolivariana que tuvo su antecedente fugaz en la conferencia de Panamá de 1826 y que fue impedida por los Estados Unidos; pero no la unión que aún hoy se simula en la OEA a espaldas de los pueblos, bajo la batuta siniestra de Washington.<sup>104</sup>

O trecho destaca a recusa dos EUA como parte desta comunidade. A postura imperialista do “vizinho poderoso” em relação ao restante da América, no discurso sustentado pelo texto, é elemento de identidade para conformar um grupo de vítimas, ao mesmo tempo em que é também elemento de sua exclusão da “nuestra América”. O exemplo de unidade proposto pelos EUA que aparece no texto é a Organização dos Estados Americanos (OEA), fundada em 1948, como sede em Washington, e da qual Cuba foi suspensa em 1962, quando o regime declarou o caráter socialista da revolução. O discurso identitário de *Casa* está funcionando, assim, no sentido de se reafirmar ao mesmo em que

---

<sup>102</sup> EDITORIAL. Nuestra respuesta. **Casa de las Américas**, Havana, n. 26, oct.-nov. 1964. p. 2.

<sup>103</sup> LIE, Nadia. **Transición y transacción**, 1996. p. 94.

<sup>104</sup> AUGIER, Angel. Martí: tesis antimperialista en la cuna del panamericanismo. **Casa de las Américas**, Havana, n. 82, ene.-feb. 1974. p. 53.



recusa propostas de comunidade para a América que incluam ou que tenham sido propostas a partir dos EUA. É neste sentido que foram utilizados conceitos que são capazes de identificar não só o *nós*, as vítimas, mas também o *ele*, o agressor. Uma identidade baseada no “imperialismo”, por exemplo, justifica a reunião dos explorados sob uma condição comum, ao passo que também assenta quem é o explorador. Por isso “nuestra América”, apesar de reivindicar elementos culturais americanos, também se encaixa na proposta identitária da revista: o discurso anti-imperialista martiano, constantemente recolocado pela revista, sustenta a identidade latino-americana e a exclusão dos EUA.

A obra de José Martí, no entanto, não surgiu na revista *Casa* legitimando discursos de identidade para o Caribe e para a América Latina apenas. Como já vimos anteriormente, os apelos identitários da revista circunscreviam cenários mais amplos, remetendo-se a processos políticos da Ásia e da África. Assim, a figura de Martí foi usada também para justificar, afirmar e criar instâncias mais abrangentes de identificação nas páginas de *Casa de las Américas*: “‘Para mí no hay mar entre Cuba y Puerto Rico’, dijo en una ocasión el Apóstol Martí. Más aún, para Martí no había mar ni fronteras entre Cuba y cualquier otra patria en lucha por su libertad”<sup>105</sup>. Retamar, num texto de 1970, é mais explícito ainda:

Martí no se considerará encabezando sólo la guerra cubana; ni siquiera la que debe liberar a Cuba y *Puerto Rico*, sino que se sentirá responsable de “*Nuestra América*” toda [...], e incluso llegará a considerar que la guerra que prepara contribuirá al “equilibrio aún vacilante *del mundo*”.<sup>106</sup>

Os termos em itálico neste trecho estão assim destacados no original, e nos ajudam a perceber as diferentes escalas em que se propunham as identidades de *Casa*: regional, continental e mundial. Tal como ressaltamos ao longo do capítulo, são estas “camadas” que foram sendo constituídas na concepção identitária da revista e não se excluem, mas se complementam. Além disso, os dois excertos destacam o elemento chave para as identidades que usam a obra martiana como principal sustentáculo: a “luta”, a “guerra”, a

---

<sup>105</sup> MALDONADO-DENIS, M. Martí y Fanon. *Casa de las Américas*, Havana, n. 73, jul.-ago. 1972. p. 27.

<sup>106</sup> FERNÁNDEZ RETAMAR, R. Sobre Martí y Ho Chi Minh, dirigentes coloniales. *Casa de las Américas*, Havana, n. 63, nov.-dic. 1970. p. 52.

busca pela liberdade. Como já afirmamos, foi o discurso da resistência ao estrangeiro opressor que tornou Martí figura central na configuração destas identidades.

A relação do personagem cubano com estas identidades mundiais não se limitam, no entanto, a esta ideia de “equilíbrio mundial” e Martí adquiriu, em alguns momentos, traços que o identificavam com termos e conceitos dos anos 1960 e 1970. Ariel Hidalgo, em 1974, assim concluía um texto seu: “Solo así puede apreciarse la legítima estatura mundial de esta inmensa figura internacionalista que antes se concebía como el mero ‘apóstol’ de la independencia política en una isla del Caribe, y no como un genial precursor de la revolución mundial [...]”<sup>107</sup>. Martí é colocado aqui como uma figura “internacionalista” e “precursor da revolução mundial”. Vimos que estes eram discursos bem característicos do terceiro-mundismo ocidental. Um texto de Leonardo Acosta, publicado ainda em 1971, fez esta ligação de forma mais clara: Martí seria o fundador de um “nacionalismo continental abierto además al resto del mundo, en particular a los países tradicionalmente explotados y humillados, al Tercer Mundo, en fin”<sup>108</sup>. A revista vai dando espaço, assim, a uma construção em torno de Martí que o leva de “apóstolo” da independência cubana a mentor da luta mundial contra o imperialismo bem localizada no contexto da Revolução Cubana.

A associação de Martí com o processo cubano será analisada no próximo capítulo, mas já podemos perceber aqui como os esforços por constituir um apelo identitário que permitisse inserir Cuba num cenário mundial recorrem também à figura martiana, mesmo que termos como “terceiro mundo” não estejam presentes em sua obra. Mesmo o caso do Vietnã, também bastante em voga no período no ideário terceiro-mundista, foi conectado à Martí por Retamar num texto de 1970:

Martí, pues, sin la menor duda, concibe la guerra de independencia de Cuba no como un pequeño hecho local contra la decadente España, sino como una realización de vastas proyecciones internacionales [...]: hoy diríamos que como una guerra de Vietnam al inicio de la sanguinaria expansión de los “imperialistas” norteamericanos [...].

---

<sup>107</sup> HIDALGO, Ariel. Martí y el colonialismo imperialista. **Casa de las Américas**, Havana, n. 84, mayo-jun. 1974. p. 95.

<sup>108</sup> ACOSTA, Leonardo. La concepción histórica de Martí. **Casa de las Américas**, Havana, n. 67, jul.-ago. 1971. p. 26.

A revista pretendia, assim, conjugar a vigência da figura martiana com um discurso geopolítico para formular a aproximação entre Cuba e outros processos políticos da segunda metade do século XX. Da mesma forma, e com os mesmos objetivos, paralelos entre a biografia e obra de José Martí e de Ho Chi Minh surgiram na revista como forma de sustentar discursos identitários cada vez mais amplos, como podemos notar neste excerto de um artigo de Miguel A. D'Estéfano del Día (1918-2004), publicado por *Casa* em 1975: “Ho Chi Minh y Martí, que se dieron a la tarea de la unidad de sus pueblos en la lucha por la independencia, convinieron en que dicha lucha trascendía el marco nacional”.<sup>109</sup> Mais adiante, o autor continua: “¿Qué es la historia de Cuba, sino la historia de la América Latina? ¿Qué es la historia de la América Latina sino la de Asia, Africa y Oceanía?”.<sup>110</sup>

Ao tornar Martí o eixo de uma identidade que tornou-se cada vez mais ampla em busca de abarcar diferentes regiões do globo, a revista *Casa* exacerbou este discurso relacionando o pensador cubano com um apelo que englobava toda a humanidade. Manuel Maldonado-Denis, num texto de 1968, assim afirmava:

Patria, decía Martí, es la porción de humanidad donde nos ha tocado vivir. Y el hombre – no importa su patria de origen –, forma parte de esa humanidad más amplia, más vasta que abarca la bola del mundo. De ahí el credo internacionalista del Apóstol. La bofetada en el rostro de un hombre es la bofetada en el rostro de todos los hombres.<sup>111</sup>

A capacidade congregante do discurso identitário martiano não podia ser colocada em questão. Radicalizava-se, assim, o discurso da resistência de Martí a qualquer tipo de agressão estrangeira imperialista e colonialista. Toda agressão à humanidade, a qualquer humano, criava uma instância de identificação sob o discurso martiano da revista *Casa*. Era este o argumento em que insistia Juan Marinello, naquele seu texto de 1975: “Si se me forzase a precisar las vías maestras en que se muestra la más inviolable condición de Martí,

---

<sup>109</sup> D'ESTÉFANO DEL DÍA, Miguel. Ho Chi Minh y José Martí, revolucionarios anticolonialistas. **Casa de las Américas**, Havana, n. 90, mayo-jun. 1975. p. 64.

<sup>110</sup> D'ESTÉFANO DEL DÍA, Miguel. Ho Chi Minh y José Martí, revolucionarios anticolonialistas, 1975. p. 64.

<sup>111</sup> MALDONADO-DENIS. El Martí de Martínez Estrada. **Casa de las Américas**, Havana, n. 50, sep.-oct. 1968. p. 64.

miraría hacia su culto a la *unidad* y a la *libertad* del hombre. [...] A través de toda su escritura, tan cuantiosa y varia, enarbola Martí lo que llama la *identidad fundamental humana*”<sup>112</sup>. Assim, a figura de Martí se prestou à constituição de uma identidade que pretendeu superar o contexto cubano, envolver a América Latina e chegar à Ásia, passando pela África. O principal elemento para criação destes discursos em *Casa* a partir da obra de Martí foi justamente seu ideário de luta e resistência à ameaça imperialista estadunidense.

É através destas noções de unidade exploradas neste item que *Casa de las Américas* buscou inserir Cuba no contexto mundial da segunda metade do século XX. A revista traçou um paralelo discursivo com outros processos políticos a partir de conceitos como “imperialismo”, “subdesenvolvimento” e “terceiro mundo”. Identificado como uma ameaça comum a diferentes povos pelo mundo, “imperialismo” se torna uma categoria explicativa para a identidade revolucionária que o imaginário esquerdista sustentou no período. As lutas de descolonização na África e na Ásia e os diferentes movimentos de resistência à presença de potências europeias são equiparados com processos da América Latina sob a consigna da luta anti-imperialista. Divisando um inimigo comum, o discurso identitário sustentado por *Casa* unia diversos povos, contextos, processos e movimentos sob uma ideia de “terceiro mundo” que buscava dar homogeneidade a um suposto movimento mundial revolucionário. Estes discursos fizeram parte de um projeto revolucionário cubano expresso nesta frase de Fidel Castro: a verdadeira independência “solo puede ser antimperialista, socialista e internacionalista”.<sup>113</sup> A apropriação e a significação discursiva destes elementos integrou a política editorial da revista, que os empregou conforme um projeto de participação cultural na Revolução Cubana que pretendemos abordar como forma de conclusão deste capítulo.

---

<sup>112</sup> MARINELLO, Juan. Fuentes y raíces del pensamiento antimperialista de José Martí, 1975. p. 10-11.

<sup>113</sup> D’ESTÉFANO DEL DÍA, M. Ho Chi Minh y José Martí, revolucionarios anticolonialistas, p. 62. O projeto revolucionário cubano foi se desenhando ao longo da década de 1960 e 1970. A crescente aproximação com a URSS marca várias mudanças nas políticas empreendidas pelo regime cubano. A dependência das relações exteriores com o bloco socialista se sobressai no campo econômico, sendo soviéticos os principais capitais investidos em Cuba, mas o campo cultural também sentiu um enrijecimento das políticas culturais que passaram a se apoiar, em certa medida, nas orientações do modelo socialista soviético. Cf. PERICÁS, Luiz Bernardo. **Che Guevara e o debate econômico em Cuba**. São Paulo: Xamã, 2004; MISKULIN, Sílvia. O ano de 1968 em Cuba: mudanças na política internacional e na política cultural. **Revista Esboços**, Florianópolis/UFSC, v. 15, n. 20, p. 47-66, 2008; MISKULIN, Sílvia. **Os intelectuais cubanos**, 2009.

## O Projeto da Revolução Cubana: Cuba, Guerra Fria e a revista *Casa*

Uma das principais questões deste trabalho envolve a ideia de que o projeto editorial desta revista faz parte de um projeto maior: as estratégias de exportação do processo revolucionário iniciado em Cuba, que visavam constituir aí uma liderança para uma revolução continental. Em vários momentos, percebemos que este discurso identitário estava integrado a um projeto revolucionário cubano. Por exemplo:

Admitimos que la primera mitad no, pero esta mitad del siglo XX es nuestra, de América Latina, del Tercer mundo. No vamos a renunciar a ella. Ese destino político de nuestros pueblos es también un destino cultural. Si no asumimos ese destino, nunca dejaremos de ser colonias culturales.<sup>114</sup>

Neste trecho notamos o uso da identidade numa lógica de convocação, de superação da condição de “colônia cultural”. O já citado texto “Responsabilidad del intelectual ante los problemas del mundo subdesarrollado”, de 1968, é emblemático neste sentido porque explicita uma série de compreensões que nos ajudam a entender a problemática identitária e o objetivo de sua constituição pela revista. Nele lemos: “[...] los pueblos del tercer mundo toman decididamente el camino de la lucha armada”<sup>115</sup>. O discurso de *Casa* estabelece assim um *internacionalismo revolucionário*, ampliando a escala da luta armada para o “terceiro mundo”, categoria discursiva que, como vimos, abarca diversos países na África, Ásia e América.

O que queremos destacar aqui é que foi construído discursivamente, principalmente por um esforço de *Casa de las Américas*, um movimento revolucionário que se colocava numa escala mundial apesar de ser proposto apenas por intelectuais ocidentais, e coube a Cuba um papel central neste quadro constituído pela revista. O fato de Cuba estar desenvolvendo um processo revolucionário socialista neste contexto mundial faz com que o discurso presente em *Casa* identifique aí uma liderança na oposição ao imperialismo, aquele “inimigo comum” que já mencionamos. Esta compreensão leva à seguinte afirmação presente ainda naquela resolução do Congreso Cultural de la Habana, de 1968:

---

<sup>114</sup> FERNÁNDEZ RETAMAR, R. Sobre la penetración intelectual del imperialismo yanqui en América Latina. *Casa de las Américas*, Havana, n. 39, nov.-dic. 1966. p. 139.

<sup>115</sup> RESPONSABILIDAD del intelectual ante los problemas del mundo subdesarrollado. *Casa de las Américas*, Havana, n. 47, mar.-abr. 1968. p. 102.

El bloqueo que los Estados Unidos han impuesto sobre Cuba exige de nosotros que promovamos, individualmente y en el marco de las organizaciones necesarias, todas las acciones que conduzcan a romper el aislamiento en que se pretende mantener a este país, vanguardia de la revolución en América.<sup>116</sup>

Observamos, assim, claramente, que Cuba é colocada numa posição de vanguarda revolucionária no contexto latino-americano. A noção de que este cenário de convulsão política deve ser expandido está presente também neste texto e, mais uma vez, mostra uma lógica internacionalista: “La ayuda técnica de los países socialistas a los países en revolución es un ejemplo de internacionalismo en este campo”<sup>117</sup>. Sobre essa ideia, podemos pensar tanto na aproximação cubana com as políticas e auxílios soviéticos, quanto numa ajuda que Cuba estaria disposta a oferecer a países que viessem a integrar o movimento socialista continental.

O fato de estarem mencionados “países socialistas” marca o contexto mundial da Guerra Fria. O texto que estamos aqui discutindo insere aí o internacionalismo revolucionário cubano: “El actual movimiento de liberación de los pueblos del Tercer Mundo conduce al socialismo. [...] Las revoluciones cubana y vietnamita no cesan de afirmar, con su vitalidad, su particularismo nacional y su universalismo social”<sup>118</sup>. Na verdade, a referência à Guerra Fria é indireta; o texto estabelece um conflito mundial entre duas forças: a imperialista e a revolucionária.<sup>119</sup> Podemos notar que, apesar de serem termos distintos, estão designando dois polos de enfrentamento, o capitalista e o socialista. Já vimos como o imperialismo torna-se critério de definição identitário que localiza tanto o “inimigo comum” quanto suas vítimas. O discurso de identidade que podemos observar em *Casa* mantém uma lógica dicotômica e, ao partir desta compreensão de dois blocos em enfrentamento, nos diz muito sobre o projeto de exportação revolucionária do qual a publicação foi expressão discursiva.

Assim, podemos pensar no papel que uma revista cultural como *Casa de las Américas* desempenhou no contexto da Revolução Cubana. Sendo uma publicação de

---

<sup>116</sup> *Idem*, p. 105.

<sup>117</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>118</sup> *Idem*, p. 103.

<sup>119</sup> *Idem*, p. 102.

ampla circulação, ao colocar em discussão estas noções, ideias, conceitos e compreensões, *Casa* constituiu uma série de discursos que se relacionavam com o processo revolucionário cubano. Sua proximidade com as políticas do regime atribuiu um caráter oficialista e lhe rendeu legitimidade: a revista tornou-se um espaço de autoridade para arbitrar questões culturais, difundindo discussões e apresentando debates. Nesta dinâmica, estabeleceu uma institucionalidade cultural latino-americana que tinha na Revolução Cubana seu centro de referência. O discurso identitário que tentamos analisar neste trabalho é parte deste arcabouço discursivo que a revista fomentou, incentivou e configurou. Ao pensarmos neste discurso inserido numa concepção de projeto revolucionário, buscávamos superar o âmbito textual da revista e enxergá-la em sua função social e política, em sua atribuição revolucionária cumprindo um papel e assumindo uma responsabilidade, tal como foi cobrado do intelectual neste contexto.





### Capítulo 3 – Intelectual em *Casa* e para *Casa*: estética, exemplo revolucionário e a história

*[...] El relato tiene como protagonista a Che Guevara y un escritor latinoamericano; éste, al final de su visita a Cuba, declara su entusiasmo por la revolución y su deseo de ayudar a promover en su país un proceso similar.*

*- Lástima – se queja – que no sepa exactamente qué hacer, a través de mi trabajo, para promover la revolución.*

*- ¿Qué hace usted? – pregunta Guevara.*

*- Soy escritor.*

*- Ah – replica el Che –. Yo era médico.*

Carlos Nuñez, Revista *Casa de las Américas*, n. 35, p. 95, 1966.

#### O princípio da desconfiança: o anti-intelectualismo

Como já afirmamos, as relações entre intelectuais e dirigentes políticos se tornam especialmente intrincadas no contexto da Revolução Cubana. Esta proximidade e convivência de ambos os grupos nem sempre foi pacífica ou construída sobre o consenso. Rafael Rojas, em um texto publicado em 2007, defende que, nos processos revolucionários, há um período inicial de entusiasmo, que aproxima líderes políticos e vanguardas artísticas. No caso da Revolução Cubana, o autor nota que este encantamento dos primeiros momentos diminuiu conforme o regime foi estabelecendo seu governo e ditando as políticas que regulavam o campo cultural dentro da proposta revolucionária. Podemos perceber, então, que intelectuais e políticos se uniram quando do triunfo em 1959, e foram, ao longo dos anos 1960, se afastando em vista de uma série de eventos e atritos que revelaram um descompasso entre os dois grupos, culminando num rompimento entre parte da intelectualidade e o regime político de Fidel Castro.<sup>120</sup>

---

<sup>120</sup> ROJAS, Rafael. Anatomia do entusiasmo: cultura e revolução em Cuba (1959-1971). **Tempo social**, São Paulo, v.19, n. 1, p. 71-88, jun. 2007. O primeiro momento de atrito se deu em 1961, quando o governo, através do ICAIC, censurou o curta *PM*, realizado na ilha sobre a vida noturna em Havana. Os debates que desse caso procederam indicavam já o tipo de política cultural que o regime estava disposto a executar. Mas a

Ao reivindicar participação política, os intelectuais afirmaram seu compromisso com a revolução e com a construção do socialismo em Cuba. Para as linguagens artísticas, este compromisso representou um peso considerável quando a demanda por uma cultura revolucionária passou a ser posta aos intelectuais. Assim, os escritores se defrontaram com uma série de concessões a serem realizadas que caracterizavam o entendimento do regime político acerca do que seria uma literatura verdadeiramente revolucionária.

Foi neste contexto, onde várias cobranças eram colocadas à literatura e aos seus autores, que cresceram e se difundiram debates e discussões sobre a liberdade de expressão, que cercavam, na verdade, uma questão central: qual a função social do intelectual na revolução? Neste âmbito se constituiria um discurso de desautorização e deslegitimação da postura do intelectual que se tornava crítico ao regime, que demandava liberdade artística para suas obras e que lutava contra o crescente controle da política sobre a cultura e a arte. Este discurso anti-intelectualista configurou-se, então, sobre a afirmação de um modelo de atuação intelectual e cultural de acordo com as premissas revolucionárias, e estabeleceu a condenação dos que não mostravam alinhamento com as condutas esperadas pelo regime.<sup>121</sup>

Segundo Claudia Gilman, foi ao longo dos anos 1960 que se constituiu o anti-intelectualismo. Com os atritos a partir de 1968 entre intelectualidade e políticos do regime, a pressão social sobre os primeiros cresceu. É numa mesa redonda acontecida em maio de 1969 que a autora vê a formulação explícita de princípios que regeriam essa negatificação a qual os intelectuais foram submetidos no campo cultural cubano:

La declaración de principios antiintelectualistas quedó institucionalmente formulada en la mesa redonda, en Cuba, el 2 de mayo de 1969, a modo de reflexión sobre los diez primeros años de la revolución, en la que el tema convocante fue, precisamente, el de los intelectuales, prueba de que era ésa una de las principales cuestiones a dirimir dentro de la revolución. [...] En ese encuentro puede decirse que el antiintelectualismo adquiere su filosofía y su clímax; uno de los principales postulados allí esbozados consiste en la aceptación de la superioridad de la dirigencia política y en la afirmación de que el intelectual es quien acepta, precisamente, esa superioridad.<sup>122</sup>

---

intelectualidade cubana e internacional só se dividiria em razão das ingerências políticas na cultura alguns anos mais tarde, principalmente a partir de 1968, com os eventos do caso Padilla.

<sup>121</sup> GILMAN, Claudia. **Entre la pluma y el fusil**, 2012. p. 189-231.

<sup>122</sup> GILMAN, Claudia. **Entre la pluma y el fusil**, 2012. p. 224.

Acreditamos que essa “formulação institucional” do anti-intelectualismo não foi tão tardia na década de 1960. Talvez tenha escapado a Gilman, mas, para nós, uma enquete<sup>123</sup> (formato bastante utilizado por *Casa* para trazer vários intelectuais a discutir um tema em suas páginas) de 1966, publicada no número 35 da revista, com o tema “El papel del intelectual en los movimientos de liberación nacional”, já havia conformado e reunido uma série de discursos de crítica sistemática ao intelectual e à sua forma de atuação política. Nos leva a defender essa enquete como primeiro momento de investida institucional anti-intelectualista, o fato de que os diversos participantes (onze no total) proclamaram quase em unísono os postulados que Gilman identificou na mesa redonda de 1969. Alguns participantes chegam a revelar preocupação com a radicalização do anti-intelectualismo no período (“Ser demasiado intelectual es tan lastimoso como ser demasiado antiintelectual”<sup>124</sup>), ou defendem uma perspectiva de liberdade criativa (“Así como el hombre tiene el deber de ser un buen ciudadano, el escritor tiene el deber de ser un buen escritor. El arte es una actividad autónoma. [...] Como escritor estoy obligado a escribir sólo lo que siento”<sup>125</sup>), mas são pontos muito reduzidos perante o anti-intelectualismo patente nas respostas. O tom predominante é o que promove a desconfiança e uma série de preconceitos em relação aos intelectuais.

Assim, se o anti-intelectualismo foi constituindo-se ao longo de um processo em diálogo com o contexto político-intelectual da Revolução Cubana, nesta enquete de 1966 vemos formulados e sistematizados na revista alguns elementos centrais para a elaboração discursiva de um ambiente no campo cultural cubano e latino-americano que se pautou pela hostilização a posturas consideradas prejudiciais para o regime político que se instalava em Cuba e para o projeto de exportação desta ideologia revolucionária.

Ao apresentar a enquete, Carlos Núñez elenca alguns dos principais temas que surgiram entre as diversas respostas:

---

<sup>123</sup> NÚÑEZ, Carlos. El papel del intelectual en los movimientos de liberación nacional. **Casa de las Américas**, Havana, n. 35, mar.-abr. 1966. p. 83-99.

<sup>124</sup> ROJAS, Manuel. El papel del intelectual en los movimientos de liberación nacional. **Casa de las Américas**, Havana, n. 35, mar-abr 1966. p. 95.

<sup>125</sup> MORAVIA, Alberto. El papel del intelectual en los movimientos de liberación nacional. **Casa de las Américas**, Havana, n. 35, mar-abr 1966. p. 93.

La ubicación sociológica y psicológica del intelectual; sus prejuicios de clase; sus ataduras o dependencias con respecto al sistema capitalista; su carácter individualista y gregario a un tiempo (no hay intelectual sin intelectuales, se ha dicho); su habitual rechazo de la violencia física; su fuente nutricia más notoria de ese lado del mundo, el estado de conflicto entre el individuo y su medio; su libertad o su indisciplina, ese ‘proceso de perenne apostasía’ que señala Lisandro Otero y que ha llevado a una posición generalizada dentro de los medios intelectuales latinoamericanos con respecto a la revolución, autodefinida como ‘adhesión crítica’; su difícilmente predecible futuro en una sociedad ordenada sobre una escala de valores que difiere sensiblemente de la que hasta ahora está habituado a considerar; [...].<sup>126</sup>

Podemos notar que o papel social do intelectual será alvo de considerações um tanto desconfortáveis se pensarmos que são sujeitos que estão buscando inserir-se numa perspectiva política engajada com a esquerda, com a construção do socialismo cubano e com a promessa de revolução anti-imperialista na América Latina. O individualismo, a origem classista, a pouca predisposição à violência (e, portanto, à luta ativa, à guerrilha), a dependência do capitalismo, o ceticismo, são elementos que mostram que o intelectual era considerado e pensado a partir de uma situação desfavorável diante do contexto que a Revolução Cubana estava fundando. O intelectual era visto, assim, como estando deslocado de sua zona de conforto e, por isso, representava um inimigo potencial do processo revolucionário.

Colocá-lo como inimigo pode parecer pesar a mão, mas a desconfiança que cerca os intelectuais no período é marcante e é um destes elementos centrais do anti-intelectualismo que queremos caracterizar:

Al negar su concurso a las luchas libertadoras, a la vez claudican ante la vida, y se empobrecen y mutilan, lo sepan o no, tengan o no la valentía de reconocerlo. El intelectual, el artista, trata desesperadamente – más de una vez se ha dicho – de justificarse a sí mismo. Pero, ¿puede sentirse absuelto ante el tribunal íntimo el que se complace en un hoy imposible ‘apoliticismo’ y se queda impávido ante el espectáculo de su patria pisoteada y su pueblo ofendido y saqueado hasta los huesos?<sup>127</sup>

Assim, Alfredo Varela (1914-1984) demonstrava pouca credibilidade e pouca esperança em relação à sinceridade ou valentia do intelectual. Aos poucos, ao longo da enquete foi

---

<sup>126</sup> NÚÑEZ, C. El papel del intelectual en los movimientos de liberación nacional. **Casa de las Américas**, Havana, n. 35, mar-abr 1966. p. 84-85.

<sup>127</sup> VARELA, Alfredo. El papel del intelectual en los movimientos de liberación nacional. **Casa de las Américas**, Havana, n. 35, mar-abr 1966. p. 96.

compondo-se uma visão bastante negativa do intelectual que, além de um indivíduo pouco dado às mobilizações do povo do qual faz parte (do qual ele se veria apartado, isolado no alto da sua “torre de marfim”), também era visto como apegado às benesses da sociedade burguesa: fama e reconhecimento, o que muitas vezes era entendido como caminhos mais fáceis para riquezas pessoais. Manuel Galich (1913-), entre os tipos de intelectuais que perfila em sua resposta, destaca:

[...] otro tipo de intelectual latino-americano, vendido al imperialismo, [...]. Me refiero a ese tipo de intelectual bien pagado con dólares, invitado por instituciones seudoaltruistas o por Universidades yanquis, o cursillos o conferencias, beneficiados con becas y viajes de ‘estudio’, para escribir libros insidiosamente hostiles a los movimientos de liberación nacional y de propaganda al servicio del imperialismo yanqui.<sup>128</sup>

Então, além da desconfiança para com sua figura, o intelectual ganhava um contorno de vaidade, visto como um sujeito em busca de reconhecimento e fama em circuitos internacionais remunerados.

A forma de solucionar o problema do intelectual numa sociedade revolucionada é unânime para os participantes da enquete: o intelectual teria que transformar-se, adequar-se a um novo tipo de atuação social, a uma nova configuração social e cultural que lhe demanda uma concepção distinta de seu ofício: “[...] la primera etapa del intelectual que se asimila a la lucha de liberación nacional es la dejación del examen crítico excesivo, de la teorización exagerada a que es tan dado el intelectual, y la inmersión apasionada en las tensiones que gestan una revolución”<sup>129</sup>. A superioridade de uma esfera política revolucionária, tal como Gilman assinalou no evento de 1969, surge, assim, como possibilidade para este novo tipo de intelectual que estava sendo fundado com a Revolução Cubana. Era o colocar-se a serviço do processo, o dispor-se a trabalhar em favor do desenvolvimento de um bem coletivo, e não mais individual, que valorizava e definia o verdadeiro intelectual, o intelectual revolucionário:

A lo largo de estos años, ¿cuál ha sido, pues, el ‘papel del intelectual’? Sin intentar un resumen [...], yo diría que funcionar en la tarea concreta, de orden práctico, que

<sup>128</sup> GALICH, Manuel. El papel del intelectual en los movimientos de liberación nacional. **Casa de las Américas**, Havana, n. 35, mar-abr 1966. p. 89-90.

<sup>129</sup> OTERO, Lisandro. El papel del intelectual en los movimientos de liberación nacional. **Casa de las Américas**, Havana, n. 35, mar-abr 1966. p. 93.

se le haya asignado; pensar, interpretar la revolución, sus raíces, sus vínculos, su sentido, lo que nos ha llevado a una comprensión de nuestro mundo, el mundo subdesarrollado, el tercer mundo; y, en el caso de un artista, particularmente de un escritor, expresar tanto el fervor como la tensión de una sociedad nueva que nace, que vamos construyendo y que nos va construyendo [...].<sup>130</sup>

O anti-intelectualismo constrói-se, assim, em operações verbais: *define* diferentes tipificações dentro do grupo “intelectual”; *negativa* os tipos que não condizem com uma conduta definida de trabalho submetido às ingerências políticas no cultural e; *autoriza e legitima* a partir de uma oficialidade no imaginário político aqueles que se colocam dentro da atuação esperada para a construção de um projeto revolucionário específico.

Através da oposição entre ação revolucionária e criação artística, constantemente afirmada e estabelecida pela oficialidade cubana, a revista *Casa* consegue pautar uma série de discursos sobre como o intelectual deve se portar num processo político revolucionário. A figura de José Martí surge com especial relevo nestas questões: é ele que foi indicado pela revista como modelo de intelectual revolucionário. Na sua obra e na sua biografia, a publicação vai reiterar e demonstrar as atitudes que considerava condizente com um “homem de letras” verdadeiramente revolucionário. Nessa busca por trazer Martí ao século XX, o discurso oficial cubano relacionou o processo revolucionário iniciado em 1959 ao século XIX, encontrando naqueles eventos e movimentos da Cuba ainda colonial as raízes de uma suposta tradição revolucionária. Podemos, assim, notar como estas operações discursivas se alimentam e são alimentadas mutuamente: ao passo em que se busca legitimar historicamente a revolução, também se ressuscita um herói nacional que tem atuação disciplinar e normatizadora no discurso da revista e nos discursos que circulavam pelo campo cultural cubano. O anti-intelectualismo constituiu e foi constituído por estes tantos “artefatos verbais” surgidos num contexto onde se desenvolvia um processo político que valorizou, sim, o cultural. Mas o fez numa concepção instrumental e utilitária, numa percepção da obra de arte como veículo de mensagens políticas. O artista, o escritor, foi pensado como o intermediário entre vanguarda, não artística mas política, e povo, esfera coletiva de autorização máxima no discurso da oficialidade cubana. Por isso, se cobrou tanto uma estética ligada ao presente, ligada a uma realidade que se pretendia total.

---

<sup>130</sup> FERNÁNDEZ RETAMAR, R. El papel del intelectual en los movimientos de liberación nacional. *Casa de las Américas*, Havana, n. 35, mar-abr 1966. p. 89.

## **Estéticas da política: testemunhar a Revolução**

O anti-intelectualismo foi um discurso construído ao longo de diferentes publicações, textos, eventos culturais. Seus alcances políticos mais claros são ligados à posição em que o intelectual se coloca na sociedade: seu compromisso com o processo político, sua participação e sua vida pública. Mas, em sua constituição, o anti-intelectualismo elenca preconceitos, recomendações, disciplinamentos, normativismos, que superam a atuação política dos intelectuais. As diversas concepções e ideais estéticos que nortearam a criação artística do período também fazem parte desse tipo de discurso, principalmente aqueles propugnados pela revista *Casa*, que se converteu numa espécie de centro onde o anti-intelectualismo foi afirmado e reafirmado através de inúmeros textos e diferentes autores. A literatura sempre foi o enfoque central da revista, mas, como afirmamos, as outras produções artísticas não estavam ausentes. Assim, podemos perceber como também no cinema e na música uma estética se estabelecia como mais ligada às demandas de uma revolução, um processo onde a imediatez e a ubiquidade seriam características vitais.

O realismo já se afirmava como estética predominante na literatura latino-americana, nesta segunda metade do século XX. O realismo fantástico de muitas obras escritas no período por autores do continente, e apontado como responsável pela popularização desta literatura em circuitos internacionais, estava assentado sobre a noção de que o real e a fantasia são dois lados de uma mesma moeda: o caráter do que é fantástico só se define a partir da natureza estabelecida da realidade. No “realismo maravilhoso”, conceito desenvolvido por Carpentier, o real ganha ainda mais força. Segundo ele, a história da América Latina já é dotada de “milagres”, alterações fantásticas da realidade, desobrigando o literato da tarefa criativa de desenvolver o maravilhoso, algo que em sua visão já estava desgastado:

Mas, à força de querer suscitar o maravilhoso a todo o transe, os traumatúrgos tornam-se burocratas. Invocando por meio de fórmulas consabidas que fazem de certas pinturas um monótono ferro-velho de relógios em melaço, de manequins de

costureira, de vagos monumentos fálicos, o maravilhoso fica-se em guarda-chuva, em lagosta, ou máquina de costura ou o que quer que seja [...].<sup>131</sup>

A literatura que se preocupasse com a realidade do continente já traria de seu referente o fantástico:

E é que, pela virgindade da paisagem, pela formação, pela ontologia, pela presença fáustica do índio e do negro, pela revelação que constituiu a sua recente descoberta, pelas fecundas mestiçagens que propiciou, a América está muito longe de ter esgotado o seu caudal de mitologias. Mas que é a história de toda a América senão uma crônica do real maravilhoso?<sup>132</sup>

É também de Carpentier um texto que discute as possibilidades políticas do literato e promove a realidade como único referencial aceitável para um escritor revolucionário. O autor defende que o escritor compromissado deve tratar do mundo que o cerca, “criticá-lo, exaltá-lo, pintá-lo, amá-lo, tentar compreendê-lo, tentar falar-lhe, falar dele, mostrá-lo, mostrar nele o âmago, os erros, as grandezas e as misérias”.<sup>133</sup> Insiste também que o objetivo do romance é atingir sua época, existir em função da realidade em que é produzido, onde o romancista deve encontrar “uma causa de reflexão, uma fonte de ação, do que eu chamaria ação escrita”.<sup>134</sup> Carpentier, como intelectual ligado finamente ao regime e às políticas culturais promovidas na ilha, nos dá amostra de como o realismo estava arraigado no discurso revolucionário como estética aceita do intelectual que queria engajar, a si e a sua obra, à Revolução Cubana.

É importante notar que a revista *Casa* não deixa esse apego ao realismo cair em apologia ao realismo socialista, ou realismo soviético, depreciado por sua concepção facilista e panfletária. Na verdade, a publicação apresenta, em vários momentos, uma crítica pungente a este tipo de estética. Por exemplo, Retamar, em 1966, respondia a uma enquete e tecia os seguintes comentários:

En el orden de la creación artística, el remitirse a una experiencia socialista mundial, lleva a no pocos escritores a preguntarse si en Cuba van a repetirse los errores del llamado ‘realismo socialista’. Fidel Castro da una primera respuesta a estas preocupaciones en su discurso de mediados del 61 publicado con el título de

---

<sup>131</sup> CARPENTIER, Alejo. Do real maravilhoso Americano. In:\_\_\_\_\_. **Literatura e consciência política na América Latina**. Lisboa: Dom Quixote, 1971. p. 114. O texto original é de 1949.

<sup>132</sup> *Idem*, p. 119.

<sup>133</sup> CARPENTIER, A. O papel social do romancista. In:\_\_\_\_\_. **Literatura e consciência política na América Latina**. Lisboa: Dom Quixote, 1971. p. 143. O texto original é de 1967.

<sup>134</sup> *Idem*, p. 137.



‘Palabras a los intelectuales’. Pero la preocupación no se desvanece del todo [...]. Yo no señalaría una fecha fija, ni trazaría una raya, pero no puedo dejar de recordar, por ejemplo, el rechazo del llamado ‘realismo socialista’ en las páginas de ‘El socialismo y el hombre en Cuba’, del Che.<sup>135</sup>

Se o realismo socialista não era uma possibilidade para a arte chamada revolucionária, é inegável que foi empreendida a busca por uma linguagem estética que cumprisse esse papel na sociedade. E nessa busca o realismo foi, sim, um elemento norteador. O próprio Retamar já havia defendido a importância desta linguagem para a constituição mesma do que ele entende por literatura:

[Realismo] Significa dos cosas: por una parte, una manera de hacer literatura, que alguna vez fue una “escuela” y hasta una aberración. En este sentido, se tiene el derecho de aceptar o rechazar ese “realismo” o esos “realismos”. Pero, además, el realismo es la base misma de la literatura, que es un cierto comentario a la realidad. La realidad, por su parte, no es realista, sino real. Por eso, si se postula que la literatura *debe* ser realista, en la primera acepción de la palabra, se comete una violencia; y en la segunda acepción, un pleonismo. [...]<sup>136</sup>

Podemos observar que o trecho destacado traz também a recusa ao realismo socialista. Na verdade, o autor, ao argumentar a favor do realismo, busca marcar de forma insistente uma diferenciação entre “realismos”: a literatura, como expressão da própria realidade já seria realista em si. A recusa de uma estética realista não poderia invalidar uma linguagem ainda muito vigente nas concepções marxistas sobre a arte e a cultura. Tratava-se de buscar, neste discurso constituído em *Casa*, uma literatura realista, mas livre de simplismos, facilismos, etc...

Quintero-Herencia nota como o tom normativo na estética dita revolucionária dava mostras do discurso anti-intelectualista, o qual pressupunha que as obras artísticas deveriam conter o teor de compromisso político de seus autores. A cobrança por um posicionamento mais claro por parte da revista *Casa* em torno do realismo é apontada pelo autor como um dos motivos da saída de Antón Arrufat da chefia de redação do periódico em 1965:

A pesar de las declaraciones del Che Guevara en torno la apertura poética que debían facilitar las instituciones culturales de la Revolución, Arrufat sale de la

---

<sup>135</sup> FERNÁNDEZ RETAMAR, R. El papel del intelectual en los movimientos de liberación nacional. **Casa de las Américas**, Havana, n. 35, mar-abr 1966. p. 89-90.

<sup>136</sup> FERNÁNDEZ RETAMAR, R. Conversación sobre el arte y la literatura. **Casa de las Américas**, Havana, n. 22-23, ene.-abr. 1964. p 148. *Apud.* QUINTERO-HERENCIA, J. *Op. Cit.*, p. 449.

Redacción de la *Casa* bajo condiciones ligadas a “temarios”, precisamente, “personales”, “morales” y políticos, que la oficialidad deseaba ver representados en las páginas de la *Casa*. [...] En este sentido, la salida de Arrufat de la redacción de la *Casa* demuestra que, a pesar de la condena del Che Guevara a las implementaciones fáciles de una poética realista como criterio de “evaluación” artística, la preeminencia de los perfiles morales (revolucionarios) de un autor pareció ser un “criterio político superior” con el cual evaluar la labor cultural de un autor.<sup>137</sup>

Construía-se, então, um critério de avaliação do perfil revolucionário dos produtores culturais cubanos e latino-americanos. O realismo aparece como elemento central nesta noção dominante da “oficialidade” expressa nas instituições culturais:

Así, el “realismo” que, tal vez, se le reclamó “editorialmente” a los primeros redactores de la *Casa* surgió de los modos de definición de “lo real” y de los modelos de “moralidad personal” que el discurso político de la oficialidad privilegiaba a través de sus instituciones. Más que una poética, este “realismo” crítico fue un reclamo de orden y autoridad ante la jerarquía intelectual y personal que fundaba la política cultural de la Revolución.<sup>138</sup>

Não apenas na literatura, mas em outras expressões artísticas, o realismo representou uma forma de exprimir conformação com discursos culturais que eram definidos por instituições ligadas à oficialidade do regime, como é o caso de *Casa*. Essa era uma forma recorrente de tentativa de filiação ao processo político, de mostrar-se como artista responsável socialmente, de constituir-se como intelectual num cenário onde este epíteto foi construindo-se sob a noção de compromisso cultural com a política.

É reveladora neste sentido uma enquete publicada por *Casa* no ano de 1969, no número duplo 51-52. Ela pode nos ajudar a dar conta da ideia que alguns autores e críticos cubanos faziam da literatura, seus processos e relações com a revolução e estabelecer assim a centralidade do realismo nas estéticas que se pretendiam revolucionárias. Aos dez anos do triunfo da Revolução Cubana é publicado um número duplo comemorativo, que traz esta enquete com a resposta de trinta e oito autores e seis críticos literários a perguntas que tratam do tema “literatura e revolução”. É interessante analisá-la se levarmos em conta a importância destas questões submetidas a diversos intelectuais, o que cria um espaço de opiniões e reflexões distintas acerca de uma unidade temática, reunidos numa edição especial de grande tiragem. São respostas elaboradas para fazerem parte de um número

<sup>137</sup> QUINTERO-HERENCIA, J. *Op. Cit.*, p. 446-447.

<sup>138</sup> QUINTERO-HERENCIA, J. *Op. Cit.*, p. 449.

especial de comemoração da Revolução Cubana, em uma revista de grande prestígio e bastante ligada ao regime revolucionário. Este é um fator que está presente na concepção mesma da enquete e que molda, portanto, o formato das perguntas e estabelece elementos discursivos em torno dos quais os participantes vão constituir suas reflexões. Mesmo que não haja unanimidade total nas respostas, temos que notar que elas expressam de formas distintas os mesmos lugares-comuns do imaginário cultural e político cubano e esquerdista latino-americano, campo no qual *Casa de las Américas* se coloca como farol guia.

Entre os autores, ao responder qual seria, em suas opiniões, a expressão cultural mais importante da Revolução, encontramos todo tipo de respostas: o aporte revolucionário à problemática do terceiro mundo, o trabalho de revisão da história cubana, e a própria revolução política foi posta como feito cultural. A liberdade de expressão e o respeito às manifestações artísticas aparecem em algumas respostas, em tom de defesa da revolução e de seus dirigentes:

[...] Jamás, en la Cuba actual, se ha pedido al escritor que escriba de tal o cual manera, al pintor que pinte de esta otra, al escultor que talle bustos de próceres. Se ha dejado a cada cual su espontaneidad de afirmación, sin que por ello se ignoraran, desde luego, los imperativos históricos inmediatos. A nadie se ha pedido que trabaje de acuerdo con determinadas normas. Creo, respondiendo a la primera pregunta, que, en lo cultural, la Revolución cubana, poniendo a los artistas ante el espectáculo apasionante de su dinamismo y de sus realizaciones, ha tenido la originalidad, la gran originalidad, de salvaguardar y respetar los modos de expresión.<sup>139</sup>

Podemos notar na resposta de Carpentier que a ingerência política no campo cultural despertava já algum incômodo. O autor defende que a melhor forma de expressão da revolução teria sido o respeito aos diferentes modos de expressão, algo supostamente original até então. Uma argumentação nesse tom apenas revela o ambiente de descontentamento que os intelectuais cultivavam na sua relação com o regime. No ano anterior à publicação da enquete, 1968, se deram os primeiros atritos com o poeta Heberto Padilla e sua obra *Fuera del Juego*, justamente pelo tom crítico ao regime e suas políticas culturais apresentado em seus poemas.

---

<sup>139</sup> CARPENTIER, A. Literatura y revolución. *Casa de las Américas*, Havana, n. 51-52, nov. 1968-fev. 1969. p. 125-126.

De que a relação entre regime político e campo cultural era intrínseca, a enquete não deixa dúvidas. Nas respostas a esta primeira questão aos autores, sobre a principal forma de expressão cultural da Revolução Cubana, são constantes as referências às conquistas alcançadas pelo regime nos assuntos culturais. A universalização da educação é quase um consenso entre os autores. Os esforços do governo com a campanha de alfabetização foram reconhecidos por estes escritores, que valorizaram a educação como um meio de popularizar a cultura e sofisticar suas expressões e produções, democratizando o acesso às obras de arte que deixariam de ser consumidas somente por uma elite intelectual. A educação revolucionária apareceu como vital na formação do cidadão e na transmissão de novos valores sociais:

La campaña de alfabetización, la subsiguiente educación de masas, la creación de miles de aulas, el libre y fácil acceso a la cultura, y sobre todo el cambio de ideología y la formación de una conciencia social y política de nuestro pueblo constituyen la mejor forma en que la revolución se expresa en la cultura cubana.<sup>140</sup>

A importância colocada sobre a educação como forma de democratizar a cultura não é gratuita. A população, o povo cubano, é o grande ator do processo histórico no discurso da oficialidade cubana. Trazer essa “massa” ao campo cultural, educá-la e dar-lhe meios de desfrutar a produção artística dos intelectuais é o melhor caminho para legitimar o campo cultural como âmbito revolucionário: nestas concepções, fundadas no anti-intelectualismo, é o público que dá validade social ao artista, e são as ações do regime que constroem este público.

Como já afirmamos, esse movimento de construção de uma estética realista não é exclusividade do literário. Na indústria cinematográfica também se desenvolve uma linguagem apegada ao presente da Revolução. Linguagem esta que recebe bastante atenção dos intelectuais em suas respostas à enquete em questão. O cinema também é muito citado como a maior expressão cultural da revolução: “[...] El cine, nuestro cine, nacido con el triunfo de la Revolución, ha sabido interpretar como ningún otro elemento cultural los

---

<sup>140</sup> IZNAGA, Alcides. Literatura y revolución. **Casa de las Américas**, Havana, n. 51-52, nov. 1968-fev. 1969. p. 134.

altibajos de nuestro hacer, nuestra luchas, nuestras esperanzas, nuestras conquistas”<sup>141</sup>. Outras respostas deixam clara a relação que se estabelecia entre linguagem fílmica e reflexo cultural do momento político da ilha:

El cine es hoy por hoy la más fiel expresión en la cultura de un pueblo. En Cuba, por ejemplo, lo es de nuestro proceso social en perpetuo desarrollo. Con sus pocos años de fundado, el Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos, ha llegado a formar parte (diría mejor que se ha convertido en el rostro) arterial de nuestra Revolución.<sup>142</sup>

O ICAIC, mencionado aqui por Pedro Pérez Sarduy (1943-), se firma no cenário latino-americano como referência de produção e desenvolvimento de uma cinematografia engajada ao regime revolucionário. A busca por uma linguagem realista também pautou o discurso deste órgão oficial do regime revolucionário sem, mais uma vez, expressar adesão ao realismo socialista. Os cineastas vinculados ao instituto participaram de várias polêmicas e debates em torno da questão e ressaltavam sua crítica a esta estética e seu didatismo e facilismo.

Mariana Villaça<sup>143</sup> enfatiza como o ICAIC foi um centro que aglomerou perspectivas distintas e permitiu uma confluência de posições em torno a algumas questões. A autora nos mostra como o movimento conhecido como Nuevo Cine Latinoamericano despertou iniciativas por todo o continente em busca de um cinema que tivesse o conteúdo político-social como matéria prima. Entre os objetivos primados neste movimento, Villaça sublinha: “Propósitos como o de se criar uma linguagem própria, libertadora, de maneira que esta, mais que um instrumento de denúncia, se convertesse em espaço de crítica e reflexão; mostrar a face do ‘verdadeiro’ homem latino-americano; atingir o grande público; fomentar a ideia de América Latina como ‘Pátria Grande’ [...]”<sup>144</sup>. São estas noções por trás do Nuevo Cine Latinoamericano que o aproxima do ICAIC e de Cuba. Analisando a relação entre Glauber Rocha, cineasta brasileiro expoente do movimento, e Alfredo

---

<sup>141</sup> AMADO BLANCO, Luis. Literatura y revolución. **Casa de las Américas**, Havana, n. 51-52, nov. 1968-fev. 1969. p. 124.

<sup>142</sup> PÉREZ SARDUY, Pedro. Literatura y revolución. **Casa de las Américas**, Havana, n. 51-52, nov. 1968-fev. 1969. p. 165.

<sup>143</sup> VILLAÇA, M. “América Nuestra” – Glauber Rocha e o cinema cubano. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n. 44, 2002. p. 489-510.

<sup>144</sup> *Idem, Ibidem*, p. 490-491.

Guevara, cineasta cubano e então diretor do ICAIC, Villaça destaca que mesmo desenvolvendo uma linguagem alegórica e de experimentação, Glauber Rocha era bem quisto entre os cineastas cubanos justamente por expressar em sua vida pública preocupação social e engajamento com movimentos esquerdistas e com a Revolução Cubana:

O aval para esse tipo de iniciativa estava na garantia, ao olhos do governo, de que o propósito da mesma se inseria na defesa e na legitimação da Revolução cubana. Assim, pode-se afirmar que a força do “discurso” de Glauber, sempre anti-imperialista, efusivo no elogio à Revolução e em seus propósitos emancipadores do cinema latino-americano, suplantou o formalismo existente na estética de sua produção, atravessando a barreira da censura à arte não-convencional.<sup>145</sup>

A autora também nota que a fórmula mais buscada entre os cineastas cubanos era uma “combinação, em alguns momentos quase paradoxal, entre liberdade criativa e mensagem política”<sup>146</sup>. Então, mesmo diante da recusa do realismo socialista, podemos perceber como o ICAIC valorizava o aporte do político na linguagem cultural cinematográfica. Mais uma vez, essa conjugação entre arte e política se deu através de uma estética apegada ao imediatismo, ao momento histórico e a representações o mais próximas possíveis da realidade revolucionária: o cine documental. Este gênero fílmico foi bastante citado nas respostas à enquete do número 51-52: “[...] dentro de la naciente cinematografía insular, el *documental fílmico*, hoy por hoy, es algo más que ‘formas’: constituye todo un movimiento con peso específico en la producción actual, no sólo del Tercer Mundo, sino en el ámbito mundial”<sup>147</sup>. E também:

[como melhor expressão cultural da Revolução Cubana] El cine ocupa el primer lugar: el cine documental y – fenómeno interesante – el noticiero cinematográfico. [...] El cine documental, nutrido más directamente de la realidad palpante de la Revolución, ha llegado a expresarla con un lenguaje diverso y moderno. El noticiero ICAIC, dirigido por Santiago Álvarez, el más vigoroso e intuitivo de los realizadores de documentales, es uno de los fenómenos más felices de nuestra cultura; [...]. Dentro de muchos años, cuando se quiera *vivir* los recuerdos de estos años terribles y magníficos, habrá que sentarse frente a una pantalla y rever esos noticieros.<sup>148</sup>

---

<sup>145</sup> *Idem, Ibidem*, p. 497.

<sup>146</sup> *Idem, Ibidem*, p. 501.

<sup>147</sup> BRANLY, Roberto. Literatura y revolución. **Casa de las Américas**, Havana, n. 51-52, nov. 1968-fev. 1969. p. 141.

<sup>148</sup> CASAUS, Víctor. Literatura y revolución. **Casa de las Américas**, Havana, n. 51-52, nov. 1968-fev. 1969. p. 168-169. Itálico no original.

A experimentação artística, narrativa, e as inovações técnicas marcaram este gênero com produções dirigidas por cineastas que ficaram conhecidos em todo o circuito do cinema internacional, como Santiago Álvarez (1919-1998) e Octavio Cortázar (1935-2008). A “expressão revolucionária” do cinema documental está inerente à sua própria concepção estética: a proposta era produzir uma linguagem capaz de processar e representar a Revolução na atualidade de seus acontecimentos, em seu ritmo, trazendo um impacto visual imediato.<sup>149</sup>

A literatura, no entanto, é o foco de toda a enquete, e sobre ela encontramos reflexões importantes. Para estes intelectuais, a Revolução Cubana criou um ambiente político e cultural a partir do qual pensaram seu papel na sociedade, numa compreensão de seu ofício que relacionava literatura e revolução. O processo revolucionário teria sido responsável por inaugurar uma dinâmica de transformação social, política e cultural que permearia toda a produção artística, principalmente literária: “[...] una literatura nacida de la Revolución cubana deberá reflejar la intimidad del cambio, su huella profunda, no sólo en su diseño exterior sino también en los conflictos reales, positivos en su misma hondura, que trae la gran coyuntura en el espíritu creador”.<sup>150</sup> Este tipo de percepção destaca a importância da conjuntura, do contexto histórico no qual esta literatura está sendo constituída.

Esta compreensão surge, direta ou indiretamente, em quase todas as respostas dos autores que participaram da enquete. À segunda questão, que pergunta sobre as relações entre a revolução e a produção literária, os autores respondem indicando muita proximidade com a realidade de seu meio social que foi fundada pela revolução, não podendo o literato fugir de representá-la: “Si el escritor es un espejo que refleja la realidad, su producción literaria se ve condicionada por la existencia de la Revolución”<sup>151</sup>. Outros autores são mais enfáticos:

---

<sup>149</sup> GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil*, 2012. p. 350-354.

<sup>150</sup> MARINELLO, Juan. Literatura y revolución. *Casa de las Américas*, Havana, n. 51-52, nov. 1968-fev. 1969. p. 122.

<sup>151</sup> ALONSO, Dora. Literatura y revolución. *Casa de las Américas*, Havana, n. 51-52, nov. 1968-fev. 1969. p. 131.

Mi producción literaria se basa en la vida que me ha tocado vivir, en las situaciones que he visto, y a veces también en hechos irreales o que se mueven en la dimensión del símbolo o del sueño. Pero en todo está presente, más o menos diluido, lo que me ha tocado leer: conocer, y siempre con mayor intensidad – y vuelvo a la palabra –: vivir.<sup>152</sup>

[...] No concibo que un escritor cubano se sienta impulsado a evadirse de la realidad en su obra de creación, bajo el pretexto de huir del *panfleto*. Sobre todo, cuando se trata de una realidad heroica, fecunda, excepcionalmente hermosa, como la que inauguró la Revolución en enero de 1959. Evasión, en este caso, puede derivar hacia deserción y traición... Y la sinceridad revolucionaria evita el *panfleto*.<sup>153</sup>

[...] Un escritor expresa siempre su realidad: yo vivo en Cuba, mi realidad es la Revolución. Lo importante es la dimensión en que se desarrollan estas relaciones, la naturaleza de las mismas. Yo las entiendo como un saneamiento permanente, como una confrontación continua.<sup>154</sup>

Assim, torna-se central neste tipo de discurso, a ideia da literatura como espelho da realidade e o escritor como esse intermediário que escreve sobre sua realidade e o contexto em que vive, onde seria inevitável abordar a Revolução Cubana: “¿Cómo puede producirse una literatura desvinculada de una realidad insoslayable como la nuestra? La Revolución, total y profunda, permea todo tipo de actividad y afecta por lo tanto lo más aparentemente independiente, si tal cosa existiera”.<sup>155</sup>

Nesta enquete, apesar da proeminência dada ao real como referente literário, também nenhum dos autores defende o realismo socialista. O termo “realismo” ou “literatura realista” parece ser deliberadamente evitado nas respostas. O objetivo ao qual se propõem estes literatos é justamente buscar uma linguagem que seja criativa e esteticamente inovadora sem perder o real de vista. A crítica Graziella Pogolotti, em sua resposta, aponta como uma tendência da literatura cubana revolucionária a “ampliación del concepto de realismo, con las muchas veces feliz interrelación de realidad inmediata y

---

<sup>152</sup> ALFONSO, Domingo. Literatura y revolución. **Casa de las Américas**, Havana, n. 51-52, nov. 1968-fev. 1969. p. 148.

<sup>153</sup> AUGIER, Ángel. Literatura y revolución. **Casa de las Américas**, Havana, n. 51-52, nov. 1968-fev. 1969. p. 130.

<sup>154</sup> RODRÍGUEZ RIVERA, Guillermo. Literatura y revolución. **Casa de las Américas**, Havana, n. 51-52, nov. 1968-fev. 1969. p. 168.

<sup>155</sup> IZNAGA, Alcides. Literatura y revolución. **Casa de las Américas**, Havana, n. 51-52, nov. 1968-fev. 1969. p. 135.



fantasía”<sup>156</sup>, o que é indicativo do empenho destes escritores em não cair na “literatura de panfleto”. Adriana Méndez Rodenas destaca que esse esforço dos escritores engajados em combinar sofisticação literária com compromisso político numa linguagem original, que evite qualquer paralelo com o realismo socialista, marcou profundamente a literatura cubana do período. Portanto, segundo a autora, essas noções e concepções que cercam a produção literária devem ser analisadas sob a perspectiva da tensão entre vanguarda modernista e estética realista: “The development of Cuban literature after the revolution can best be understood, then, as a tension between the realist aesthetic proclaimed by cultural policy, and the modernist bent of Cuban writers influenced by the avant-garde, including North American film and pop culture”.<sup>157</sup> E nessa dinâmica, também afirma Méndez Rodenas, são as políticas culturais do regime que exigiam rigor ideológico e linguagem simples que pautam a busca e a constituição dessa estética revolucionária.<sup>158</sup>

Idalia Morejón Arnaiz<sup>159</sup> vê, neste contexto, a constituição e a institucionalização de um gênero literário: o testemunho. De acordo com a autora, os textos quase jornalísticos, amplamente baseados em suportes documentais, começaram a se tornar frequentes na revista *Casa* ainda nos primeiros anos da revolução conforme crescia a vontade de transmitir os últimos desenlaces do processo na ilha. Mesclando um tom literário a esta perspectiva documental, vários literatos se dedicaram a esta tarefa de contar a épica da Revolução Cubana, sempre na busca por colocar-se como sujeito engajado e responsável politicamente. A autora aponta esse momento de valorização do documental como o ponto de partida para a configuração do testemunho como gênero:

Los textos en que la revista destaca lo documental como valor literario (testimonios, entrevistas, interrogatorios, declaraciones, memorias, crónicas, reportajes, diarios) se encuentran inscritos en una transversalidad genérica; son puntos de partida para la configuración del testimonio como género; formas que visualizan, exponen, destacan la epifanía y el cambio social; formas limítrofes,

---

<sup>156</sup> POGOLOTTI, Graziella. Literatura y revolución. **Casa de las Américas**, Havana, n. 51-52, nov. 1968-fev. 1969. p. 191.

<sup>157</sup> MÉNDEZ RODENAS, Adriana. Literature and politics in the Cuban Revolution: the historical image. In: ARNOLD, J. (org.). **A history of literature in the Caribbean**. V. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p. 283-284.

<sup>158</sup> *Idem, Ibidem*, p. 283.

<sup>159</sup> MOREJÓN ARNAIZ, I. Testimonio de una Casa. **Revista Encuentro**, n. 40, 2006. p. 93-104. Disponível em: <http://www.cubaencuentro.com/revista/revista-encuentro/archivo/40-primavera-de-2006/testimonio-de-una-casa-29654>, acesso em: 11/11/2013.

instauran una nueva economía de lo literario. Utilizan un lenguaje «transparente» nada menos que para despojarlo de su carácter simbólico. Así, lo literario es encarado como una limitante para la escritura de la memoria revolucionaria<sup>160</sup>

Não sem nenhuma resistência, assim, ao longo da década de 1960, o testemunho passou a ser encarado pela revista como um gênero que respondia às necessidades de compromisso político na literatura, estando já bastante afirmado na década seguinte: o prestigiado prêmio literário organizado pela *Casa de las Américas* o inclui como categoria em 1970. Sua popularidade se deve ao fato de sustentar uma linguagem simples e direta, negando uma estética rebuscada, o que supria a demanda das políticas culturais cada vez mais rígidas do governo, e também agradando muitos intelectuais, que buscavam uma literatura comprometida com sua época. Ainda segundo Morejón Arnaiz, o testemunho adquire uma função política de propaganda das principais mudanças processadas na ilha pela revolução, executando isso em uma linguagem adequada que não permite outras interpretações além da oficial. Claudia Gilman observa a crescente adesão a este tipo de narrativa também entre intelectuais latino-americanos, o que mostra que não só escritores cubanos viram nesse gênero a possibilidade de engajamento com a Revolução Cubana:

Eduardo Galeano [...] renegó así de su cuentística y explicó el pasaje a la escritura de textos documentales, explicativos y denuncialistas, o “ensayos militantes” según sus propias palabras, como *Las Venas abiertas de América Latina*. En ese sentido, el escritor revolucionario, presionado por el momento histórico, debía escribir no lo que quería sino lo que consideraba “necesario”. [...] Rodolfo Walsh había dicho que estaba en crisis el concepto de novela: la superaban el testimonio y la denuncia como categorías artísticas apropiadas a la nueva coyuntura. Incluso el mayor representante del género novelístico, Gabriel García Márquez, declaró que no escribiría más novelas y que en lugar de cultivar el género que lo había hecho célebre, escribiría cuentos o “reportajes novelados” a la manera de Truman Capote.<sup>161</sup>

A poesia também surgiu neste período com um apelo revolucionário ligado à realidade e a uma linguagem simples. De fato, a poesia também tem destaque na enquete, sendo apontada por muitos autores como a linguagem mais próxima do que poderia ser indicado como “literatura revolucionária”:

---

<sup>160</sup> *Idem, Ibidem*, p. 97.

<sup>161</sup> GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil*, 2012. p. 344-345.

A esa joven poesía, fundamentalmente, es a la que habrá de pedírsele, creo, el testimonio crítico de estos años y de los que vienen: una poesía hecha por gente que viva y participe intensamente en estos años y los exprese con honestidad de la forma a que esa participación da derecho: crítica y apasionante.<sup>162</sup>

É significativo este lugar ocupado pela poesia no discurso político-cultural neste fim da década de 1960, quando já se consolidava uma crítica ao romance e à chamada *nueva novela latinoamericana*, principalmente pelos aspectos comerciais do *boom*. A poesia conversacional, como ficou conhecida, buscava sua linguagem revolucionária de um modo já conhecido por nós: “Actualidad, conversación, testimonio y sencillez como sinónimo de madurez parecían constituir las nuevas normas del género; una poesía ‘hecha con los acontecimientos, con las personas y con las cosas, lugares reales, fechas, cifras’, en palabras de Cardenal”<sup>163</sup>. Ou seja, tornando-se menos rebuscada, mais centrada no conteúdo que na forma, trazendo um tom de testemunho e atualidade; assim, nesse final de década de 1960 e início dos anos 1970, o gênero parecia encarnar as expectativas intelectuais para o político-revolucionário.

O que esta enquete expressa claramente para nós é uma série de compreensões e noções em torno das produções culturais artísticas, que passam a ser avaliadas a partir de seu referente: as obras valorizadas neste contexto são aquelas que representam o “real”, a realidade imediata do autor, seu contexto, a sociedade e todas as problemáticas de onde vive. Mesmo o realismo socialista sendo um gênero bastante criticado, a estética realista não é abandonada ou relegada.

Como vimos, as diversas expressões artísticas desenvolveram linguagens que jogavam numa dinâmica próxima de uma noção muito bem estabelecida de realidade: o real, o imediato, o que deveria ser retratado eram os acontecimentos e fatos desencadeados pela revolução. Aliás, dentro dessa compreensão, se sustentava uma “realidade” específica e ligada à noção de revolução que se empreendia na ilha: era a mudança, a transformação, que definia o que era real. Era essa realidade que era cobrada por esses discursos nas

---

<sup>162</sup> CASAUS, V. Literatura y revolución. **Casa de las Américas**, Havana, n. 51-52, nov. 1968-fev. 1969. p. 169.

<sup>163</sup> GILMAN, Claudia. **Entre la pluma y el fusil**, 2012. p. 346.

representações literárias, cinematográficas, musicais<sup>164</sup>... As problemáticas e os temas da sociedade que deveriam ter espaço na obra do intelectual diziam respeito a uma concepção de realidade política em convulsão revolucionária. Assim, era uma realidade “imposta” a que a oficialidade cubana queria perpetuar nas produções de seus intelectuais e daqueles que queriam se legitimar como revolucionários a partir da aproximação com Cuba.

O modelo de literatura que *Casa de las Américas* fomentou neste contexto é aquele que trata de temáticas e questões ligadas às transformações sociais, problemáticas revolucionárias e políticas. Uma das principais críticas às obras do *boom* girou em torno dessa perspectiva: a ênfase colocada sobre a fantasia e a maravilha como elementos motores destas narrativas as tornariam demasiado inventivas e desapegadas desta “realidade” do leitor, o desviando de temas e discussões que seriam de seu presente e dos quais ele não poderia se abster. Define-se, assim, não só o que a arte deveria transmitir, mas também o que seu receptor deveria consumir e de que modo. Leituras e interpretações que extrapolassem o pré-definido por esse discurso oficial revolucionário eram desencorajadas e, por isso, a estética simplista e não rebuscada era a mais valorizada.

Esse ambiente de politização das expressões artísticas atesta a afirmação do anti-intelectualismo no campo cultural cubano reforçado pela oficialidade dos órgãos culturais ligados ao regime. O discurso anti-intelectualista se constitui justamente pela reivindicação de neutralidade do intelectual, do literato, diante de sua realidade: quanto menor fosse sua intervenção artística, melhor sua produção se encaixaria nos propósitos revolucionários. O

---

<sup>164</sup> A música, como expressão cultural revolucionária, é pouco mencionada na enquete. No entanto, no período, a constituição da *canción protesta* chama a atenção para alguns elementos que destacamos aqui em relação à literatura e ao cinema. Levando em consideração a característica de comunicação massiva da música, muitos músicos e compositores latino-americanos viram aí a possibilidade de difundir ideias e mensagens ligadas ao imaginário esquerdista constituído em torno da Revolução Cubana nos anos 1960. Um gênero, a *canción protesta* (uma das várias denominações aventadas), reuniu os esforços nesta busca por uma música com conteúdo social e político. No I Encuentro de la Canción Protesta, realizado em Havana, em 1967, foram discutidos os alcances e possibilidades desse gênero. Além de reunir intelectuais e artistas, mais uma vez, em torno do tema “cultura e revolução”, o evento contou com a apresentação de músicos e suas obras de conteúdo engajado. Cf. GOMES, Caio de Souza. “Por toda América soplan vientos que no han de parar hasta que entierren las sombras”: anti-imperialismo e revolução na canção engajada latino-americana (1967-69). *Revista História e Cultura*, Franca-SP, v.2, n.1, p.146-165, 2013; SCHMIEDECKE, N. “Tomemos la historia en nuestras manos”: Utopia Revolucionária e Música Popular no Chile (1966-1973). Dissertação de Mestrado. Faculdade Franca de Ciências Humanas e Sociais, UNESP: 2013. Disponível em: <http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/-natalia-ayo-schmiedecke-.pdf>, acesso em 11/11/2013; SCHMIEDECKE, N.; SILVA JÚNIOR, J. Esquerdas latino-americanas e discursos identitários nos anos 1960/70: os casos da revista *Casa de las Américas* e da Nova Canção Chilena. Prelo.

artista tem seu ofício suprimido nestes discursos: se o referente aceitável seria apenas a realidade da revolução, não caberia a ele distorcê-la com a fantasia. Claudia Gilman destaca exatamente essa supressão num texto de Miguel Barnet, autor de *Biografía de un cimarrón* (1966), obra de testemunho que praticamente inaugura o gênero:

Lo que Barnet proponía era una *literatura de fundación*, a la que podría contribuir lo que denominaba ‘novela testimonio’, uno de cuyos méritos era la ‘supresión del yo, del ego del escritor o del sociólogo’, que, como se veía en los argumentos del antiintelectualismo, era el defecto ‘natural’ de los novelistas consagrados.<sup>165</sup>

Tampouco sobra ao literato uma possibilidade de não falar do processo revolucionário, já que ele penetraria cada aspecto de sua vida. A tentativa de se evadir dessa responsabilidade é colocada como traição, como vimos num dos trechos citados há algumas páginas. Como já afirmamos, este é um aspecto central na formação do anti-intelectualismo: em nome de uma representação adequada e aceita neste meio cultural estabelecido pela oficialidade cubana, o artista deve buscar a objetividade ao expressar dada realidade, numa linguagem não rebuscada e direta.

É importante notar que esta enquete permitiu a reflexão intelectual em torno da temática “literatura e revolução”. É questão central, que permeia todas as respostas e formulações, a “colaboração” entre literatura e poder, o que Claudia Gilman chamou de “literaturas de la política”<sup>166</sup>: a relação histórica entre literatura e revolução, que envolve diferentes práticas de produção, circulação e leitura. Dentre os vários traços característicos elencados pela autora, dois se destacam muito nesta enquete.

Primeiro, uma grande necessidade dos autores de marcar seu pertencimento tanto à literatura quanto à revolução. Isto fica explícito na tentativa de conciliação discursiva entre criatividade artística e compromisso social. Por exemplo, Mirta Aguirre, ao responder sobre o que seria vigente da literatura cubana pré-revolucionária: “Todo lo que no sea nocivo a ella [à revolução] ni a la literatura, en una escala cuyo grado más alto está determinado por la mayor aproximación a las exigencias de ambas”<sup>167</sup>. A autora mostra uma relação esquemática entre literatura e revolução na qual as duas tem igual importância na vida de

<sup>165</sup> GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil*, 2012. p. 343.

<sup>166</sup> GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil*, 2012. p. 354-364.

<sup>167</sup> AGUIRRE, Mirta. Literatura y revolución. *Casa de las Américas*, Havana, n. 51-52, nov. 1968-fev. 1969. p. 133.

um escritor. Outros autores dão respostas que os inscrevem, seja seu caso pessoal ou do literato revolucionário no geral, tanto sob a consigna do intelectual, quanto sob a do engajamento:

Creo, no obstante, que este tiempo me ha dotado de una visión crítica [...] que me hace más implacable con el pasado y que no me permite aceptar los errores del presente. Creo, además, que en cualquier tiempo en que me hubiese tocado sobrevivir hubiese sido escritor (aun cuando no publicara ni una cuartilla). Esa fatalidad (esa dicha) está por encima de cualquier sistema social<sup>168</sup>

El poeta, el ensayista, el teatrista y el narrador llamados a dar su esfuerzo dentro de una gran revolución ha de atender a dos tipos del problema: los que plantea la vigilancia de creador comprometido y los que plantea la necesidad de que la obra responda, en fisonomía y calidad, a los mejores logros de entraña y forma.<sup>169</sup>

Segundo, e mais significativo para nosso problema, são as interpretações dos ideais vigentes de correção política. As respostas giram em torno de temáticas que, como apontado anteriormente, fazem a ligação entre literatura e responsabilidade revolucionária. Estas temáticas expressam um entendimento político acorde com o contexto da Revolução Cubana e com as posições oficiais sustentadas pelo governo revolucionário. Assim, são muitas as respostas que tocam em questões como o “colectivismo, la solidaridad, la lucha de clases, la valorización del pueblo, el antiindividualismo, el valor del sacrificio para la moral revolucionaria”.<sup>170</sup>

Neste sentido, a esfera coletiva torna-se um importante elemento para legitimação de qualquer atividade dentro da oficialidade cubana e, buscando se inscrever no imaginário político revolucionário, os intelectuais passaram a refletir sobre si e sobre sua produção em termos abrangentes. Ezequiel Vieta (1922-), em sua resposta sobre a mudança que a revolução teria provocado em sua vida, elabora uma crítica ao individualismo como forma de validar uma atitude revolucionária: “Toma de conciencia plena de que la realización completa del hombre se produce dentro de la sociedad y en el momento histórico que le tocó vivir, y que no hay destino ni vocación individuales que puedan distraerlo de lo que,

---

<sup>168</sup> ARENAS, Reinaldo. Literatura y revolución. **Casa de las Américas**, Havana, n. 51-52, nov. 1968-fev. 1969. p. 164.

<sup>169</sup> MARINELLO, J. Literatura y revolución. **Casa de las Américas**, Havana, n. 51-52, nov. 1968-fev. 1969. p. 123.

<sup>170</sup> GILMAN, Claudia. **Entre la pluma y el fusil**, 2012. p. 359-360.

más que deber, es necesidad; y todo lo que no sea esto es alienación”<sup>171</sup>. À mesma pergunta, Angel Augier e Alcides Iznaga (1914-) dão respostas que destacam justamente sua inserção na ordem coletiva através do socialismo, uma esfera do coletivo com ainda mais apelo revolucionário no contexto: “En el orden personal podría anotar un sentimiento de liberación y seguridad espirituales, que permite una más honda comprensión de los problemas sociales y humanos, y ser cada día más ‘nosotros’ dentro del ingente proceso de la construcción socialista”<sup>172</sup>; “El cambio operado en mí ante la Revolución lo expresa el hecho de haber asumido convincentemente las ideas del socialismo con todas sus implicaciones”<sup>173</sup>. Ao partir destes temas para sua reflexão, estes intelectuais sustentavam a correção política de sua prática cultural, demonstrando seu pertencimento ao grupo político dominante.

Isto tudo é central para pensarmos a formação de uma linguagem política-intelectual que circulou entre escritores e críticos, legitimando posições, difundindo percepções e noções que contribuiriam para a construção de um discurso de pertencimento do escritor e da literatura à ação revolucionária: “[...] como ideal de corrección política de la literatura, se dieron las literaturas de la política: básicamente, la asunción de que el escritor está subordinado a las directivas estatales”.<sup>174</sup> É justamente esta linguagem que chamamos de anti-intelectualismo. Vários tipos de discursos são elaborados a partir daí e constituem premissa para o papel que intelectuais reservaram para si, e que lhes foi reservado, no imaginário revolucionário latino-americano do período. Tal como o apelo realista nas artes, surgem desta linguagem outras temáticas que predominaram no campo cultural cubano e que definiram o espaço destes sujeitos, e de seus ofícios culturais, no projeto político da Revolução Cubana.

---

<sup>171</sup> VIETA, Ezequiel. Literatura y revolución. **Casa de las Américas**, Havana, n. 51-52, nov. 1968-fev. 1969. p. 137.

<sup>172</sup> AUGIER, A. Literatura y revolución. **Casa de las Américas**, Havana, n. 51-52, nov. 1968-fev. 1969. p. 130-131.

<sup>173</sup> IZNAGA, A. Literatura y revolución. **Casa de las Américas**, Havana, n. 51-52, nov. 1968-fev. 1969. p. 134.

<sup>174</sup> GILMAN, Claudia. **Entre la pluma y el fusil**, 2012. p. 361.

## Política vs. Cultura: o ofício do intelectual em xeque

Nenhum discurso anti-intelectualista foi mais efetivo, no entanto, quanto à difundida oposição homem de ação vs. homem de letras. Este foi um poderoso mecanismo discursivo de desvalorização do intelectual já que o opunha à esfera do político, do revolucionário guerrilheiro, do sujeito que para o regime cubano foi à luta em nome da revolução. O intelectual é visto naquela concepção clássica: o homem que se pretende superior ao povo, que de longe contempla a sociedade com seu olhar crítico; de seu gabinete emite obras de arte que são grandes feitos estéticos, mas sem significação social ou política. O discurso da oficialidade cubana presente na revista *Casa* é responsável por disseminar e cultivar pares opostos que representam estes dois estereótipos: o revolucionário e o intelectual. Não precisamos de grande poder de dedução para perceber que um deles será positivado em detrimento do outro, pois apenas um deles parecia encarnar o que era considerado mais salutar para o projeto político que a revolução queria configurar.

Em vários momentos, principalmente na primeira metade da década de 1960, *Casa* insistiu em afirmar a autonomia do campo cultural em relação à política. Também fazia questão de assinalar que essa liberdade era um modo de enriquecer a construção do socialismo e que este, por sua vez, possibilitaria uma cultura revolucionária em Cuba. A cultura é elemento do qual a revista lança mão quando a política parece estar aquém dos objetivos propostos por *Casa*: no já citado editorial do número 26, de 1964, é a prática cultural, a literatura, que une a América Latina diante do bloqueio imposto pela OEA<sup>175</sup>. Mas é inegável que em outros tantos momentos, o cultural perde espaço e é limitado pelo político, por esta esfera vista como a verdadeira instância da revolução. Sobre o tema, Quintero-Herencia destaca:

Muchas de estas posiciones receptivas ante la tradición vanguardista postulaban que “la forma y el contenido componen la unidad inseparable que configuran la obra de arte”, y reconocían que ciertos usos propagandísticos de lo artístico eran intolerables, pero se sobreentendió que la ganancia político-histórica en ciertos contextos ameritaba la pérdida artística. De esta forma la defensa de la historicidad

---

<sup>175</sup> EDITORIAL. Nuestra respuesta. *Casa de las Américas*, Havana, n. 26, oct.-nov. 1964. p. 2-3.



y carácter político de lo formal fue socavada desde una valoración contenidista (que no desea serlo pero que se entendió necesaria) y en última instancia, decidió los usos políticos de lo literario.

Apesar de que esse cuidado com a cultura numa possibilidade revolucionária surja em alguns momentos, fica claro que se estabeleceu uma relação hierarquizada entre cultural e político. Assim, nas diversas oposições que surgem configuradas nas páginas da revista (cultura vs. política, intelectual vs. revolucionário, falar vs. fazer, pensar vs. viver, forma vs. conteúdo, reflexão vs. ação, etc), podemos notar que a questão de fundo é uma só: um intelectual pode ser revolucionário? A preocupação com as possibilidades revolucionárias da cultura é centrada em torno da figura de escritores, artistas, músicos, dramaturgos e outros produtores de linguagem cultural. E, como veremos, essa perspectiva foi responsável por estabelecer um modelo de atuação para um intelectual revolucionário, um intelectual que quisesse integrar os dois polos em oposição.

A enquete do número 35, publicado em 1966, que já citamos como o primeiro momento de configuração explícita do anti-intelectualismo, nos permite vislumbrar nas respostas de alguns participantes, a construção dessa oposição entre prática cultural e política. Mario Vargas Llosa (1936-), que se posicionou ao longo de diversos debates na década de 1960 a favor da liberdade de criação estética<sup>176</sup>, traz em sua resposta uma tensão entre vocação artística e filiação política: “[...], el creador se plantea así una verdadera duplicidad, o por lo menos una terrible tensión: quiere ser fiel a una determinada concepción política y al mismo tiempo necessita ser fiel a su vocación. Si ambas coinciden, perfecto, pero si divergen [...] se produce el desgarramiento”<sup>177</sup>. Neste sentido, Régis Debray (1940-), também estabelece uma dualidade:

El secreto del valor del intelectual no reside en lo que éste piensa, sino en la relación entre lo que piensa y lo que hace. En este continente, quien no piensa – o en rigor, quien no piensa en – la revolución, tiene todas la probabilidades de estar pensando poco o mal. Y luego llega un momento, un momento como hoy, en el

---

<sup>176</sup> Posição essa que o leva a romper com o regime castrista no início da década de 1970 com o caso Padilla. Vargas Llosa foi uma das principais vozes a questionar as políticas culturais do regime cubano e a estabelecer a literatura como discurso autônomo do político. Cf. COLLAZOS, O.; CORTÁZAR, J.; LLOSA, M. Vargas. **Literatura en la revolución y revolución en la literatura (polémica)**. México: Siglo XXI, 1970.

<sup>177</sup> VARGAS LLOSA, Mario. El papel del intelectual en los movimientos de liberación nacional. **Casa de las Américas**, Havana, n. 35, mar-abr 1966. p. 98.

que pensar no basta: en el que es necesario aprender, de y en la lucha revolucionaria, a pensar mejor la vida de todos.<sup>178</sup>

Na primeira frase do trecho citado já encontramos o intelectual diante de duas esferas: o *pensar* e o *fazer*. O verbo da reflexão, da crítica, que define o intelectual tradicionalmente, segundo o autor, já não basta. Em oposição a este pensar inócuo surgem verbos ativos: fazer, aprender. Assim, a ação política é algo que deve ser aprendida pelo intelectual *da e na* “luta revolucionária”, ou seja, observando e se inserindo neste âmbito. Nessa lógica, somente “pensar” não é suficiente para fazer parte da revolução.

A referência à “luta” não é gratuita. Nesse contexto, firmava-se o entendimento de que a luta armada era o âmbito essencial da *ação*, ou seja, do ato que empreende e move a revolução. Escrever, pintar, compor, e outras práticas culturais eram vistas sem o potencial transformador que tinha a violência, a guerrilha. Desnoes (1930-), em 1966, ao analisar a relação dos intelectuais latino-americanos com os EUA, destacou que em nenhum momento a produção artística, com conteúdo político ou não, era considerada uma ameaça aos mecanismos contrarrevolucionários norte-americanos, ao passo que a única possibilidade de desarmar o domínio dos EUA na América seria a guerrilha: “Las guerrillas son lo único que realmente amenaza al imperio económico, a la colonización cultural de Estados Unidos en nuestra América. Son lo único que realmente le interesa exterminar a Washington y, sin embargo, son lo único que garantizará nuestra independencia y nuestra soberanía”<sup>179</sup>. Esta é uma noção que se desenvolve neste contexto anti-intelectualista e é responsável por perpetuar e reafirmar a ideia de que o intelectual, se partir apenas de seu ofício de produtor cultural, não tem um papel social revolucionário. É esse entendimento que leva Debray a afirmar, na mesma resposta àquela enquete do número 35, o seguinte:

Son ellos [operários e camponeses] quienes verdaderamente podrían decirnos se sienten en su lucha la necesidad del intelectual; y no debe ser éste quien pleitee su propia causa. A menos que haya participado realmente en un combate armado, con los riesgos y peligros que comporta, toda respuesta suya a esta pregunta corre el riesgo de convertirse en una comedia del espíritu, en un arranque de vanidad.<sup>180</sup>

<sup>178</sup> DEBRAY, Régis. El papel del intelectual en los movimientos de liberación nacional. **Casa de las Américas**, Havana, n. 35, mar-abr 1966. p. 87.

<sup>179</sup> DESNOES, Edmundo. Sobre la penetración intelectual del imperialismo yanqui en América Latina. **Casa de las Américas**, Havana, n. 39, nov.-dic. 1966. p. 135.

<sup>180</sup> DEBRAY, R. El papel del intelectual en los movimientos de liberación nacional. **Casa de las Américas**, Havana, n. 35, mar-abr 1966. p. 86.

O trabalho intelectual é colocado como livre de riscos e perigos. Na dinâmica ação vs. letras, é oposto ao trabalho manual, físico. Ao intelectual não é conferida autoridade e legitimidade política. A ação revolucionária é deslocada de qualquer alcance seu dentro da esfera cultural para alojar-se na esfera política, na esfera onde o revolucionário por excelência se constrói através da guerrilha, da luta armada e, mesmo, através do trabalho do operário e do camponês.

No discurso da oficialidade cubana, em contraponto a esta esfera política da ação, estaria a esfera cultural, na qual os intelectuais fundariam suas atividades. A hierarquia que se estabelece entre as duas é responsável por eleger a política como campo privilegiado da revolução ao mesmo tempo em que constrói o cultural como campo não revolucionado, que ainda conserva grande parte dos traços da sociedade burguesa que marcam profundamente a produção literária, por exemplo. Jesús Sabourín (1969-), em um texto publicado por *Casa* em 1969, ao analisar alguns textos de José Martí, destacou que os incômodos deste com a literatura latino-americana do XIX seriam os mesmos problemas enfrentados pela revolução do século XX:

Todos los rasgos que persisten, exacerbados, en el arte y la literatura contemporáneos, pacientes de deshumanización de la cultura en su fase imperialista, son aquí puestos de relieve, desde la purista devoción artificiosa a la belleza hasta el divorcio que esa tendencia certifica entre el artista y su medio; desde la contradictoria evolución del contenido y de la forma como reflejo de una conciencia social alienada hasta la búsqueda de la novedad por la novedad misma, [...]; desde el brutal desarraigo que, con relación al arte, ha impuesto la burguesía a las masas hasta la precariedad de ese arte en un mundo que lo ha convertido todo – sin excluir el producto estético – en simple mercancía.<sup>181</sup>

Em meio ao discurso anti-intelectualista de que o formalismo artístico é limitante ao público, de que o artista está apartado de seu meio, *etc*, podemos perceber que Sabourín desenvolve a noção de que é no cultural que persistem os traços burgueses que representaram o domínio imperialista sobre Cuba e sobre a América Latina. O intelectual que se coloca contra as políticas culturais do regime cubano, estaria resistindo à construção de uma cultura revolucionária e reproduzindo operações discursivas danosas ao projeto

---

<sup>181</sup> SABOURÍN, Jesús. Martí: literatura y política. *Casa de las Américas*, Havana, n. 54, mayo-jun. 1969. p. 124-125.

revolucionário. Neste tipo de discurso, resta à esfera da cultura aceitar a ingerência da esfera política para tornar-se também revolucionária.

O ofício intelectual, situado nesta dualidade discursiva, é colocado em cheque, assim, na Cuba revolucionária. Estando entre dois âmbitos hierarquizados pelas concepções políticas e estéticas do contexto, lhe foi cobrado um tipo de ação que não fazia parte de sua atividade artística. Retamar, ampliando o conceito de intelectual para englobar outras atividades além da produção artística, defendeu que o ofício do escritor e do artista fossem abandonados em nome de uma dedicação revolucionária de construção conjunta do processo cubano. Na enquete de 1966, ele escreveu:

[...] a más de las propias de los hombres de gobierno – los que ejercen esa imprescindible actividad intelectual que es la del político –, han cobrado una importancia considerable otras tareas intelectuales que no son, precisamente, las de ‘el literato, el filósofo, el artista’. (Pienso en el economista, en técnicos diversos.) Incluso quienes se consideran más vocados para aquellas tareas deben, si de veras son revolucionarios, desempeñar otras. No se trata del segundo oficio habitual en muchísimos escritores y artistas de todas partes, [...] sino de una exigencia del país mismo, el cual, dada su condición subdesarrollada, carece de cuadros intelectuales suficientes [...].<sup>182</sup>

O intelectual deveria renegar a cultura como meio de transformação da sociedade para ser aceito na participação política coletiva. Diante da opção estética, ele deveria buscar neutralidade e retratar “seu” mundo tal como na “realidade”, mas manter-se na produção cultural não bastaria, já que a eficácia revolucionária deste campo era visto como muito limitada.

Neste contexto, começa a elaborar-se nas páginas da revista *Casa* um padrão de atitude intelectual que era aceito pela oficialidade cubana. No texto intitulado “Responsabilidad del intelectual ante los problemas del mundo subdesarrollado”, já citado por nós, podemos notar uma série de discursos que definiam um modelo intelectual. Mas este não é o único momento quando essas “recomendações” formulam-se explicitamente. Também em diversos textos das diferentes seções que estão presentes nos números publicados na segunda metade da década de 1960, podemos observar que, com certa frequência, surgiam defesas do que seriam condutas apropriadas ao intelectual

---

<sup>182</sup> FERNÁNDEZ RETAMAR, R. El papel del intelectual en los movimientos de liberación nacional. **Casa de las Américas**, Havana, n. 35, mar-abr 1966. p. 88.

revolucionário. Estas defesas giravam em torno a temas recorrentes que eram elencados sempre que se tocava no problema do intelectual e seu engajamento com a Revolução Cubana. Podemos notar que estas condutas são derivadas das críticas ao intelectual que já tratamos até aqui: colocarem-se apartados do povo e de seu tempo, a arte pela arte, a falta de senso de responsabilidade social, a relação com os circuitos burgueses. Assim, realiza-se um jogo de construção identitária intelectual: ao definir-se o indesejado, o contrarrevolucionário, construíam-se também a conduta adequada e esperada pelo regime, e vice-versa.

O primeiro tema deste modelo que podemos destacar é o papel de intermediário que deveria ser exercido entre arte e povo: “En un país subdesarrollado en revolución, el intelectual debe fundirse con pueblo y servir de intermediario – maestro, divulgador – entre su obra y su público. [...] En manos de una minoría, la cultura, en lugar de ser un vehículo de liberación, se convierte en instrumento de opresión y coloniaje”<sup>183</sup>. Podemos perceber neste trecho que o intelectual que não dá sentido social à sua obra estaria propagando um elitismo, um “instrumento de opressão”, enquanto que o ideal seria constituir um “veículo de libertação”, numa concepção que instrumentaliza a cultura. Também surge neste sentido a questão do anti-imperialismo:

Todo intelectual honesto del mundo debe negarse a cooperar, a aceptar invitaciones o ayuda financiera del gobierno norteamericano y sus organismos oficiales, o de cualquier organización o fundación cuyas actividades puedan dar la impresión de que los intelectuales que participan en ellas apoyan la política imperialista de los Estados Unidos.<sup>184</sup>

Assim, assenta-se o entendimento de que era inerente à atividade revolucionária intelectual a recusa de colaboração e participação em circuitos artísticos e acadêmicos internacionais ligados aos EUA e seus mecanismos de um imperialismo cultural identificado pela revista neste contexto.

O compromisso é outro elemento bastante apontado para referir-se ao intelectual exemplar: “El compromiso con Nuestra América es la única salvación del intelectual latinoamericano [...]. Y no hablo de pelear con las armas – aunque podría en algún momento ser

---

<sup>183</sup> RESPONSABILIDAD del intelectual ante los problemas del mundo subdesarrollado. **Casa de las Américas**, Havana, n. 47, mar.-abr. 1968. p. 104.

<sup>184</sup> *Idem, Ibidem*, p. 105.

necesario –, sino del compromiso intelectual moral y físico del hombre con su sociedad”<sup>185</sup>. Este trecho é importante porque, além de ressaltar a cobrança por um compromisso *físico* intelectual, reforça a ideia da luta armada como principal forma de ação revolucionária. O fato de o autor não descartar este tipo de atitude revela como o anti-intelectualismo estava bem fundamentado nestes discursos normatizadores da conduta exemplar intelectual. Mesmo seguindo à risca o modelo definido em *Casa*, o intelectual não estava desobrigado de uma ação “mais revolucionária” do que a que seu ofício podia lhe permitir.

Mas nos interessa aqui aprofundar a construção deste modelo de atuação revolucionária do intelectual a partir de um personagem central tanto para a revista *Casa*, em particular, quanto para o regime cubano, em geral. José Martí é constituído num ideal revolucionário, num herói cubano atemporal que tem função exemplar e disciplinar no discurso da oficialidade cubana. Por ser um poeta, um pensador, a figura de Martí tem especial implicação para a formulação discursiva de padrões e de comportamentos para o intelectual, inclusive sobre possibilidades de tornar literatura e arte instrumentos revolucionários.

“Iluminado”; “incorrupível”; “sonhador”; “múltiplo”; “profeta”; “apóstolo”; “revolucionário genial”; “símbolo exemplar”; “filho laborioso”; “herói puro de carne e osso”; “clarividente libertador cubano”; “revolucionário por convicção”; “heterodoxo, livre-pensador, antiteocrático, anticlerical, anticatólico”; “o estoico e sacrificado gladiador”; “grande homem”; “homem mais humano”; “homem pátrio herói universal-histórico”; “de sensibilidade delicada e resistente como o aço”; “de delicado e constante sensualismo”; “de seu tempo”; “de profundíssima consciência social”; “apóstolo da liberdade”; “líder político da América”; “revolucionário latino-americano”. A intensa adjetivação e atribuição de epítetos à figura de Martí nos ajuda aqui a definir melhor sua construção como modelo. O personagem estabelecido na revista é a de um herói nacional completo e perfeito, sem qualquer indício de desvio moral ou ético. Sua biografia, da qual diferentes textos lançam mão, é constituída de forma a demonstrar uma vida pautada pelas virtudes revolucionárias e por momentos de formação de um caráter incontestável.

---

<sup>185</sup> DESNOES, E. José Martí, intelectual revolucionario y hombre nuevo. *Casa de las Américas*, Havana, n. 54, mayo-jun. 1969. p. 115.

Para se tornar um modelo, Martí foi revestido pela revista por esta aura exemplar. Assim, aqueles diversos temas que apareciam como condutas intelectuais adequadas a um processo revolucionário surgem prefigurados na figura martiana. Em um texto publicado em 1968, podemos observar Martí como um “revolucionário por convicção”, porque acreditava que o sistema só poderia ser mudado a partir da violência. Martí está descrito como “[...] un iluminado que rindió su vida en la guerra que él mismo había invocado y que absorbió sus energías hasta su muerte en Dos Ríos, el 19 de mayo de 1895”.<sup>186</sup> Assim, o compromisso, o dever, o sacrifício, surgem como atributos constantemente associados ao autor que, segundo sua imagem construída pela revista, sempre pensou no bem coletivo antes de pensar em si: “Ninguna faceta de su vida, ningún aspecto de su obra, ninguna dirección de su espíritu escapan a ese destino rendido, gozosamente, con una dosis impar de sacrificio”.<sup>187</sup> É colocando toda a vida de Martí dedicada à causa cubana que a revista o torna o revolucionário perfeito, o indivíduo que atinge a esfera coletiva e pode cumprir o papel que era tão cobrado aos intelectuais do XX: o de servir ao seu povo. É isto que destaca Eduardo López Morales (1939-1990), em um texto publicado em 1970: “En los veinticuatro años que median entre ambas fechas (1871-95), el joven Martí ejercitará en su propia vida la opción del intelectual revolucionario, trascender sus límites personales y conjugarse en la tarea de la patria”<sup>188</sup>. A abdicação do individualismo e do pessoal, do subjetivo, em nome do coletivo, como vimos, é um elemento importante do discurso anti-intelectualista e de ataque aos intelectuais que fogem dessa conduta traçada tendo Martí como referência.

Estando Martí imbuído desse sentido de revolução em cada aspecto de sua vida, é natural, nesta imagem criada por *Casa*, que também sua obra intelectual reflita seu caráter

---

<sup>186</sup> MALDONADO-DENIS, M. El Martí de Martínez Estrada. *Casa de las Américas*, Havana, n. 50, sep.-oct. 1968. p. 167.

<sup>187</sup> SABOURÍN, Jesús. Martí: literatura y política. *Casa de las Américas*, Havana, n. 54, mayo-jun. 1969. p. 122.

<sup>188</sup> LÓPEZ MORALES, Eduardo. Apuntes para un estudio de la lucha armada en Ho Chi Minh y José Martí. *Casa de las Américas*, Havana, n. 63, nov.-dic. 1970. p. 60. O ano de 1871 referido pelo autor é a data de quando Martí foi exilado para a Espanha por participar da tentativa de independência cubana iniciada em 1868. É o marco temporal em que muitos autores de *Casa* identificam o princípio do engajamento político de Martí. 1895 é o ano de sua morte.

revolucionário. É esta noção que expressa Leonardo Acosta em um texto publicado por *Casa* em 1972:

Es previsible que la resultante total, o sea, el mensaje básico de la poesía de Martí, sea su ideología revolucionaria, pues la meta final de toda su obra es *la Revolución*. [...] logra su objetivo de una poesía nueva, original, de profundas raíces americanas, y a la vez universal y revolucionaria, que es un llamado al combate y a una actitud ética revolucionaria superior<sup>189</sup>.

Assim, o autor defende neste texto uma recusa de se encaixar a obra de Martí na primeira fase do modernismo latino-americano, pois, dessa forma, ele estaria associado a movimentos artísticos europeus que teriam sido unicamente literários, sem conotação política. Martí, ao contrário, teria primado por uma aplicação social e política de sua obra, dando-lhe um sentido revolucionário: “Entendemos que *se trata fundamentalmente de un arma cultural ideológica, utilizada conciente y sistemáticamente contra el sistema euro-yanqui de valores y contra la concepción eurocentrista de la historia.*”<sup>190</sup> E também aqui: “Hemos visto cómo él [Martí] utilizó esos elementos simbólicos como arma cultural cumpliendo así en su propia poética con los lineamientos que planteó a los escritores del Continente con el objeto de *descolonizar* nuestra literatura y crear una cultura propia y revolucionaria”<sup>191</sup>.

A metáfora da arma é recorrente em outros textos. Para nós, esta percepção revela a instrumentalização a qual as práticas culturais e artísticas estavam submetidas em Cuba e nessa concepção em torno do projeto político cubano. A ideia da cultura como veículo e difusora de mensagens políticas é responsável pela cobrança exercida sobre os intelectuais em desenvolver linguagens e estéticas mais “revolucionárias” que, como vimos, muitas vezes se traduziam em facilismo e didatismo ou, pelo menos, em discursos simplificados e reducionistas para evitar outras interpretações além da que sustentava a oficialidade cubana. Ao moldar Martí como o intelectual modelo, não poderia faltar, portanto, o discurso em torno da sua obra como uma arma, como concebida especificamente para um fim político e ideológico, tal como se demandava da intelectualidade que buscava engajamento com

---

<sup>189</sup> ACOSTA, Leonardo. Martí descolonizador. Apuntes sobre el simbolismo náhuatl en la poesía de Martí. *Casa de las Américas*, Havana, n. 73, jul.-ago. 1972. p. 41. Itálico no original

<sup>190</sup> *Idem, Ibidem*, p. 42. Itálico no original

<sup>191</sup> *Idem, Ibidem*, p. 43. Itálico no original.



Cuba. É este tipo de literatura que *Casa* valorizava e que esperava de um intelectual verdadeiramente revolucionário: “[...] únicamente una poesía surgida de un combatiente como Martí, podía conservar su frescura lírica y su combatividad al cabo de ochenta años”<sup>192</sup>.

A operação discursiva, elaborada nas páginas de *Casa*, para a constituição de Martí como modelo intelectual fundamentava-se na comparação do exemplo martiano com os discursos anti-intelectualistas. Assim, realizava-se uma dupla asserção: do modelo e do desvio intelectual. Aquela assentada oposição entre esfera cultural e esfera política teve, também, ecos e reverberações na configuração da imagem de Martí na *Casa*. Julio Le Riverend (1912-1998), num texto publicado em 1969, faz uma constatação interessante que nos mostra como Martí era elemento de crítica aos intelectuais: “[...] la vida del Apóstol es una sola, si bien lo que predomina en ella es la práctica y no la formulación verbal con existencia independiente de la práctica o sólo como fase preparatoria de ella. Con razón diría: ‘Antes que hacer colección de mis versos me gustaría hacer colección de mis acciones’”<sup>193</sup>. O autor localiza Martí do lado da ação, em oposição às letras, à formulação teórica desconexa da prática. A frase destacada de Martí ao fim do trecho é também uma pesada crítica ao intelectual que *Casa* queria disciplinar: quem estava afirmando a superioridade da esfera de ação era o personagem martiano, o revolucionário por excelência que paira sobre a oficialidade cubana como suprema autoridade política e intelectual.

Mas diante destes pares opositores que se estabeleceram no anti-intelectualismo, Martí é constituído como modelo predominantemente pela afirmação de que ele foi capaz de conjugar as tarefas políticas com sua obra literária, com seu trabalho intelectual. O ideal revolucionário era aquele que soubesse encontrar o equilíbrio entre vocação artística e compromisso social de forma que a produção cultural não deixasse de lado o conteúdo político. Martí, assim, tornava-se exemplo indiscutível: “Martí reúne una suma de saberes y de oficios [intelectuais] no a expensas de su actividad política ni viceversa, sino como partes esenciales de un todo. Es un fundador, un sabio, un poeta *porque* es un dirigente

---

<sup>192</sup> AUGIER, A. Martí: tesis antimperialista en la cuna del panamericanismo. *Casa de las Américas*, Havana, n. 82, ene.-feb. 1974, p. 64.

<sup>193</sup> LE RIVEREND, Julio. Martí: ética y acción revolucionaria. *Casa de las Américas*, Havana, n. 57, nov.-dic. 1969, p. 47.

revolucionario”.<sup>194</sup> A relação estabelecida entre trabalho intelectual e atividade política é fundamental para este tipo de discurso que equilibra Martí numa posição onde os dois polos em oposição não entram em atrito.

Retamar escreveu o trecho acima em 1975, mas anos antes *Casa* já afirmava Martí como modelo intelectual justamente sob esse discurso da conjugação entre ação e ofício intelectual. Assim o fez Ivan Schulman em um texto publicado em 1972:

La vida, para Martí, se caracteriza por la pelea, el conflicto o la discordancia, y, puesto que armoniza y equipara vida y arte, su concepto del arte necesariamente comprende la noción de lucha. O, haciendo el circuito dialéctico desde otra dirección, podemos decir que es a través del arte, reflejo y suma de la vida, y tras la lucha, que el artista se purifica en el sentido pitagórico, y se eleva a las esferas espirituales más encumbradas.<sup>195</sup>

É interessante este excerto porque nele fica claro o vínculo que se queria estabelecer entre uma vida política ativa, uma vida de “luta”, e uma obra intelectual válida, revolucionária. Martí é o exemplo desta realização e, assim, os literatos que se prestassem a esta dupla tarefa estariam elevando, vida e obra, a níveis místicos. Jesús Sabourín, em seu texto de 1969, já citado aqui, também estabelece Martí entre dois polos que não se opõem, mas se integram em sua obra e resolvem a oposição tão problemática e cara aos intelectuais em torno da Revolução Cubana:

Porque entre las dos grandes alternativas, hacer o decir, Martí no excluye sino integra: *hacer para decir*. La literatura significa, esencialmente, responsabilidad. [...] No puede haber literatura independiente de la política puesto que la realidad – particularmente en nuestros países subdesarrollados, explotados, colonializados económica y culturalmente – lejos de ser una estructura verbal, es un desafío hacia el que jamás podremos dejar de sentirnos responsables.<sup>196</sup>

Construiu-se, na revista *Casa*, uma oposição entre cultura e política que se traduziu em diversos outros pares numa forma eficiente de crítica e desvalorização do trabalho do intelectual. Ao deslegitimar a cultura como campo do revolucionário, a oficialidade cubana consegue afirmar suas demandas por manifestações artísticas infundidas de conteúdo social

---

<sup>194</sup> FERNÁNDEZ RETAMAR, R. De introducción a Martí **Casa de las Américas**, Havana, n. 93, nov.-dic. 1975. p. 35.

<sup>195</sup> SCHULMAN Ivan A. Modernismo, revolución y pitagorismo en Martí. **Casa de las Américas**, Havana, n. 73, jul.-ago. 1972. p. 50.

<sup>196</sup> SABOURÍN, Jesús. Martí: literatura y política. **Casa de las Américas**, Havana, n. 54, mayo-jun. 1969. p. 125.

e político como forma de ação. A construção do modelo intelectual de Martí passou, também, por essa dinâmica bipolar, mas de modo a resolver essa contradição. Exaltando a conjugação entre vida e arte que estes autores identificaram na obra deste intelectual, além de criticar e atacar discursos tidos como contrarrevolucionários, *Casa* conseguiu defender a perspectiva e as demandas das políticas culturais do regime cubano. Uma radicalização deste discurso de reprovação ao literato e escritor que estariam preocupados apenas com a literatura, permite que surja na revista este tipo de ataque: “[...] en el momento culminante de su vida el revolucionario que hay en Martí eclipsa todo lo que hay en él de hombre de letras, de intelectual”.<sup>197</sup> Essa frase é significativa do ambiente criado no campo político-cultural cubano: a supremacia da ação política e do compromisso revolucionário sobre as artes e as expressões culturais estava dada. A hostilidade aos intelectuais estava encarnada na figura do herói máximo cubano. Não seguir os passos de Martí era estar contra o modelo oficial revolucionário e, portanto, implicava atitude contrarrevolucionária.

A obra de Martí é, assim, apropriada pelos textos publicados em *Casa* como forma de confirmar e estabelecer o discurso anti-intelectualista. Seus ensaios, escritos no XIX, são destrinchados em frases isoladas, em máximas e afirmações categóricas muitas vezes citadas sem referência. A transposição de seu discurso, que foi produzido numa realidade específica, a América do XIX, para o contexto da Revolução Cubana é frequente na revista. A vigência do pensamento de Martí é estabelecida como forma de perpetuar sua figura disciplinadora e, assim, criar uma instância de legitimação e autoridade revolucionária discursiva incontestável. Manuel Galich, em um texto seu de 1971, vê no ensaio “Nuestra América”, de Martí, a crítica do autor aos intelectuais que tomavam a Europa como ideal, renegando sua origem em nome de uma busca por maior apreciação fora da América. Neste ponto, Galich se apropria do discurso de Martí e o aplica em outro contexto:

Contra todas esas formas de mentalidad colonizada, ya desvergonzada, ya vergonzante, arremete Martí, como si volviera a sacudir el látigo bíblico para expulsar a los claudicantes de la dignidad latinoamericana. Y surge entonces, otra

---

<sup>197</sup> MALDONADO-DENIS, M. El Martí de Martínez Estrada. *Casa de las Américas*, Havana, n. 50, sep.-oct. 1968. p. 169.

vez, el Martí vigente, el Martí que no ha muerto, pues que su palabra de ayer tiene hoy tan vigorosa vigencia.<sup>198</sup>

É importante destacar que esse texto foi publicado no número 68 (set.-out. 1971) de *Casa* sob as convulsões que o caso Padilla despertou no campo cultural e político cubano. O trecho destacado mostra uma recusa mais violenta aos intelectuais que, neste momento, rompiam com o regime castrista e que passaram a criticar as políticas culturais cubanas. Ao mesmo tempo, fica afirmada a vigência da figura de Martí, “que não morreu”, e cuja palavra tem autoridade sobre o presente do XX. Assim, é importante notar como Martí é apropriado pela revista. Sua figura não é apenas constituída como modelo exemplar. Ela também surge disciplinando a conduta do intelectual revolucionário. A construção discursiva da legitimidade revolucionária realiza-se sobre operações muito claras: o estabelecimento de um modelo e a perpetuação de sua validade atemporal.

Os mecanismos de configuração exemplar e de correção de conduta intelectual não se restringem à Martí: “El intelectual puede servir a la lucha revolucionaria desde diversos frentes: el ideológico, el político, el militar. [...] El Che nos ha dado el mayor ejemplo de compromiso intelectual en esa forma suprema de lucha”.<sup>199</sup> Mas mesmo a figura de Che Guevara estava relacionada à de Martí. É significativo desta aproximação um texto de Jesús Sabourín publicado no número 73 (jul.-ago. 1972) de *Casa* sob o título de “Martí en el Che”. O modelo intelectual martiano se construiu também ao afirmar-se paralelos com a vida de Che, numa associação que atribuía autoridade intelectual a ambos. Aqueles temas que figuram na construção da positividade da conduta intelectual aparecem, então, como pontos de convergência dos dois personagens: “Pues, a despecho de inevitables diferencias de estilo y método que robustecen, en vez de atenuar, las semejanzas esenciales, parece que el acercamiento mayor entre Martí y el Che se verifica en una dirección fundamental: su entender la vida como deber y sacrificio [...]”.<sup>200</sup> Também a oposição entre política e cultura foi contemplada:

---

<sup>198</sup> GALICH, Manuel. Acotaciones a “Nuestra América”. **Casa de las Américas**. Havana, n. 68, sep.-oct. 1971. p. 54.

<sup>199</sup> RESPONSABILIDAD del intelectual ante los problemas del mundo subdesarrollado. **Casa de las Américas**, Havana, n. 47, mar.-abr. 1968. p. 103.

<sup>200</sup> SABOURÍN, J. Martí en el Che. **Casa de las Américas**, Havana, n. 73, jul.-ago. 1972. p. 8.

Che recoge de Martí, como hemos visto, los modos más radicales inherentes al revolucionario ejemplar [...]. No penetró menos hondamente en el hombre sin temor a las palabras, para quien hacer era la mejor manera de decir, que en el genio de acción y pensamiento cuya coherencia absoluta vio reproducirse casi exactamente, con agónica pero fecunda síntesis, en su propia imagen de analista certero e implacable de la realidad histórica, y de auténtico revolucionario [...]<sup>201</sup>

Devemos ressaltar, então, como os processos discursivos de construção da figura de Che passam pelas mesmas premissas e princípios que fundam o exemplo de Martí. Assim, não só se estabelece mais um modelo revolucionário, como se reforça a imagem fundante martiana. Os apelos e propósitos das duas figuras se distanciam devido aos diferentes fatores que cercam cada um: Che, por exemplo, é muito mais ligado à luta armada. Mas a função básica de ambas no discurso anti-intelectualista é a mesma: criar um padrão de conduta em práticas instrumentalizadoras do cultural em relação à política. Observando como os dois modelos atuaram na revista, é visível como cumpriram seu papel. Além de formular uma atitude intelectual prescritiva, estes discursos agiam também identificando os que não se encaixavam nele. Criavam uma identidade intelectual que, mais do que definir o “nós”, definia o “eles” e funcionavam discursivamente autorizando ou não uma produção cultural e uma posição social do enunciador do discurso literário. Nesse jogo também fica evidente a importância dada a Martí e ao XIX como forma de moldar a Revolução Cubana no século XX. É importante apontar como o resgate de um passado também fez parte das operações discursivas da oficialidade cubana.

### **A história legítima: Martí e o século XIX anunciam a Revolução**

A revista *Casa de las Américas* não esgota o pensamento e a obra martiana na construção de um modelo intelectual. Martí, através de seu legado intelectual, contribuiu para o estabelecimento de uma aproximação e apropriação do passado e da história de Cuba. Isto marca uma busca por legitimar o processo revolucionário iniciado em 1959, busca essa que conforma-se através da noção de que o povo cubano esteve sempre em luta pela liberdade, desde os primeiros movimentos pela independência do jugo espanhol no

---

<sup>201</sup> *Idem, Ibidem*, p. 15.

século XIX. O discurso da revista se pautou, então, pela difusão de uma série de noções que ligassem a Revolução Cubana a Martí e ao século XIX.

A primeira destas ideias trata de mostrar Martí como o primeiro a notar e alertar para o perigo que representava o imperialismo. Com os EUA encarnando o papel de mal maior e principal inimigo da Revolução Cubana, Martí ajuda o discurso oficial a localizar esta ameaça no século XIX. Em seu texto “Nuestra América”, de 1891, o autor marcava a diferença entre os dois povos que habitavam a América e o conflito inevitável entre eles. O desenvolvimento norte-americano surge como opressor da América Latina e Martí é colocado no papel de denunciador:

Tal actitud [de ver nos EUA um modelo] pueden [sic] ser legítima mientras el progreso norte-americano no anuncie, como derivación de su desarrollo, la múltiple agresión a la América Latina. Cuando comienza, en las últimas décadas del siglo pasado, el desbordamiento opresor, deja de justificarse el elogio a las fuerzas que lo impulsan, pero son escasas las voces – la de Martí entre las primeras y más altas – que denuncian desde la hora inicial el peligro en marcha.<sup>202</sup>

Tratava-se assim de localizar a “hora inicial” da ameaça imperialista no século XIX, sob a tutela das denúncias de Martí. A revista vai estabelecendo, assim, uma linha de continuidade e paralelo entre o período de vida e luta de Martí no século XIX e a Revolução Cubana na segunda metade do XX: o primeiro elemento que constitui o elo é o imperialismo perpetuado no posto de opressor.

A formação de Martí enquanto homem revolucionário e a construção do processo de independência que culmina em 1898 é outro tema que fundamenta esta legitimação nas páginas de *Casa de las Américas*. Assim, o discurso constituído na revista quer reforçar a ligação entre os problemas de Cuba enquanto colônia e a atuação de Martí neste quadro político. Os primeiros movimentos independentistas, iniciados em 1868, durariam até 1878, conflito conhecido como Guerra dos Dez Anos. A participação de Martí neste processo foi curta: logo acaba preso e enviado para o exílio na Espanha em 1871. Até sua morte em 1895, viveu em diversos países como Venezuela, México e EUA. Na revista, é muito

---

<sup>202</sup> MARINELLO, J. Fuentes y raíces del pensamiento antimperialista de José Martí. *Casa de las Américas*, Havana, n. 90, mayo-jun. 1975. p. 7.

grande a importância atribuída a estas experiências (a prisão e o exílio) para a formação de seu caráter revolucionário e seu pensamento crítico:

Hubo dos etapas definidas en la formación de Martí: una primera [...] en que el pensamiento y la acción adquieren algunos de sus caracteres permanentes al compás de la experiencia propia nacional; y una segunda, en que aquellos elementos se vieron enriquecidos por los aportes de una universal contemplación del mundo de la época<sup>203</sup>

Assim o século XIX teria formado Martí. Durante seu longo período afastado de Cuba, enquanto seu país vivia uma convulsão política oprimida pelos espanhóis, as atividades de Martí que são traçadas pelos textos e artigos da revista, remontam a um incansável revolucionário. Para ele, os conflitos iniciados em 1868 representariam para o povo cubano uma tarefa a ser cumprida.<sup>204</sup> E, por isso, todo seu trabalho e sua vida estariam dedicados à organização da “guerra necessária”, a guerra de independência definitiva de Cuba. Dentre seus esforços é destacada a fundação do Partido Revolucionário Cubano, em 1892. Este partido, concebido e efetivado durante sua estadia nos EUA, ao congregar a luta de independência e as reivindicações do povo cubano, estaria criando um movimento distinto daquele de 1868 que falhou, segundo Martí, por falta de organização dos envolvidos.<sup>205</sup>

Portanto, é alto o valor da preparação de Martí da independência cubana para o discurso legitimador de *Casa de las Américas*. Vendo nesta organização a concretização de seu pensamento político, a revista marca aí, com forte ênfase, o momento onde a luta do povo cubano teria surgido. A Revolução Cubana seria só mais um desdobramento do projeto revolucionário martiano, como podemos observar neste trecho:

Así, enraizado en una firme unidad ideológica, nació el Partido Revolucionario Cubano que alzó la guerra con un sentido y una faz nuevos, pero que, por la aviesa intervención imperialista, en 1898, quedó inconclusa. Mas la teoría martiana había clavado hondas sus raíces en el pueblo cubano, y reverdeció, medio siglo después, en una nueva batalla que, como la que él iniciara, desborda los límites entecos de una simple lucha de liberación nacional, para hacerse pelea de toda Nuestra América, y de todos los pueblos subdesarrollados, contra el

---

<sup>203</sup> LE RIVEREND, J. Martí en la revolución de 1868. *Casa de las Américas*, Havana, n. 50, sep.-oct. 1968. p. 109.

<sup>204</sup> *Idem, Ibidem*, p. 109.

<sup>205</sup> PORTUONDO, J. Teoría martiana del partido revolucionario. *Casa de las Américas*, Havana, n. 90, mayo-jun. 1975. p. 14-23.

imperialismo, por lograr, como él predijera, y por eso le tuvieron por loco o delirante, 'el equilibrio del mundo'.<sup>206</sup>

Fica clara neste trecho a continuidade estabelecida entre a Revolução de 1959 e o movimento organizado por Martí no XIX, com apenas um intervalo forçado pelas forças imperialistas. A legitimidade que o herói nacional empresta ao processo revolucionário do XX só é enriquecida com sua luta estando enraizada no povo cubano. A Revolução Cubana passa a significar, assim, ruptura com o período de ingerência norte-americana na ilha. Com as reivindicações e com o projeto martiano do século XIX, a relação estabelecida é de continuidade. Para construir uma tradição revolucionária cubana, o discurso da revista não precisa de grande esforço:

No hay, pues, que trasladarse a remotos confines para ver la grandeza humana actuante, sino que la podemos encontrar aquí, en nuestros pueblos, entre aquellos prohombres que nos han legado una tradición revolucionaria y humanística, y cuya prédica con el ejemplo dará a las generaciones presentes y por venir ese entronque que les permitirá identificarse con la auténtica tradición histórica – hasta hoy distorsionada por el colonialismo y el neocolonialismo – de pueblos que han sabido luchar tenazmente por su libertad.<sup>207</sup>

Assim, *Casa* vai estabelecendo discursivamente uma tradição revolucionária do povo cubano. Lançar-se no passado em busca de legitimação para o presente não é atividade inédita de regimes políticos. O interessante, neste caso, é perceber como se estabeleceu uma ruptura com o período de desenvolvimento da república cubana entre os anos de 1898 e 1959. A continuidade estabelecida com o projeto martiano oblitera esse período da história cubana das narrativas revolucionárias. O anti-intelectualismo, a oposição entre cultura e política, a construção de um modelo e a normatização da atividade intelectual são outros destes discursos que se constituem dentro desta linguagem política. O diálogo com o XIX e o resgate do passado como forma de legitimar o regime político do presente são ações discursivas definidoras de um ambiente politizador do campo cultural. A lógica da instrumentalização da cultura e do ofício do intelectual foi uma das formas como

---

<sup>206</sup> *Idem, Ibidem*, p. 23.

<sup>207</sup> MALDONADO-DENIS, M. El Martí de Martínez Estrada. *Casa de las Américas*, Havana, n. 50, sep.-oct. 1968. p. 167-168.



se traduziu e como se efetivou estas concepções que pautaram a relação entre políticos e intelectuais durante a Revolução Cubana.



## Conclusão

Nosso trabalho se propôs a discutir a constituição discursiva como forma de atuação política da revista *Casa de las Américas*. Elegemos, ao longo da pesquisa, temas pelos quais a revista abordou e apresentou problemáticas de seu contexto político e cultural: as identidades e o intelectual. No entanto, atentar para outras temáticas que a revista e a seção “hechos/ideas” nos oferecem, pode ser um exercício produtivo.

Entre os assuntos mais recorrentes na revista no recorte que propomos (1965-1976), encontramos uma série de elementos que não figuravam no período entre as abordagens consagradas da história latino-americana: o papel da mulher, a presença africana, a cultura de massas. As problemáticas e discussões propostas por *Casa* abarcam contextos amplos e tratam de análises de casos nacionais ressaltando sua significação para todo o continente e para a comunidade latino-americana. Distintas localidades foram abarcadas em análises de seus mais variados aspectos: Panamá, Chile, Brasil ou Bolívia são alguns exemplos de países que tiveram artigos ou mesmo volumes especiais dedicados a eles. As Américas representam mais que um recorte geográfico e cultural, mas também nos diferentes temas que aborda. Através de textos sobre religião, cultura indígena, presença africana, identidades e imaginários, a revista foi estabelecendo o continente não apenas como foco de análise, mas como premissa temática de qualquer discussão empreendida. As diversas figuras que aparecem na revista confirmam que foi na América que *Casa* buscou suas principais referências históricas: ao lado de Lenin e Ho Chi Minh surgem Juárez, Martí, Hostos, Che Guevara, Camilo Torres, Sandino, Cárdenas, Recabarren, e outros. As independências do XIX, a colonização, as ditaduras do XX, a guerrilha e processos políticos latino-americanos são os temas através dos quais a revista não só tomou o continente como foco central, mas também como experiência histórica a ser explicada.

A identidade e o intelectual, nossos temas neste estudo, talvez sejam os principais discursos elencados por *Casa* dentre todo esse repertório. Vimos como a revista estabeleceu dinâmicas identitárias não apenas a partir de elementos tradicionais, como o apelo à cultura comum. Partindo de conceitos advindos da geopolítica, tais como “imperialismo”, “subdesenvolvimento”, “terceiro mundo” ou “colonialismo”, *Casa de las Américas*

difundiu e pôs em circulação noções de unidade que envolviam não só a América Latina, mas também a África e a Ásia. É de extrema importância nestes discursos a definição e identificação do inimigo comum a toda essa comunidade de “vítimas” de “explorados”. Em todo esse esforço identitário pudemos perceber como a própria revista se colocava no cenário da Cuba revolucionada na década de 1960 e 1970: buscou concretizar um projeto e estabelecer uma liderança em torno do regime cubano diante do contexto mais amplo da Guerra Fria.

*Casa* também tomou como prioridade discutir o papel do intelectual num processo revolucionário. A revista reuniu e conformou concepções e noções em torno de um entendimento que não só afirmava um padrão de correção política, mas também condenava e reprovava atitudes e discursos em torno da figura do intelectual. O anti-intelectualismo se desenvolveu assim como um discurso de grande alcance que não se opunha a qualquer prática intelectual, mas sim valorizava e privilegiava um grupo específico que considerou adequado ao cenário da Revolução Cubana: aquele que aceitava a liderança política do regime e submetia seu ofício a princípios que nem sempre prezavam pela autonomia do cultural. Discutimos como a estética realista teve grande apelo no período e, ainda que se evitasse reproduzir o “realismo socialista”, as demandas e exigências por uma arte ligada ao seu contexto de produção foram fortes o suficiente para instituir um gênero literário: o testemunho.

Perpassando a questão das identidades e do intelectual, nos foi imprescindível abordar as formas de apropriação da figura de José Martí. Com sua posição anti-imperialista sendo bem demarcada em sua obra, a revista *Casa* mobilizou a figura do herói máximo cubano como forma de sustentar uma identidade latino-americana e global baseada na agressão imperialista estadunidense. Também foi Martí que orientou a busca da revista por atribuir validade histórica à Revolução Cubana. Baseando-se na atuação política de Martí no século XIX, *Casa* estabeleceu uma tradição revolucionária cubana que teria sido sufocada entre a morte de Martí em 1895 e o triunfo de Castro em 1959. Assim, mais do que pautar-se sobre a ideia de ruptura, a explicação histórica revolucionária reivindicou a continuidade como instância de autorização e legitimidade.

Chama a atenção a frequência e constância com que o marxismo aparece em *Casa* neste período. Como concepção teórica, torna-se uma questão desenvolvida pela revista através de várias problemáticas latino-americanas e surge expressa em termos tais como práxis, ideologia, luta de classes, materialismo. A força e o alcance desta teoria para discutir tensões e problemas da América Latina estão patentes nos vários números da revista, sendo abordada por diferentes autores e frente a diversos temas: arte e estética, história, economia. Da mesma forma surgem teorias externas que pretendem dar conta da conformação de novas abordagens da crítica literária e artística empreendida pela revista. O estruturalismo e suas possibilidades de análise da arte latino-americanas são contemplados também com alguns textos que permitem à revista debater e se inserir nas discussões em torno da estética do período.

O que, finalmente, devemos considerar para concluir este trabalho é que nosso objetivo, ao passar pelas questões da identidade e do intelectual, foi detectar um exercício de composição discursiva da revista *Casa de las Américas*. A publicação cubana estava inserida num amplo quadro político e cultural constituído no período por diversas outras revistas, instituições e sujeitos históricos. Aí produziram, atualizaram, reafirmaram ou contestaram temas que fazem parte de um repertório retórico americano que a revista ajudou a conformar e, pelo qual, teve seu discurso conformado. *Casa* narrou uma perspectiva apropriando-se de elementos específicos e mobilizando-os para constituir suas leituras e discursos interpretativos da realidade latino-americana.



## Bibliografia

AA.VV. Interview Roberto Fernandez Retamar. **Diacritics**, v. 8, n. 4, Winter, 1978, p. 76-88.

AA.VV. These Are the Times We Have to Live in: An Interview with Roberto Fernández Retamar. **Critical Inquiry**, v. 21, n. 2, Winter, 1995, p. 411-433.

ABREU, Martha (org.). **Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

AGGIO, Alberto. Fidel no Chile de Allende. In: **Gramsci e o Brasil** (website) (s/d, s.n.p.): Disponível em: <http://www.acesa.com/gramsci/?id=564&page=visualizar> Acesso em 11/11/2013.

ALBERINI, Alexandra. **Educar o Povo: uma leitura de *La Edad de Oro* de José Martí (1889)**. Monografia, IFCH-Unicamp, Campinas: 2012.

ARTARAZ, K. **Cuba y la Nueva Izquierda: una relación que marcó los años 60**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2011.

AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BARSOTTI, P; PERICÁS, L. B. **América Latina: história, ideias e revolução**. São Paulo: Xamã, 1998.

BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia Latinoamericana. **Utopia y Praxis Latinoamericana**. Ano 8. n. 20, mar. 2003, p. 105-115. Disponível em: <http://revistas.luz.edu.ve/index.php/upl/article/view/510/479> Acesso em: 11/11/2013.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BRAGANÇA, Maurício de. Entre o boom e o pós-boom: dilemas de uma historiografia literária latino-americana. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, jan.-jul. 2008. p. 119-133. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaiotesi/files/2011/05/11-Entre-o-boom-e-o-p%C3%B3s-boom.pdf> Acessado em: 11/11/2013.

BRUIT, Hector. A invenção da América Latina. **Anais Eletrônicos do V Encontro da ANPHLAC**. Belo Horizonte, 2002. Disponível em: [http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/hector\\_bruit.pdf](http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/hector_bruit.pdf) Acessado em: 11/11/2013.

BUCKWALTER-ARIAS, James. Reinscribing the Aesthetic: Cuban Narrative and Post-Soviet Cultural Politics. **PMLA**, v. 120, n. 2, mar. 2005, p. 362-374.

CAMPUZANO, Luisa (1992). La revista Casa de las Américas en la década de los sesenta. **América. Cahiers du CRICCAL: le discours culturel dans le revues latino-americanes (1940-1970)**, Paris, n. 9-10, p. 55-63.

CARPENTIER, Alejo. **El reino de este mundo**. Madrid: Alianza editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. **Literatura e consciência política na América Latina**. Lisboa: Dom Quixote, 1971.

\_\_\_\_\_. **O século das luzes**. 3ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

CASTAÑEDA, Jorge. **Utopia desarmada: Intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASTELLANOS, Francisco. **Julio Cortázar: de literatura y revolución en América Latina**. México: Unión de Universidades de América Latina, 2000.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2ª ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

CHIAMPI, Irlemar. **O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispanoamericano**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

COLLAZOS, O.; CORTÁZAR, J.; LLOSA, M. Vargas. **Literatura en la revolución y revolución en la literatura (polémica)**. México: Siglo XXI, 1970.

CORTÁZAR, Julio. **Obra Crítica**. v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

COSTA, Adriane A. Vidal. Literatura e política: o Livro de Manuel de Julio Cortázar. **História Revista**, Goiânia, v. 13, n. 2, 2008. Disponível em: <http://revistas.ufg.br/index.php/historia/article/view/6614>, acessado em: 11/11/2013.

\_\_\_\_\_. Nicarágua na encruzilhada: Cortázar, Vargas Llosa e a experiência sandinista. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro. v. 22, n. 44, jul.-dez. 2009. p. 479-503. Disponível em:



<http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2598/1551> , acessado em: 11/11/2013.

\_\_\_\_\_. **Intelectuais, política e literatura na América Latina**: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005). Tese, UFMG, Belo Horizonte, 2009.

CRESPO, Regina Aída (org.). **Revistas en América Latina**: proyectos literarios, políticos y culturales. México: UNAM/Eón, 2010.

\_\_\_\_\_. Las revistas y suplementos culturales como objeto de investigación. **Coloquio Internacional de Historia y Ciencias Sociales**. Colima: Universidad de Colima, 2010.

\_\_\_\_\_. Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. In: FRANCO, Stella Maris. JUNQUEIRA, Mary Anne (org.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa**. São Paulo: Usp/Humanitas, 2011. p. 98-115. Disponível em: <http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP2.pdf>  
Acessado em: 11/11/2013.

DIANA, Goffredo. These Are the Times We Have to Live in: An Interview with Roberto Fernández Retamar. **Critical Inquiry**, v. 21, n. 2, Winter, 1995, p. 411-433.

DILL, Hans-Otto. Cultura, literatura, política latinoamericanas en *Casa de las Américas*, 1970-1990. **América. Cahiers du Criccal**. Paris, n. 15/16, p. 105-118. 1996.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. 2a ed. São Paulo: editora Unesp, 2011.

ECHEVARRÍA, Roberto. Interview: Roberto Fernandez Retamar. **Diacritics**, v. 8, n. 4, Winter, 1978, p. 76-88.

ELBANOWSKI, Adam. ¿Literatura o revolución? Julio Cortázar y Alejo Carpentier ante la revolución cubana. **Otrolunes**: Revista Hispanoamericana de Cultura, ano 3, n. 8, jun. 2009.

ESCALONA-CHÁVEZ, Israel. Biografía e historiografía sobre José Martí. **Santiago**, n. 2, mayo-ago. 2011. p. 191-209.

FAGUNDES, Marcelo Gonzales Brasil. **Intenções literárias**: política e história em Alejo Carpentier. Dissertação de mestrado, Florianópolis, UFSC, 2008. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PHST0333-D.pdf>. Acesso em 11/11/2013.

\_\_\_\_\_. Intenções literárias: Alejo Carpentier e a Revolução Cubana. **XII Encontro Regional de História-ANPUH**. Rio de Janeiro, 2007, p. 1-7. Disponível em: <http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Marcelo%20Gonzalez%20Brasil%20Fagundes.pdf> , Acessado em 11/11/2013.

FARBER, Samuel. The Cuban Communists in the Early Stages of the Cuban Revolution: Revolutionaries or Reformists? **Latin American Research Review**, v. 18, n. 1, 1983, p. 59-83.

FERRARI, Guillermina. Embargoed Masculinities: Loyalty, Friendship and the Role of the Intellectual in the Post-Soviet Cuban Novel. **Latin American Literary Review**, v. 35, n. 69, jan.-jun. 2007, p. 82-103.

FORNET, Ambrosio. *Casa de las Américas: entre la revolución y la utopía*. In: SOSNOWSKI, Saúl (org.). **La cultura de un siglo: América Latina en sus revistas**. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1999. p. 421-437.

\_\_\_\_\_. El quinquenio gris: revisitando el termino. **Ciclo «La política cultural del período revolucionario: Memoria y reflexión»**, 2007. Disponível em: <http://www.criterios.es/pdf/fornetquinqueniogris.pdf> Acesso em 11/11/2013.

FRAGINALS, Manuel Moreno. **Cuba/Espanha, Espanha/Cuba: uma história comum**. Bauru: EDUSC, 2005.

FRANCO, Jean. **The decline and fall of the lettered city: Latin America in the Cold War**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2002.

FRANQUI, Carlos. **Cuba, la revolución: mito o realidad?** Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: ediciones Península, 2006.

FRENK, Susan. Two Cultural Journals of the 1960s: Casa de las Américas and Mundo Nuevo. **Bulletin of Latin American Research**, v. 3, n. 2, 1984, p. 83-93.

FUSCHINI, Germán. Escritores políticos: América Latina en los sesenta. **Revista Universum**, n. 18, Universidad de Talca, Chile. 2003. p. 273-281. Disponível em: <http://universum.otalca.cl/contenido/index-03/alburquerque.pdf> , acessado em: 09/03/2014.

\_\_\_\_\_. La red de escritores latinoamericanos en los años sesenta. **Revista Universum**, n. 15, Universidad de Talca, Chile. 2000. p. 337-350. Disponível em: <http://universum.otalca.cl/contenido/index-00/alburquerque.pdf> , acessado em: 09/03/2014.

GILMAN, Claudia. **Entre la pluma y el fusil**: debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina. 2a ed. Buenos Aires: Siglo XXI, 2012.

\_\_\_\_\_. Casa de las Américas (1960-1971): un esplendor en dos tiempos. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). **História de los intelectuales en América Latina**: los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires: Katz, 2010. p. 285-298.

\_\_\_\_\_. Las revistas y los límites de lo decible: cartografía de una época. In: SOSNOWSKI, Saúl (org.). **La cultura de un siglo**: América Latina en sus revistas. Buenos Aires, Alianza Editorial, 1999. p. 461-468.

\_\_\_\_\_. La situación del escritor latinoamericano: la voluntad de politización. In AA. VV. **Cultura y política en los años 60**. Buenos Aires: UBA, 1997. p. 171-186.

GIRAUDO, Silvia. **Revolución es más que una palabra**. Fidel Castro en la tribuna. Buenos Aires: Biblos, 2010.

GOMES, Caio de Souza. Por toda América soplan vientos que no han de parar hasta que entierren las sombras: anti-imperialismo e revolução na canção engajada latino-americana (1967-69). In: **Revista História e Cultura**, Franca-SP, v. 2, n. 1, p.146-165, 2013.

GONZÁLES BAZÚA, Alejandra. Viaje a Casa de las Américas en dos números. In: CRESPO, Regina Aída (org.). **Revistas en América Latina**: Proyectos literarios, políticos y culturales. México: UNAM/Eón, 2010.

GONZALES, Mike. The Culture of the Heroic Guerrilla: The Impact of Cuba in the Sixties. **Bulletin of Latin American Research**, v. 3, n. 2, 1984, p. 65-75.

GRILLO, Maria Del Carmen. El estudio de revistas como objeto historiográfico para la historia de las redes intelectuales. **Coloquio Internacional de Historia y Ciencias Sociales**. Colima: Universidad de Colima, 2010. Publicação em CD-Rom.

HILB, Claudia. **Silêncio, Cuba**: a esquerda democrática diante do regime da Revolução Cubana. São Paulo: Paz e terra, 2010.

JIMÉNEZ-FIOL, María J. Martí, Varona, Ernesto Guevara: figuras representativas del pensamiento ético cubano. **Santiago**, n. 2, mayo-ago. 2011. p. 18-32.

KAPCIA, Antoni. Revolution, the Intellectual and a Cuban Identity: The Long Tradition. **Bulletin of Latin American Research**, v. 1, n. 2, may, 1982, p. 63-78.

KUMARASWAMI, Par. Cultural policy and cultural politics in revolutionary Cuba: Re-reading the Palabras a los intelectuales. **Bulletin of Latin American Research**, v. 28, n. 4, p. 527–541, 2009.

\_\_\_\_\_. Cultural policy, literature and readership in revolutionary Cuba: the view from the 21<sup>st</sup> Century. **Bulletin of Latin American Research**, v. 26, n. 1, p. 69-87, 2007.

LEANDRI, Ricardo González; PLOTKIN, Mariano. **Localismo y Globalización: aportes para una historia de los intelectuales en Iberoamérica**. Madrid: Consejo superior de investigaciones científicas; Instituto de Historia, 2000.

LECUONA, Oscar Zanetti. Medio siglo de historiografía en Cuba: la impronta da la revolución. **Cuban Studies/Estudios Cubanos**, 2010. p. 74-103.

LIE, Nadia. ¿Evolución en la revolución ? La noción de ‘cambio’ en la revista *Casa de las Américas*, 1970-1975. **América. Cahiers du Criccal**. Paris, n. 15/16, p. 119-131. 1996.

\_\_\_\_\_. Translation studies and the other cannibal: the English version of Fernández Retamar’s *Calibán*. **Enter Text**, v. 2, n. 2, summer 2003. Brunel University West London. p. 39-50. Disponível em: [http://arts.brunel.ac.uk/gate/entertext/2\\_2\\_pdfs/lie.pdf](http://arts.brunel.ac.uk/gate/entertext/2_2_pdfs/lie.pdf) , acessado em 11/11/2013.

\_\_\_\_\_. **Transición y transacción: la revista cubana Casa de las Américas (1960-1976)**. Leuven: Universiteit Leuven, 1996.

\_\_\_\_\_. Estrategias de reescritura en la revista *Casa de las Américas* (1989-1999). **Nómadas**, Universidad Central, Colombia, n. 25, oct. 2006. p. 168-177.

LIE, N.; RODRÍGUEZ-CARRANZA, L. A Comparative Analysis of Caribbean Literary Magazines: 1960-1980. In: ARNOLD, A. J. (org). **A history of literature in the Caribbean: cross-cultural studies**. Vol. 3. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997.

LUCA, Tânia R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

LUTJENS, Sheryl. Education and the Cuban Revolution: A Selected Bibliography. **Comparative Education Review**, v. 42, n. 2, may 1998, p. 197-224.

- MANGONE, Carlos. Revolución cubana y compromiso político en las revistas culturales. In: VV.AA. **Cultura y política en los años 60**. Buenos Aires: UBA, 1997. p. 187-205.
- MILLER, Nicola. **In the shadow of the state**: intellectuals and the quest for national identity in twentieth-century Spanish America. London; New York: Verso, 1999.
- \_\_\_\_\_. A revolutionary modernity: the cultural policy of the cuban revolution. **J. Lat. Amer. Stud.** n. 40, 2008. p 675-696.
- MISKULIN, Sílvia Cezar. **Os intelectuais cubanos**: a política cultural da Revolução (1961-1975). São Paulo: Alameda, 2009.
- \_\_\_\_\_. O ano de 1968 em Cuba: mudanças na política internacional e na política cultural. **Revista Esboços**, Florianópolis, UFSC, n. 20, p 47-66.
- \_\_\_\_\_. **Cultura Ihada**: imprensa e revolução cubana, 1959-1961. São Paulo: Xamã: 2003.
- \_\_\_\_\_. Cultura e política na Revolução Cubana: a importância de *Lunes de Revolución*. **Anais Eletrônicos do III Encontro da ANPHLAC**. São Paulo, 1998. Disponível em: [http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/silvia\\_miskulin\\_2.pdf](http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/silvia_miskulin_2.pdf) Acesso em: 11/11/2013.
- \_\_\_\_\_. La Revolución Cubana y el caso Padilla en las revistas *Plural* y *Vuelta*. **Estudios**, n. 23-24, jan.-dez. 2010. p. 159-171.
- MONTANARO, Pablo. **Cortázar**: de la experiencia histórica a la revolución. Rosario: Homo Sapiens, 2001.
- MOREJÓN ARNAIZ, Idalia. **Política y polémica polémica en América Latina**: las revistas *Casa de las Américas* y *Mundo Nuevo*. México: Educación y cultura, 2010.
- MOREJON ARNAIZ, Idalia Morejón. La legitimación del discurso histórico y político en los editoriales de la revista casa de las Américas (1960-1971). **Anais Eletrônicos do V Encontro da ANPHLAC**, Belo Horizonte, 2002. Disponível em: [http://www.anphlac.org/upload/anais/encontro5/idalia\\_morejon.pdf](http://www.anphlac.org/upload/anais/encontro5/idalia_morejon.pdf) . Acesso em: 11/11/2013.
- MOREJON ARNAIZ. Testimonio de una Casa. **Revista Encuentro**, n. 40, 2006. Disponível em:

<http://www.cubaencuentro.com/revista/content/download/32661/278767/version/2/file/40ima93.pdf> . Acesso em: 11/11/2013.

MUDROVICIC, María Eugenia. **Mundo Nuevo: cultura y guerra fría en la década del sesenta**. Rosario: Beatriz Viterbo, 1997.

PATIÑO, Roxana. "Intelectuales en transición: las revistas culturales argentinas" (1981 – 1987). *Cuadernos de Recienvenido*, 4. São Paulo: Depto. De Letras Modernas/FFLCH/USP, 1997.

\_\_\_\_\_. América Latina. Literatura e crítica em revista(s). In: SOUZA, Eneida; MARQUES, Reinaldo (orgs.). **Modernidades alternativas na América Latina**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 456-470.

PERICÁS, L. B. **Che Guevara e o debate econômico em Cuba**. São Paulo: Xamã, 2004.

PIZARRO, Ana (org.). **América Latina: palavra, literatura e cultura**. v. 3. São Paulo; Campinas, SP: Memorial; UNICAMP, 1995.

POCOCK, J. G. A. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: Edusp, 2003.

QUINN, Kate. Cuban historiography in the 1960s: revisionists, revolutionaries and the nationalist past. **Bulletin of Latin American Research**, v. 26, n. 3, 2007, p. 378-398.

QUINTERO-HERENCIA, Juan Carlos. **Fulguración del espacio: Letras y el imaginario institucional de la revolución cubana**. Rosario: Beatriz Viterbo, 2002.

RAMÍREZ PÉREZ, L. La oratoria martiana como arma ideológica en la preparación de la guerra necesaria. **Contribuciones a las ciencias sociales**. oct. 2011. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/14/lrp.html> Acesso em 11/11/2013.

RETAMAR, Roberto Fernández. **Caliban e outros ensaios**. São Paulo: Busca Vida, 1988.

ROCCA, Pablo. Por qué, para qué una revista: sobre su naturaleza y su función en el campo cultural latinoamericano. **Hispanérica**. Ano 33, n. 99, dec. 2004, p. 1-128. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20540580> . Acessado em: 11/11/2013.

ROCHDI, Nour-Eddine. **Vingt ans de politique culturelle de la revue cubaine "Casa de las Américas"**. Tese, Université Paris III, 1991.

\_\_\_\_\_. La revue *casa*: culture et révolution. In: CIVIL, Françoise Moulin (org). **Cuba 1959-2006: Révolution dans la culture, culture dans la revolution**. Paris: L'Harmattan, 2008.

- RODENAS, Adriana Méndez. Literature and politics in the Cuban Revolution: the historical image. In: ARNOLD, J. (org.). **A history of literature in the Caribbean**. v.1. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p. 283-294.
- ROJAS, Rafael. Anatomia do entusiasmo: cultura e revolução em Cuba (1959-1971). **Tempo social**. n. 1, v.19. p. 71-88.
- \_\_\_\_\_. Diáspora, intelectuales y futuros de Cuba. **Temas**, Havana, n. 66, abr.-jun. 2011. p. 144-151.
- \_\_\_\_\_. **Tumbas sin sosiego**: revolución, disidencia y exilio del intelectual cubano. Barcelona: Anagrama, 2006.
- SADER, Emir. **Cuba, Chile, Nicaragua**: Socialismo na América Latina. São Paulo: Atual, 1992.
- SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as Conferencias Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Humanismo e crítica democrática**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una practica. **America, Cahiers du CRICCAL**, Paris, n. 9-10, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Tempo Passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SCHMIEDECKE, N. **“Tomemos la historia en nuestras manos”**: Utopia Revolucionária e Música Popular no Chile (1966-1973). Dissertação de Mestrado, UNESP, 2013. Disponível em: <http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/-natalia-ayo-schmiedecke-.pdf> , acesso em 11/11/2013.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais do final do século XX. In: AZEVEDO, Cecilia; ROLLEMBERG, Denise; et. al. (orgs.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- \_\_\_\_\_. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (org.) **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 231-262.
- SOARES, Maria Susana (org.). **Os intelectuais nos processos políticos da America Latina**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1985.
- SOLARES, Ignacio. **Imagen de Julio Cortázar**. Buenos Aires: FCE, 2008.

- SORENSEN, Diana. **A turbulent decade remembered**: scenes from the latin american sixties. Stanford: Stanford University Press, 2007.
- SOSNOWSKI, Saul (ed.). **La cultura de un siglo**. *América Latina en sus revistas*. Buenos Aires, Alianza Editorial, 1999.
- TERÁN, Oscar. **Ideas en el siglo**: Intelectuales y cultura en el siglo XX latinoamericano. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2004.
- VILLAÇA, Mariana Martins. **Cinema Cubano**: Revolução e política cultural. São Paulo: Alameda, 2010.
- \_\_\_\_\_. **José Martí**. São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 2008.
- \_\_\_\_\_. “América Nuestra” – Glauber Rocha e o cinema cubano. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n. 44, 2002, p. 489-510.
- WARLEY, Jorge. Las revistas culturales de dos décadas. **Cuadernos Hispanoamericanos**. n. 517-519, jul.-sep. 1993, p. 195-209.
- WEISS, Judith A. **Casa de las Americas**: An Intellectual Review in the Cuban Revolution. Chapel Hill: Yale University, 1973.
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo y literatura**. Barcelona: Península, 1997.



## Apêndices

### Casa de las Américas: 1965-1976

Textos publicados na seção Hechos/ideas

Legenda:

- NH/I – Número sem seção *hechos/ideas*

Revista Casa de las Américas: <i>hechos/ideas</i> entre 1965-1976				
28	- NH/I -			1965
29	- NH/I -			
30	- NH/I -			
31	Regis Debray / “América Latina: algunos problemas de estrategia revolucionaria”	Manuel Maldonado-Denis / “Puerto Rico: libertad y poder en el Caribe”	Jacques Guillaumaud / “Sobre cibernética y materialismo dialéctico”	1966
32	Laurette Sejourne / “El mundo de los mayas contemporáneos”	Augusto Roa Bastos / “Paraguay ante la necesidad de su segunda independencia”	Adolfo Sánchez Vázquez / “El marxismo contemporáneo y el arte”	
33	- NH/I -			
34	Louis Althusser / “Teoría, práctica teórica y formación teórica. Ideología y lucha ideológica”	René Depestre / “Carta de Cuba sobre el imperialismo de mala fe”	Edmundo Desnoes / “La imagen fotográfica del subdesarrollo”	1967
35	Ricardo Alarcón / “América Latina y la Conferencia Tricontinental”	Carlos M. Rama / “La religión en América Latina”	Nilita Vientós Gastón / “Comentarios a un ensayo sobre Puerto Rico”	
36	- NH/I -			
37	- NH/I -			1967
38	Orlando Fernández / “Guerra de guerrilla en Guatemala”	Enrique Linh / “Definición de un poeta”	Francisco Fernández-Santos / “El arte y lo histórico-fundamental”	
39	- NH/I -			
40	Roberto Fernández Retamar / “Hacia una intelectualidad revolucionaria en Cuba”	Manuel Moreno Fragnals / “La historia como arma”	Ambrosio Fornet / “Revaluaciones: el movimiento cultural del 30”	1967
41	Adolfo Sánchez Vázquez / “Praxis y violencia”	Jorge Ibarra / “El experimento cubano”	Herminio Almendros / “Martí, innovador en el idioma”	
42	- NH/I -			
43	Cesare Luporini / “Marxismo y ciencias humanas”	Benjamin Page / “El movimiento estudiantil en los Estados Unidos”	Ana María López Day / “Algunos fundamentos teóricos sobre el problema del tiempo libre”	

44	Albert-Paul Lentin / “Punta del Este y boinas verdes”	Karel Kosik / “El arte y el equivalente social”	Gérard Genette / “Estructuralismo y crítica literaria”	Romano Luperini / “Crítica marxista y crítica estructuralista”			
45	- NH/I -						
46	- NH/I -						
47	Manuel Maldonado-Denis / “Ernesto Guevara y Camilo Torres: Revolucionarios por convicción”	José M. Arguedas / “Los mitos quechuas posthispánicos”		Ernesto Sábato / “Sartre contra Sartre”			
48	C. L. R. James / “Poder Negro”	Antonio Melis / “Mariátegui, primer marxista de América”		Edmundo Desnoes / “Las armas secretas”			
49	Gregorio Selser / “Sandino, el Guerrillero”	Roberto Segre / “Presencia urbana del tiempo libre en Cuba”		Franklin J. Franco / “Gérmenes de la burguesía colonial dominicana”			
50	? / “La guerra del 68”	José Luciano Franco / “Introducción al 68”	Manuel Moreno Fragnals / “Azúcar, esclavos y revolución”	Roberto Rosza; José A. Fidalgo / “Colonia y lucha de clases hasta 1868”	Raúl Aparicio / “Sondeo en Céspedes”	Julio Le Riverend / “Martí en la revolución de 1868”	Sergio Benvenuto / “Una imagen del mundo en 1868”
51	- NH/I -						
52	- NH/I -						
53	Alejo Carpentier / “Papel social del novelista”	René Depestre / “Problemas de la identidad del hombre negro en las literaturas antillanas”		José Miguel Oviedo / “Ernesto Cardenal: un místico comprometido”		Noé Jitrik / “Estructura y significado en <b>Ficciones</b> de Jorge Luis Borges”	
54	Carlos Maria Gutiérrez / “Los motivos del Che”	Rodolfo Quintero / “Estudio del campo petrolero venezolano”		Angel Rama / “Garmendia y la nueva literatura venezolana”			
55	- NH/I -						
56	- NH/I -						
57	Andre Gunder Frank / “Quién es el enemigo inmediato?”	Stefan Morawski / “Pablo Lafargue y el desarrollo de una estética marxista ”		Julio Le Riverend / “Martí: ética y acción revolucionaria”			
58	- NH/I -						
59	Carlos Rafael Rodríguez / “Lenin y la cuestión colonial”	Jorge Ibarra / “La investigación leninista del tránsito hacia el capitalismo en Rusia”	Jaime Barrios / “Lenin, los traidores de la Segunda Internacional y las palabras olvidadas del socialismo”	Marcos Llanos / “Lenin en acción: la toma del poder”	José Luciano Franco / “Lenin y la Tercera Internacional ”	Adolfo Sánchez Vásquez / “Notas sobre Lenin y el arte”	Roberto F. Retamar / “Notas sobre Martí, Lenin y la revolución anticolonial”
60	Manuel Agustín Aguirre / “Imperialismo y militarismo en América Latina”	Oscar Pino Santos / “El imperialismo yanqui y el caso de Cuba”		Oscar Collazos / “Colombia: entre la violencia y la legalidad”			
61	Roberto Schwartz / “Cultura y política en el Brasil (1967-69):	Ida Paz / “Una nueva maniobra imperialista en la cultura: el		Alberto Díaz Méndez / “Nacionalismo en la América			

1968

1969

1970

	algunos esquemas”	proyecto Marginalidad”		Latina: Cárdenas una experiencia”	
62	Manuel Moreno Friginals / “Desgarramiento azucarero e integración nacional”	José A. Benítez / “Biografía de una industria”		Edmundo Desnoes / “Cuba: Caña y cultura”	
63	- NH/I -				
64	Ariel Dorfman / “Marios Vargas Llosa y José María Árguedas: dos visiones de una sola América”	José Miguel Oviedo / “Literatura peruana, hoy”			
65	- NH/I -				
66	- NH/I -				
67	Manue Maldnado-Denis / “Martí y su concepto de la Revolución”	Leonardo Acosta / “La concepción histórica de Martí”	Carlos Rincón / “Para un plano de batalla de un combate por una nueva crítica en Latinoamérica”	Jacqueline Kaye / “La historia en la novela antillana de lengua inglesa”	
68	- NH/I -				
69	Hernán Ramírez Necochea / “Esquema de la evolución social y política de la República de Chile (1810-1970)”	Julio César Jobet / “El pensamiento político de Recabarren”		Ariel Dorfman / “Notas para un análisis marxista de la narrativa chilena de los últimos años”	
70	Manuel Maldonado-Denis / “Imperialismo y cultura nacional en Puerto Rico”	Juan Mari Bras / “La economía en la República de Puerto Rico”	Luis Nieves Falcón / “La pobreza en Puerto Rico: demitología de la vitrina”	Nilita Vientós Gastón / “El Tribunal Supremo de Puerto Rico y el problema de la lengua”	Margot Arce de Vásquez / “El porvenir del español en Puerto Rico”
71	- Ausente na coleção -				
72	Arqueles Morales / “Entrada en Panamá”	Nils Castro / “Panamá: entre la oligarquía y la dignidad nacional”	César A. de León / “Significado histórico de la actual crisis entre Panamá y los Estados Unidos”	Raúl R. Rodríguez Porcell / “Panorama histórico de la arquitectura en Panamá”	Pedro Rivera / “Una visión general de la poesía panameña”
73	“Mini-editorial”/ “Sobre Martí”	Jesús Sabourín / “Martí en el Che”	Manuel Maldonado-Denis / “Martí y Fanon”	Leonardo Acosta / “Martí descolonizador. Apuntes sobre el simbolismo náhuatl en la poesía de Martí”	Ivan A. Schulman / “Modernismo, revolución y pitagorismo en Martí”
74	Miklós Szabolsci / “La ‘vanguardia’ literaria y artística como fenómeno internacional”	Roberto F. Retamar / “A propósito del Círculo de Praga y del estudio de nuestra literatura”	René Depestre / “Hablar de Jacques Stephen Alexis”	Emil Volek / “Algunas reflexiones sobre El siglo de las luces y el arte narrativo de Alejo Carpentier”	Paul Estrade / “Cuba en 1895: las tres vías de la burguesía insular”
75	Juan Marinello / “Pensamiento	Manuel Maldonado-Denis /		César Leante / “Horacio	

1971

1972

	e invención de Aníbal Ponce”		“Hostos, el antillano”		Quiroga ante el tribunal”			
76	- Ausente na coleção -							1973
77	- NH/I -							
78	Adalbert Dessau / “Benito Juárez. Revolucionario, demócrata y patriota”		Juan Larco / “Introducción a Arguedas”		Adolfo Sánchez Vásquez / “Socialización de la creación o muerte del arte”		Enrique López Oliva / “Revolución de la teología?”	
79	- Ausente na coleção -							
80	Manuel Galich / “Mapa hablado de la América Latina en el año del Moncada (II)”		Oscar Pino Santos / “Intervencionismo yanqui en Cuba: de Magoon a Batista”			Juan Mari Bras / “Puerto rico: fortaleza imperialista en el Caribe”		
81	René Depestre / “El asalto al Moncada: revés victorioso de la Revolución latinoamericana”		Marcio Moreira Alves / “La política de los tecnócratas en el Brasil”			Desiderio Navarro / “La cultura de masas. Semiótica, sociología y praxis social”		
82	Camila Henríquez Ureña / “La peregrinación de Eugenio María de Hostos”		Nils Castro / “Arosemena antiyanqui y latinoamericano”		Paul Estrade / “Un ‘socialista’ mexicano: José Martí”		Angel Augier / “Martí: tesis antimperialista en la cuna del panamericanismo”	
83	Raúl Roa / “Chile en el panorama internacional”	Mario García Incháustegui / “El XXV aniversario de la Declaración Universal de los Derechos Humanos y Chile”	Manuel Galich / “Algunos precedentes oligárquico-castrenses al 11 de septiembre de 1973”	Lisandro Otero / “Unidad Popular: se inicia el camino”	Roberto Álvarez Quiñones / “Génesis imperialista del golpe fascista en Chile”	Armand Mattelart / “Notas sobre el ‘gremialismo’ y la línea de masas de la burguesía chilena”		1974
84	Julio Le Riverend / “Cuba: la Revolución de 1868 como transición ideológica”	Adalbert Dessau / “Literatura y sociedad en las obras de José Carlos Mariátegui”	Ambrosio Fornet / “Literatura y mercado en la Cuba colonial (1830-60)”	Manuel Galich / “Diez años de primavera (1944-54) en el país de la eterna tiranía (1838-974)”	Alfonso Bauer Paiz / “La revolución guatemalteca del 20 de octubre de 1944 y sus proyecciones económico-sociales”			
85	Julio Le Riverend / “Problemas históricos de la conquista de América. Las Casa y su tiempo”		José Luciano Franco / “Panamá, refugio de la rebeldía cubana en el siglo XIX”			José Luis Méndez / “Problemas de la creación cultural en el Caribe”		
86	- Ausente na coleção -							
87	- Ausente na coleção -							
88	Camila Henríquez Ureña / “Feminismo”	Isabel Larguía; John Dumoulin / “Aspectos de la condición laboral de la Mujer”	Margaret Randall / “La mujer cubana en 1974”	Michèle Mattelart / “Chile: el golpe de estado en femenino o cuando las mujeres de la burguesía salen a la calle”		Jaime Mejía Duque / “Femineidad y servidumbre”		1975

89	- NH/I -					
90	- NH/I -					
91	Elsa Goveia / “El marco social”	Rex Nettleford / “Identidad Nacional y actitudes raciales en Jamaica”	Edward Baugh / “Breve recuento de la poesía antillana de lengua inglesa 1900-70”			
92	- NH/I -					
93	José Luciano Franco / “Africanos y sus descendientes criollos en las luchas libertadoras. 1533-895”	Ambrosio Fornet / “La lectura: proletariado y cultura nacional”	Roberto Fernández Retamar / “De introducción a Martí”	Fabio Grobart / “El cincuentenario de la fundación del primer Partido Comunista de Cuba”	Mirta Aguirre; Denia García Ronda; Isabel Monal / “El leninismo en <b>La historia me absolverá</b> ”	
94	J. Grigulevich / “Cuál es el futuro de la antropología social?”	Nelson Osorio T. / “Las ideologías y los estudios de la literatura hispanoamericana”	Manuel Maldonado-Denis / “Hacia una interpretación sociohistórica de la emigración puertorriqueña”	Omar Roca / “El sesquicentenario de la independencia de Bolivia”		
95	Leopoldo Zea / “La filosofía como conciencia histórica en Latinoamérica”		Julia Báez / “Panorama de la situación indígena en Paraguay”			
96	Manuel Galich / “A ciento cincuenta años del Congreso de Panamá: bolivarismo y panamericanismo”	Edward Kamau Brathwaite / “La criollización en las Antillas de lengua inglesa”		Marcos A. Gandásegui (hijo) / “Estructura social y medios masivos de comunicación”		
97	Rodney Arismendy / “La hora uruguaya bajo el fascismo”	Sergio Villar / “Uruguay: genocidio cultural, pensamiento artiguista y tradición democrática”	Oscar J. Maggiolo / “La universidad de la República (Uruguay) bajo la dictadura instaurada en junio de 1973”	Ernesto Rossi / “Plan facista contra la educación”	Andrés Moreno / “Prensa amordazada y prédica del facismo”	Juan José Fuentes / “Censura, prisiones y diáspora en las artes y las letras”
98	Ariel Dorfman / “Chile: la resistencia cultural al imperialismo”	Mario Benedetti / “El recurso del supremo patriarca”	Manuel Maldonado-Denis / “La violencia del subdesarrollo y el subdesarrollo de la violencia: un análisis de <b>El otoño del patriarca</b> de Gabriel García Márquez”		Roberto Fernández Retamar / “Nuestra América y Occidente”	
99	Roberto Fernández Retamar / “Contra la leyenda negra”		César Fernández Moreno / “El Existidor”			

1976

100	Carlos Rafael Rodríguez / “Discurso en el Centro Cultural José Martí, de México”	Adolfo Sánchez Vásquez / “El punto de vista de la práctica en la filosofía”	Julio García Espinosa / “Los cuatro medios de comunicación son tres: cine y TV”	Eduardo Galeano / “Defensa de la palabra”	Antonio Cornejo Polar / “Para una interpretación de la novela indigenista”	Ambosio Fonet / “El ajuste de cuentas: del panfleto autonomista a la literatura de campaña”	Manuel Galich / “Martirologio laico de Bergaño y Villegas, reo de pensamiento liberal”	1977
-----	--	---	---	---	--	---	--	------

Textos consultados em diferentes seções. (Nome da seção entre parênteses)

26	Editorial “Nuestra respuesta”						
32	Editorial						
33	Ezequiel Martínez Estrada / “El colonialismo como realidad” (Algunos textos de Ezequiel Martínez Estrada)			Ezequiel Martínez Estrada / “De Martí revolucionario” (Algunos textos de Ezequiel Martínez Estrada)			
35	Carlos Nuñez / “El papel del intelectual en los movimientos de liberación nacional” (encuesta)			? / “Creación del Organismo Latinoamericano de Solidaridad, con sede en La Habana” (documento)			
36/37	Editorial	Nicolás Guillén / “Nación y mestizaje” (África en América)	José A. Benítez / “África y América Latina: paralelo entre dos continentes” (África en América)	Aimé Césaire / “De discurso sobre el colonialismo” (documentos)	Frantz Fanon / “Antillanos y africanos” (documentos)		
39	Retamar; Otero; Desnoes; Fonet / “Sobre la penetración intelectual del imperialismo yanqui en América Latina” (mesa redonda)			Federico Alvarez / “Perspectiva y ambigüedad en las <b>Memorias del Subdesarrollo</b> ” (libros)			
40	Editorial			? / “Manifiesto contra la galería Cultura y Libertad” (documentos)			
41	Raúl Roa Kourí / “Cultura, subdesarrollo y socialismo” (notas)						
42	Ernesto Mejía Sánchez / “El caso Martí-Whitman-Darío” (sobre Rubén Darío)			José Antonio Portuondo / “Martí y Darío, polos del modernismo” (sobre Rubén Darío)			
45	Editorial (Che e Vietnam)	? / “Entrevista a Haydée Santamaría” (sobre la conferencia de la OLAS)	? / “Resolución sobre la penetración cultural y ideológica del imperialismo en América Latina” (documentos de la OLAS)	Sergio de Santis / “Guerrilla y revolución en el pensamiento del Che Guevara” (notas)			
46	Ángel Augier / “Martí total” (libros)						
47	? / “Responsabilidad del intelectual ante los problemas del mundo subdesarrollado” (sobre el Congreso Cultural de La Habana)			R. Retamar / “Responsabilidad de los intelectuales de los países subdesarrollantes” (sobre el Congreso Cultural de La Habana)			
50	James O’Connor / “Estados Unidos: situación actual y qué hacer” (notas)			Manuel Maldonado-Denis / “El Martí de Martínez Estrada” (libros)			
51/52	Literatura y revolución (Encuesta: 44 autores)						

54	E. Desnoes / “José Martí, intelectual revolucionario y hombre nuevo” (sobre Martí)		Jesús Sabourín / “Martí: literatura y política” (sobre Martí)		Antonio Melis / “Lucha antimperialista y lucha de clases en Martí” (sobre Martí)		
57	Editorial				Ida Paz Escalante / “El império americano o el neoimperialismo siglo XX” (libros)		
58	? / “Angola: colonialismo” (documento)						
59	Carlos del Toro / “Um agente especial del imperialismo norteamericano em Cuba” (nota)						
60	Ida Paz / “Galbraith: una nueva teoría para el neocapitalismo”						
63	Roberto Fernández Retamar / “Sobre Martí y Ho Chi Minh, dirigentes coloniales” (notas)			Eduardo López Morales / “Apuntes para un estudio acerca de la lucha armada en Ho Chi Minh y José Martí” (notas)			
67	Jaime Mejía Duque / “Nuevo libro sobre el imperialismo” (libros)						
68	Editorial	José Martí / “Nuestra América”		Juan Marinello / “Literatura y revolución”		Manuel Galich / “Acotaciones a Nuestra América”	
70	Editorial						
74	José Antonio Portuondo / “Juárez en Martí” (notas)		Jaime Mejía Duque / “Colombia: nuevas perspectivas editoriales” (notas)		Jacqueline Kaye / “Literatura y subdesarrollo de la crítica literaria” (notas)		
77	Editorial				Encarte sobre quadrinhos Disney		
80	Julio Antonio Mella / “Imperialismo, tiranía: soviét” (paginas salvadas)			Julio Antonio Mella / “Hacia la internacional americana” (paginas salvadas)			
83	Roberto Alvarez Quiñones / “Génesis imperialista del golpe fascista en Chile”						
84	Ariel Hidalgo / “Martí y el neocolonialismo imperialista” (notas)						
85	José Martí / “Proteccionismo y libre cambio” (paginas salvadas)	José Martí / “El libro de García Cubas” (paginas salvadas)	José Martí / “Dos obras de Víctor Hugo” (paginas salvadas)	José Martí / “La Situación” (paginas salvadas)	José Martí / “Diputado” (paginas salvadas)	José Martí / “Los tiempos se acercan” (paginas salvadas)	José Martí / “Los meseros” (paginas salvadas)
90	Juan Marinello / “Fuentes y raíces del pensamiento antimperialista de José Martí” (Sobre Martí, a ochenta años de su muerte)	José Portuondo / “Teoría martiana del partido revolucionario” (Sobre Martí, a ochenta años de su muerte)	Luis Toledo Sande / “José Martí hacia la emancipación de la mujer” (Sobre Martí, a ochenta años de su muerte)		Salvador Morales / “Martí en la génesis de la solidaridad antillana” (Sobre Martí, a ochenta años de su muerte)	Miguel A. D’Estéfano del Día / “Ho Chi Minh y José Martí, revolucionarios anticolonialistas” (Sobre Martí, a ochenta años de su muerte)	
91	Editorial						
92	? / “Llamamiento sobre el caso colonial de Puerto Rico” (documento)						
97	Pedro Pablo Rodríguez López / “José Martí y la independencia de los Estados Unidos” (notas)						





Colaboradores 1965-1976 - Breve biografia dos autores dos textos aqui analisados e nomes recorrentes na revista <i>Casa de las Américas</i> *		Principais Obras
<b>Ambrosio Fornet</b> (1932-)	Crítico literário, ensaísta, editor e roteirista de cinema. Estudou literatura norte-americana na <b>New York University</b> e cultura hispânica na <b>Universidad Central de Madrid</b> . Após uma breve incursão no gênero narrativo, passa a publicar obras de crítica literária, a partir de 1964, as quais têm grande repercussão na América Latina. É neste esforço que cunha o termo “Quinquenio Gris” e outros que marcam as discussões no campo intelectual cubano e latino-americano da segunda metade do XX. Entre 1960 e 1980, se engaja no movimento editorial cubano, tornando-se editor do <b>Ministério da Educação</b> , da <b>Editora Nacional</b> e do <b>Instituto Cubano del Libro</b> . Este movimento visava reunir coleções literárias e disponibilizá-las ao grande público cubano. Fornet atuou não só republicando coleções antigas como também criando novas e traduzindo textos para o espanhol. Trabalhou também no <b>Instituto Cubano de Arte e Industria Cinematográficos</b> . Foi jurado em diversos prêmios: <b>Premio Casa de las Américas</b> , <b>III Festival Internacional del Nuevo Cine Latinoamericano de La Habana</b> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>A un paso del diluvio</b>. Contos, 1958.</li> <li>• <b>En tres y dos</b>, 1964.</li> <li>• <b>En blanco y negro</b>, 1967.</li> <li>• <b>El libro en Cuba: Siglos XVIII y XIX</b>, 1994.</li> <li>• <b>Las máscaras del tiempo</b>, 1995.</li> <li>• <b>La coartada perpetua</b>, 2002.</li> <li>• <b>Carpentier o La ética de la escritura</b>, 2006.</li> <li>• <b>Las trampas del oficio</b>, 2007.</li> <li>• <b>El otro y sus signos</b>, 2009.</li> <li>• <b>Narrar la Nación. Ensayos en blanco y negro</b>, 2009.</li> <li>• <b>A título personal</b>, 2010.</li> </ul>
<b>Ángel Augier</b> (1910-2010)	Poeta, ensaísta, jornalista, pesquisador literário e crítico cubano. Doutor em Ciências Filológicas pela <b>Universidade de La Habana</b> com estudos posteriores, a partir de 1973, no <b>Instituto de Literatura Mundial “Máximo Gorki”</b> da Academia de Ciências da URSS, em Moscou. Prêmio Nacional de Literatura 1991, foi definido por Nicolás Guillén (neto) como “um patriarca da literatura cubana”. Foi fundador da <b>Agencia Latinoamericana de Noticias “Prensa Latina”</b> . Ingressou no Partido Comunista de Cuba em 1932. Fundador da UNEAC. “Mi mayor satisfacción —dijo más de una vez— es saber que los ideales que abracé en la juventud han fructificado en mi Patria”.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Acción y poesía en José Martí</b>. Ensaio, 1982.</li> <li>• <b>Copa de sol</b>. Poesia, 1978.</li> <li>• <b>Cuba en Darío y Darío en Cuba</b>. Ensaio, 1988.</li> <li>• <b>La revolución cubana en la poesía de Nicolás Guillén</b>. Ensaio, 1979.</li> </ul>
<b>Antonio Melis</b> (1942-)	Foi Professor da Universidad Nacional Mayor de San Marcos, no Peru, e membro do comitê editorial da <b>Revista de Crítica Literaria Latinoamericana</b> , fundada em Lima em 1973, por Antonio Cornejo Polar. É um dos principais estudiosos da vida e da obra de José Carlos Mariátegui, César Vallejo, José María Arguedas, e também da cultura andina.	
<b>Ariel Hidalgo</b>		
<b>Carlos del Toro</b>		

\* Dados levantados a partir de sites na internet. Os espaços vazios na tabela representam falta de informações suficientes para descrição biográfica.

<p><b>Edmundo Desnoes (1930-)</b></p>	<p>Romancista cubano, também se destaca na área do jornalismo cultural e do ensaio. Também atuou como roteirista de cinema. A partir de 1956, viveu nos EUA realizando estudos universitários que não completaria. Regressou a Cuba em 1959, onde passou a trabalhar no departamento de publicações do <b>Ministério da Educação</b>, na <b>Editores Nacional de Cuba</b> e no <b>Instituto Cubano del Libro</b>, ao mesmo tempo em que tornou-se colaborador regular em diversos periódicos e revistas. Seu livro mais famoso, <i>Memorias del subdesarrollo</i>, de 1965, foi adaptado para o cinema em 1968, sob direção de Tomás Guitérrez Alea. A partir de 1979 fixou residência em Nova York, onde vive até hoje, sem perder, no entanto, contato com instituições como a <b>Casa de las Américas</b> e o <b>ICAIC</b>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Memorias del subdesarrollo.</b></li> <li>• <b>Memorias del Desarrollo.</b></li> <li>• <b>El Cataclismo.</b></li> <li>• <b>No hay problema.</b></li> </ul>
<p><b>Eduardo López Morales (1939-1990)</b></p>	<p>Escritor cubano, ensaísta e crítico de cinema. Graduou-se em Língua espanhola e Literatura na Universidade de Havana. Iniciou sua carreira no jornalismo na revista <b>Alma Máter</b>. Participou como jurado em vários concursos de entidades cubanas: 13 de Marzo, UNEAC y 26 de julio. Foi director geral de literatura e das publicações do Conselho Nacional de Cultura.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Ensayo sobre el entendimiento humano</b> (poesía), 1969.</li> <li>• <b>Camino a hombre</b> (poesía), 1974.</li> <li>• <b>Crítica de la razón poética</b>, 1989.</li> <li>• <b>Cuaderno de un escolar sencillo</b>, 1980.</li> <li>• <b>Elogio de la razón poética</b>, 1982.</li> <li>• <b>Acerca del estado y del sueño</b> (poesía), 1987.</li> </ul>
<p><b>Ernesto Mejía Sánchez (1923-1985)</b></p>	<p>Escritor nicaraguense. É autor também de estudos literários sobre Rubén Darío, Amado Nervo, Alfonso Reyes, entre outros. Viveu parte de sua vida no México, onde publicou sua primeira obra. Foi professor da <b>Universidad Autónoma de México</b>. Viveu na Europa e Estados Unidos. Em 1980, foi nomeado embaixador da Nicarágua na Espanha e, depois, na Argentina. Faleceu em 1985, no México.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Ensalmos y conjuros</b> (1947)</li> <li>• <b>La carne contigua</b> (1948)</li> <li>• <b>El retorno</b> (1950)</li> <li>• <b>Contemplaciones europeas</b> (1957)</li> <li>• <b>Estelas/homenajes</b> (1971)</li> </ul>
<p><b>Ezequiel Martínez Estrada (1895-1964)</b></p>	<p>Escritor argentino. Publicou alguns breves ensaios nas revistas <b>Nosotros</b> e <b>Atenea</b>, entre 1917 e 1919. Na década de 1920 estabeleceu sua carreira literária, publicando seis livros de poesia. Entre 1924 e 1945, trabalhou como professor de literatura no <b>Colegio Nacional de la Universidad Nacional de La Plata</b>. Presidiu a <b>Sociedad Argentina de Escritores</b> entre 1933 e 1934 e entre 1942 e 1946. Em fevereiro de 1960 fez uma breve viagem a Cuba, para receber o <b>Prêmio Casa de las Américas</b>, dado a seu ensaio “Análisis funcional de la cultura”, publicado no mesmo ano. Em setembro de 1960, retornou a Cuba, onde trabalhou até 1962 como diretor do <b>Centro de Estudios Latinoamericanos de Casa de las Américas</b>. Retornou à Argentina, onde terminou suas obras sobre José Martí. Faleceu em 1964.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>En Cuba y al servicio de la Revolución Cubana</b>, 1963.</li> <li>• <b>El nuevo mundo: la isla de Utopía y la isla de Cuba</b>, 1963.</li> <li>• <b>La poesía afrocubana de Nicolás Guillén</b>, 1966.</li> <li>• <b>Martí: el héroe y su acción revolucionaria</b>, 1966.</li> <li>• <b>Martí revolucionario</b>, 1967.</li> </ul>
<p><b>Haydée Santamaría</b></p>	<p>Haydée Santamaría participou do assalto ao Quartel Moncada, em 26 de julho de 1953. Foi presa por sua participação no episódio. Assim que libertada, integrou a <b>Dirección Nacional del</b></p>	

(1923-1980)	<p><b>Movimiento 26 de Julio.</b> Trabalhou na difusão e impressão da primeira edição da autodefesa de Fidel Castro, <i>A história me absolverá</i>, quando este ainda estava na prisão. Participou da guerrilha junto a Fidel Castro na Sierra Maestra. Após o triunfo da revolução, em 1959, trabalhou no <b>Ministerio de Educación</b>. Também fundou e dirigiu a <i>Casa de las Américas</i>. Foi criadora e patrocinadora do <b>Movimiento de la Nueva Trova</b>, através do qual difundiu-se a obra de varios músicos tais como Silvio Rodríguez, Noel Nicola, entre outros. Em 1965, colaborou para a fundação do <b>Partido Comunista de Cuba</b> e foi eleita membro do Comitê Central do partido. Integrou a presidencia da <b>Organización Latinoamericana de Solidaridad (OLAS)</b>, que se reuniria em La Habana, em 1967, para coordinar la lucha insurreccional en todo el continente. Suicidou-se em 1980.</p>	
<p><b>Herminio Almendros</b> (1898-1974)</p>	<p>Educador, escritor, pedagogo e editor espanhol. Prestou serviço militar na África. Formou-se no magisterio na <b>Escuela de Estudios Superiores de Magisterio de Madrid</b>. Seu primeiro cargo de profissional foi em Villablino, como diretor de um centro educacional. Em 1929, foi designado à <b>Sección de Pedagogía de la Universidad de Barcelona</b>. Fugiu à França em 1939 por sua posição antifranquista, mas a guerra o faria emigrar a Cuba. Sua formação acadêmica espanhola não foi aceita em Cuba. Formou-se doutor em 1952 pela <b>Universidad de Oriente</b>, em Santiago. Trabalhou neste período como assessor do <b>Ministerio de Educación de Cuba</b>. Destituído por Batista de seu posto, foi contratado pela <b>UNESCO</b> e enviado à <b>Escuela Internacional de la Organización de Estados Americanos</b>, na Venezuela. Retornou a Cuba pouco antes da Revolução em 1959. Armando Hart, Ministro de Educação do regime revolucionário, ao iniciar a campanha de alfabetização, nomeou Almendros diretor geral de educação rural. A partir deste cargo, promoveu a publicação de livros de leitura infantil, gênero em que publicou diversas obras. Também se dedicou a introduzir as obras de Martí para o público infante-juvenil. Faleceu em 1974.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>30 escenas de animales</b>, 1951.</li> <li>• <b>Lecturas ejemplares. Aventuras, realidades, fantasias</b>, 1955.</li> <li>• <b>A propósito de La Edad de Oro de José Martí. Notas sobre literatura infantil</b>, 1956.</li> <li>• <b>Ideario Pedagógico de José Martí</b>, 1963.</li> <li>• <b>Nuestro Martí</b>, 1965.</li> </ul>
<p><b>Ida Paz Escalante</b></p>		
<p><b>Iván A. Schulman</b></p>		
<p><b>Jacqueline Kaye</b></p>		
<p><b>Jaime Mejía Duque</b> (1933-2009)</p>	<p>Escritor e crítico literário colombiano. Sua maior produção ensaística ocorreu durante as décadas de 1960 a 1980.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Literatura y realidad</b></li> <li>• <b>Mito y realidad de Gabriel García Márquez</b></li> <li>• <b>La Vorágine o la ruta de la muerte</b></li> <li>• <b>Narrativa y neocolonialismo en América</b></li> </ul>

		<p><b>Latina</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• El otoño del patriarca o la crisis de la desmesura</li> <li>• El hombre y su novela</li> </ul>
<p><b>James O'Connor</b> (1930-)</p>	<p>Sociólogo e economista estadunidense. Foi professor de sociologia e economia na <b>University of California</b>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Origins of Socialism in Cuba</b>, 1970.</li> <li>• <b>The Corporation and the State</b>, 1973.</li> <li>• <b>The Fiscal Crisis of the State</b>, 1973.</li> <li>• <b>The Accumulation Crisis</b>, 1984.</li> <li>• <b>The Meaning of Crisis</b>, 1987.</li> <li>• <b>Natural Causes: Essays in Ecological Marxism</b>, 1997.</li> </ul>
<p><b>Jesús Sabourín</b> (1928-)</p>	<p>Nasceu em Cuba em 1928. Doutorou-se em Filosofia e Letras na <b>Universidad de la Habana</b> em 1950. Durante os anos 1950, estabeleceu-se em Santiago de Cuba, onde fundou uma galeria de arte, a qual contava com uma publicação dirigida por ele, a revista <b>Galería</b> (1956-1960). Dirigiu também a revista <b>Antígona</b> (1955). Com o triunfo da Revolução Cubana, tornou-se diretor de um cineclube operário. Entre 1961 e 1970 trabalhou na <b>Universidade de Oriente</b> como professor de Literatura Hispano-americana e Cubana e como diretor do <b>Departamento de Extensión Cultural</b>. Desde 1970 reside permanentemente na Bulgária e leciona na <b>Universidad de Sofia</b>. Colaborador de diversas revistas cubanas. Também participou de vários congressos da UNEAC.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Amor y combate (Algunas anticromías en José Martí)</b>. Ensayo, 1974.</li> <li>• <b>Blancos, negros y mulatos en El siglo de las luces</b>. Ensayo, 1983.</li> <li>• <b>Mito y realidad en Federico García Lorca</b>. Crítica y Ensayo, 1984.</li> <li>• <b>Temas y figuras fundacionales de la literatura hispanoamericana</b>. Crítica y Ensayo, Bulg., 1985.</li> <li>• <b>Literatura hispanoamericana</b>, Bulg., 1985.</li> <li>• <b>Introducción a la literatura cubana</b>. Crítica y Ensayo, Bulg., 1987.</li> <li>• <b>Sor Juana Inés de la Cruz entre el soñar y el callar</b>. Crítica y Ensayo, 1991.</li> </ul>
<p><b>José Antonio Portuondo</b> (1911-1996)</p>	<p>Foi professor, crítico, ensaísta. Em 1929, iniciou seus estudos superiores no curso de Direito da Universidade de Havana. Participou ativamente na luta contra a ditadura de Machado. Entre 1930 e 1934 foram editados seus primeiros poemas. Em 1934, retomou seus estudos em Direito, interrompidos pelo fechamento da Universidade no regime de Machado. Em 1936, ingressou na Faculdade de Filosofia e Letras. Também neste ano, tornou-se editor nas revistas <b>Polémica</b> e <b>Mediodía</b> (esta vinculada ao Partido Comunista). Em 1941, obteve o título de Doutorado em Filosofia e Letras na <b>Universidad de Havana</b>. Em 1944, tornou-se editor da revista <b>Gaceta del Caribe</b>, organizada pelo Partido Socialista Popular. Neste mesmo ano, foi estudar no <b>Colegio de México</b> onde realizou seus estudos de pós-graduação. No México, colaborou com o periódico <b>La Voz de México</b>. Entre 1946 e 1953, atuou como professor convidado em diversas universidades norte-americanas: New Mexico, Wisconsin, Columbia, NYU e Pennsylvania State. Em 1953, de volta a Cuba, atuou como professor na <b>Universidad de Oriente</b>, em Santiago de Cuba. Em 1958, foi à Venezuela, onde trabalhou como professor na <b>Universidad de Los Andes</b>. Em 1960, já de volta a Cuba, tornou-se embaixador cubano no México até 1962.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Angustia y evación de Julián del Casal</b>, 1937.</li> <li>• <b>Proceso de la cultura cubana</b>, 1938.</li> <li>• <b>El contenido social de la literatura cubana</b>, 1944.</li> <li>• <b>Concepto de la poesía</b>, 1945.</li> <li>• <b>José Martí, crítico literario</b>, 1953.</li> <li>• <b>El heroísmo intelectual</b>, 1955.</li> <li>• <b>El pensamiento vivo de Maceo</b>, 1960.</li> <li>• <b>La Aurora y los comienzos de la prensa y de la Organización Obrera en Cuba</b>, 1961.</li> <li>• <b>Estética y revolución</b>, 1963.</li> <li>• <b>El contenido político y social de las obras de José Antonio Ramos</b>, 1969.</li> <li>• <b>La emancipación literaria de</b></li> </ul>

	<p>Neste período também foi nomeado vice-presidente da <b>Unión de Escritores e Artistas de Cuba (UNEAC)</b>. Em 1962 tornou-se reitor da <b>Universidad de Oriente</b>. Em 1965, foi nomeado diretor do <b>Instituto de Literatura y Lingüística</b>, indo morar em Havana. Aí, tornou-se professor da <b>Universidad de La Habana</b>. Entre os anos de 1970 e 1975 dirigiu o <b>Anuario L/L</b>, publicado pelo <b>Instituto de Literatura y Lingüística</b>. Em 1975, foi designado embaixador de Cuba junto ao Vaticano, cargo que ocupou até 1982. Fez parte do conselho de direção do <b>Centro de Estudios Martianos</b> desde sua fundação em 1977. Também foi membro da comissão cubana na <b>UNESCO</b>. De 1982 até sua morte, em 1996, ocupou novamente a direção do <b>Instituto de Literatura y Lingüística</b> e do anuário aí publicado.</p>	<p><b>Hispanoamérica</b>, 1975.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Itinerario estético de la Revolución Cubana</b>, 1979</li> <li>• <b>Martí, escritor revolucionario</b>, 1982.</li> </ul>
<p><b>Juan Marinello</b> (1898-1977)</p>	<p>Formado pela Faculdade de Direito na Universidade de Havana, em 1920. Fundou em 1926, a <b>Institución Hispano Cubana de Cultura</b> e, em 1927, a <b>Revista de Avance</b>. Em 1932 foi preso por oposição ao governo de Gerardo Machado. No ano seguinte foi para o México como exilado político, onde trabalhou como professor na <b>Universidad Autónoma</b>. De volta a Cuba, fundou a revista <b>Masas</b>. Em 1935 foi preso novamente junto com outros membros desta revista. Foi candidato à presidência em 1948 pelo <b>Partido Socialista Popular</b>. Foi preso inúmeras vezes por suas atividades políticas contra o governo de Fulgencio Batista. Em 1962 tornou-se Reitor da <b>Universidad de Havana</b>, cargo a partir do qual promoveu a Reforma Universitária. Neste período, tornou-se membro da <b>Comisión Nacional de la Academia de Ciencias de la República de Cuba</b>. Em 1963, foi nomeado embaixador e delegado permanente de Cuba na <b>UNESCO</b>. Em outubro de 1965, tornou-se membro do <b>Comité Central del Partido Comunista de Cuba</b>. Em 1973, foi eleito pelo Partido Comunista de Cuba como membro da constituinte do Estado Socialista Cubano. Colaborou com inúmeras publicações cubanas: <b>Patria</b>, <b>Cuba Contemporánea</b>, <b>La Lucha</b>, <b>El Fígaro</b>, <b>Mediodía</b>, <b>Bohemia</b>, <b>Lunes de Revolución</b>, <b>Verde Olivo</b>, <b>Alma Mater</b>, <b>Granma</b>, <b>Boletín de la Comisión Nacional Cubana de la UNESCO</b>, <b>Casa de las Américas</b>, <b>El Caimán Barbudo</b>, etc. Também colaborou com periódicos estrangeiros: <b>Mercurio Peruano</b> (Peru), <b>Repertorio Americano</b> (Costa Rica), <b>Tierra Nativa</b> (Colombia), <b>El Nacional</b> (México), <b>Sur</b> (Argentina), <b>Papeles</b> (Venezuela), etc. Dedicou-se ao estudo da vida e obra de Martí, publicando diversas antologias e coletâneas de textos do autor.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Homenaje a Rubén Martínez Villena</b>, 1950.</li> <li>• <b>Tres espectáculos de Moscú</b>, 1950.</li> <li>• <b>Viaje a la Unión Soviética y a las Democracias Populares</b>, 1950.</li> <li>• <b>Martí en Moscú</b>, 1953.</li> <li>• <b>El caso literario de José Martí: motivos de centenario</b>, 1954.</li> <li>• <b>Imperialismo y socialismo</b>, 1954.</li> <li>• <b>Polémicas. La América Latina y el comunismo</b>, 1954.</li> <li>• <b>Caminos en la lengua de Martí</b>, 1956.</li> <li>• <b>Denuncia al pueblo de Cuba</b>, 1956.</li> <li>• <b>La penetración imperialista en la enseñanza cubana</b>, 1957.</li> <li>• <b>José Martí, escritor americano. Martí y el modernismo</b>, 1958.</li> <li>• <b>Revolución y universidad</b>, 1960.</li> <li>• <b>El pensamiento de Martí y nuestra Revolución socialista</b>, 1962.</li> <li>• <b>Ensayos martianos</b>, 1961.</li> <li>• <b>Martí desde ahora</b>, 1962.</li> </ul>
<p><b>Julio Le Riverend</b> (1912-1998)</p>	<p>Nascido na Espanha de pais cubanos. Realizou seus estudos superiores em Cuba: doutorado em Direito e Ciências políticas, econômicas e sociais na <b>Universidad de Havana</b>. Em 1932, presidiu a <b>Unión de Avance</b>, foi membro do Partido Comunista de Cuba e da ala esquerda estudantil. Enfrentou a tirania de Machado. Foi preso pela polícia e fez greve de fome. Exilou-se na França, onde se juntou a <b>União Latino-Americana de Estudantes (UCLAE)</b>, onde se tornou secretário-geral. Foi membro do <b>Partido Comunista da França</b>. Pertenceu ao Conselho</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>La economía cubana durante las guerras de la Revolución y el Imperio franceses (1709-1808)</b>. México, D.F., 1943.</li> <li>• <b>Los orígenes de la economía cubana (1510-1600)</b>. México, D.F., 1945.</li> <li>• <b>Reseña histórica de la economía cubana y sus problemas</b>. México, D.F., 1956.</li> <li>• <b>La Habana: biografía de una provincia</b>. La Habana, Imp. El Siglo XX, 1961.</li> </ul>

	<p>de Redação da revista "<b>Páginas</b>" (1937-1938). Em seguida, de 1943 a 1947, trabalhou no México, onde obteve o posto de professor de História do <b>Instituto Nacional de Antropología e Historia</b>, do COLMEX, antes de voltar a ensinar em seu país. Também foi Diretor do <b>Instituto de História de Cuba</b> (IHC) - Arquivo Nacional da Academia de Ciências de Cuba e Vice-presidente desta Instituição. Posteriormente foi nomeado Vice-ministro da Educação. Em 1973 recebeu o título de Doctor Honoris Causa da Academia de Ciências da URSS. Foi membro do <b>Partido Comunista de Cuba</b>, embaixador permanente de Cuba na <b>UNESCO</b> e Diretor da <b>Biblioteca Nacional "José Martí"</b> (1977-1988). Em 1981 fundou a União Nacional de Historiadores de Cuba, tendo sido Presidente desta instituição até 1985. Faleceu em Havana no ano de 1998.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>La moneda en el mundo contemporáneo.</b> La Habana, MINFAR, 1961.</li> <li>• <b>Historia económica de Cuba.</b> La Habana, MINCEX, 1963.</li> <li>• <b>La república: dependencia y revolución.</b> La Habana, Editora Universitaria, 1966.</li> </ul>
<p><b>Leonardo Acosta</b> (1933-)</p>	<p>Leonardo José Acosta Sánchez nasceu em 1933 em Havana. Realizou seus estudos primários e secundários em sua cidade natal. Em 1950 iniciou o curso de Arquitetura na <b>Universidad de La Habana</b> e cursou até 1954, quando a universidade foi fechada. Estudou também música, instrumentos como saxofone e trompete. Durante os primeiros anos das décadas de 1950, trabalhou em orquestras de música popular em Cuba, EUA e Venezuela. Em 1959, com o triunfo da Revolução Cubana, foi fundador da agência de notícias <b>Prensa Latina</b>, onde se tornou correspondente no México e Checoslováquia, trabalhou em tal agência até 1968. Em 1969, voltou a trabalhar com a música, sendo membro do <b>Grupo de Experimentación Sonora</b> (GES) do ICAIC. Aí teve aulas e trabalhou com intelectuais destacados sob direção de Leo Brouwer. Ficou no GES até 1972. Também atuou como solista na <b>Orquesta Sinfónica Nacional</b>. Trabalhou como redator da revista <b>Revolución y Cultura</b>. Produziu diversos artigos, livros e ensaios. De 1978 até 1989 foi assessor musical da <b>Televisión Cubana</b>. Entre 1989 e 1993, foi assessor literário do ICL.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>José Martí, la América precolombina y la conquista española.</b> Colección Cuadernos Casa, Casa de las Américas, La Habana, 1974.</li> <li>• <b>Imperialismo y medios masivos de comunicación.</b> Editorial Causachún, Lima, Perú, 1976.</li> <li>• <b>Música y épica en la novela de Alejo Carpentier.</b> Editorial Letras Cubanas, La Habana, 1976.</li> <li>• <b>Música y descolonización.</b> Editorial Arte y Literatura, La Habana, 1982.</li> <li>• <b>Descarga cubana: el jazz en Cuba 1900-1950.</b> Ediciones Unión, La Habana, 2000.</li> <li>• <b>Raíces del jazz latino: un siglo de jazz en Cuba.</b> Editorial Nueva Música, Barranquilla, 2001.</li> <li>• <b>Alejo en Tierra Firme: intertextualidad y encuentros fortuitos.</b> Centro Juan Marinello, La Habana, 2005.</li> </ul>
<p><b>Lisandro Otero</b> (1932-2008)</p>	<p>Romancista, diplomata e jornalista cubano. Foi membro da <b>Real Academia Española</b> e da <b>Academia Norteamericana de la Lengua Española</b>, diretor da <b>Academia Cubana de la Lengua</b> e redator da <b>Organización Editorial Mexicana</b>. Estudou literatura na <b>Université Paris-Sorbonne</b>. Participou ativamente no movimento <b>26 de Julio</b>. Em 1951, publicou sua primeira colaboração na revista <b>Bohemia</b>. Durante os três anos seguintes, até 1954, contribuiu regularmente com esta que era umas das revistas cubanas de maior circulação no período. Em 1954, formou-se em jornalismo na <b>Escuela de Periodismo</b> da <b>Universidad de la Habana</b>. A partir deste ano, até 1956, atuou como correspondente na Europa do periódico mexicano <b>Excelsior</b> e de <b>Bohemia</b>. Com o triunfo da revolução em 1959, ocupou diversos cargos:</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>La situación,</b> (Premio <i>Casa de las Américas</i>), 1963.</li> <li>• <b>En busca de Vietnam,</b> 1970.</li> <li>• <b>Política cultural de Cuba,</b> 1971.</li> <li>• <b>Razón Y Fuerza De Chile. Tres años de Unidad Popular,</b> 1980.</li> <li>• <b>Disidencias Y Coincidencias En Cuba,</b> 1984.</li> <li>• <b>La utopía cubana desde adentro,</b> 1993.</li> </ul>

	<p>integrou o conselho da <b>Unión de Escritores y Artistas de Cuba (UNEAC)</b> desde sua fundação em 1961. Em 1963, foi designado diretor da revista <b>Cuba</b>, cargo que desempenhou até 1969. Em 1967 e 1968, dirigiu a revista <b>Revolución y Cultura</b>. De 1976 a 1980 trabalhou como diretor de imprensa no <b>Ministerio de Relaciones Exteriores</b>. Nos anos 1990, colaborou com o periódico <b>Excelsior</b>, trabalhando na direção editorial. Também fundou a revista <b>Arena</b>, que dirigiu até 2000.</p>	
<p><b>Luis Toledo Sande (1950-)</b></p>	<p>Escritor, jornalista, professor, pesquisador cubano. É pesquisador e sudiretor do <b>Centro de Estudios Martianos</b>. Também foi professor titular do <b>Instituto Superior Pedagógico Enrique José Varona</b>. Ocupou o cargo de chefe de redação e subdiretor da revista <b>Casa de las Américas</b>. Em 2005, foi nomeado Conselheiro Cultural da embaixada cubana na Espanha. Ao retornar ao país natal, optou por ser jornalista na revista <b>Bohemia</b>. Foi jurado em diversos prêmios nacionais: <b>Premio de la Crítica, Unión de Escritores y Artistas de Cuba (UNEAC)</b> e o <b>Prêmio Literario Casa de las Américas</b>.</p>	<p>Obras sobre José Martí:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ideología y práctica en José Martí</li> <li>• José Martí, con el remo de proa.</li> </ul>
<p><b>Manuel Francisco Galich López (1913-1984)</b></p>	<p>Escritor e dramaturgo guatemalteco. Em 1932, obteve o título de Mestre em Educação Primária e bacharel em ciências e letras. Neste mesmo ano, escreveu e dirigiu sua primeira peça teatral. No ano seguinte, em paralelo com a atividade docente, seguiu escrevendo peças e fazendo montagens com seus alunos. Foi candidato à Presidência de seu país em 1950, derrotado por Jacobo Árbenz. Entre 1944 e 1954, ocupou diversos cargos políticos como Presidente do Congresso da República, Ministro da Educação e ministro de Relações exteriores. Também foi secretário do partido <b>Frente Popular Libertador</b> entre 1951 e 1957. Encontrava-se no Uruguai, como ministro de Relações Exteriores, quando o governo de Jacobo Árbenz foi derrubado num golpe. Permaneceu como asilado político em Montevideo por oito anos, até ir a Cuba nos anos 1960, onde viveu exilado até sua morte. Chegou a ser subdiretor da instituição <b>Casa de las Américas</b>. Na Universidade de Havana, deu aulas na cátedra de História da América Latina até 1984, ano em que faleceu.</p>	<p>Obras políticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Porque lucha Guatemala: Arevalo y Arbenz, dos hombres contra un imperio</b>, 1952.</li> <li>• <b>Mapa hablado de la América Latina en el año de la Moncada</b>, 1973.</li> <li>• <b>Diez años de primavera (1944-1955) en el país de la eterna tiranía</b></li> <li>• <b>La Revolución de Octubre: diez años de lucha por la democracia en Guatemala</b></li> <li>• <b>Nuestros primeros padres</b>, 1979.</li> </ul>
<p><b>Manuel Maldonado-Denis (1933-1992)</b></p>	<p>Ensaísta, historiador e crítico literário de Porto Rico. Nasceu em 1933 e morreu em 1992. É considerado como um dos principais ensaístas porto-riquenhos do século XX, particularmente dentro da modalidade genérica do ensaio sócio-político. Depois de cursar seus primeiros estudos em seu país natal, foi aos EUA para completar sua formação superior. Quando da sua volta a Porto Rico, assumiu a direção da <b>Revista de Ciencias Sociales</b>, editada pela <b>Universidad de Puerto Rico</b>, instituição na qual também ocupou o cargo de professor de Ciências Políticas. A partir da ideologia marxista, estudou temas como a independência de Porto Rico através de grupos sociais como os operários, os escravos, as mulheres. Dedicou estudos à literatura e</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Puerto Rico: mito y realidad</b>. Barcelona: Península, 1968.</li> <li>• <b>Puerto Rico: una interpretación histórico-social</b>. México: Siglo XXI, 1969.</li> <li>• <b>Semblanza de cuatro revolucionarios: Albizu, Martí, Che Guevara y Camilo Torres</b>. Río Piedras: Ed. Puerto, 1973.</li> <li>• <b>Puerto Rico y Estados Unidos: emigración y colonialismo</b>. México: Siglo XXI, 1976.</li> <li>• <b>Hacia una interpretación marxista de la</b></li> </ul>

	<p>escritores conterrâneos e da AL, dando atenção sobre a influência de fatores sociais na constituição de obras literárias.</p>	<p><b>historia de Puerto Rico y otros ensayos.</b> Río Piedras: Ed. Antillana, 1977.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Betances: revolucionario antillano, y otros ensayos.</b> Río Piedras: Ed. Antillana, 1978.</li> <li>• <b>Bolívar: vigencia de su pensamiento en América.</b> Santo Domingo: Museo del Hombre Dominicano, 1983.</li> <li>• <b>Ensayos sobre José Martí.</b> Río Piedras: Ed. Antillana, 1987.</li> </ul>
<p><b>Miguel A. D'Estéfano del Día</b></p>		
<p><b>Paul Estrade (1935-)</b></p>	<p>Nasceu em Paris em 1935, filho de país operários. Formação escolar também em Paris. Tornou-se professor em 1955. Em 1959 graduou-se em Língua Espanhola pela Universidade de Sorbonne. Deu aulas de idioma e literatura espanhola até 1968 em Paris. Tornou-se, então, professor universitário, dando aulas de História da América Latina contemporânea, na <b>Universidade de Paris VIII-Saint-Denis</b>, tornando-se catedrático em 1985 e professor emérito em 1996. Foi diretor do departamento de estudos hispano-americanos de tal universidade, e incentivou e estabeleceu um convênio de cooperação e intercâmbio com a <b>Universidade de La Habana</b>. Vice-presidente do <b>Centro Interuniversitario de Estudios Cubanos</b>, entre 1978 e 1987. Diretor e fundador (1984-1997) do <b>Centro de Historia de las Antillas Hispánicas (HAH)</b> e da coleção de <b>Cahiers d'Histoire des Antilles Hispaniques</b>. Atuou como convidado nas universidades de Havana e Córdoba, Porto Rico. Ofereceu conferências em diversas cidades de Cuba, América Latina, Europa e EUA. De 1982 a 2000, presidiu a <b>Asociación Francia-Cuba</b>, a cuja fundação contribuiu sendo estudante (1960) e secretário geral (1964-1968) Também foi redator chefe de Cuba Si, o boletim de tal sociedade entre (1970-1975).</p>	<p>Últimos estudos sobre <b>Martí</b>:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>José Martí y la Revolución Francesa.</b> 1989-91.</li> <li>• <b>La sucesión de José Martí a la cabeza del Partido Revolucionario Cubano.</b> en <i>Anuario del Centro de Estudios Martianos</i>, La Habana, 1993.</li> <li>• <b>Martí y Europa - Europa y Martí: dialéctica de una relación intelectual Inacabada.</b> en <i>Lateinamerika Studien</i>, Universidad de Nümburg, 1994.</li> <li>• <b>Martí: ¿una biografía imposible?.</b> en <i>Revista de Indias</i>, Madrid, 1995.</li> <li>• <b>Las exigencias de una nueva historiografía latinoamericana en la óptica de José Martí.</b> en <i>Vivarium</i>, La Habana, 1995.</li> <li>• <b>Matan al Martí vivo quienes lo hacen suicida.</b> en <i>El Ateneo</i>, Madrid, 1995.</li> <li>• <b>¿A dónde se encaminaba el llamado Movimiento Económico, 1890-1893?.</b> en <i>Cuba: algunos problemas de su historia</i>. Praga, Universidad Carolina, 1995.</li> <li>• <b>El acercamiento filipino-cubano en la guerra contra España (1896-98),</b> en <i>El 98 canario-americano</i>. San Cristóbal de La Laguna, Tenerife, 1999.</li> <li>• <b>El autonomismo criollo y la nación cubana (antes y después del 98),</b> en <i>Imágenes recíprocas e imaginarios nacionales</i>. Madrid, 1999.</li> </ul>



		<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>La diplomacia cubana en París, 1868-1878</b>, Praga, Universidad Carolina, 2001.</li> </ul>
<p><b>Pedro Pablo Rodríguez López</b> (1946-)</p>	<p>Doutor em História, pesquisador e professor. Membro da <b>Academia de Ciencias de Cuba</b>, da <b>Academia de la Historia de Cuba</b>, da <b>Unión de Escritores y Artistas de Cuba (UNEAC)</b>. Formou-se em história na <b>Universidad de La Habana</b>. Dirigiu a seção de história da revista <b>Bohemia</b>. Desde 1990, trabalha no <b>Centro de Estudios Martianos</b>, onde atuou como vice-diretor de pesquisas até 1995. Concluiu seu doutorado em Ciências Históricas em 1996. Entre seus principais temas de estudo está a vida e obra de José Martí e de outros intelectuais cubanos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Antología del pensamiento revolucionario Cubano</b>.</li> <li>• La primera invasión, El despliegue de un conflicto, La política norteamericana hacia Cuba entre 1959 y 1961), dos capítulos dentro del tomo 2 de la obra colectiva Historia de Cuba.</li> <li>• Dirige la edición crítica de las Obras completas de José Martí de la que ya se han impreso dieciséis tomos y ha publicado varios textos de Martí en edición crítica.</li> </ul>
<p><b>Raúl Roa Kourí</b> (1936-)</p>	<p>Diplomata cubano. Filho de Raúl Roa García, ministro das relações exteriores cubanas no período de 1959-1976, Roa Kourí representou Cuba em diversos eventos pelo mundo. Exerceu cargos junto a diversas embaixadas cubanas: Estados Unidos, França, Itália, México, Brasil, Chile, entre outros.</p>	
<p><b>Roberto Álvarez Quiñones</b> (1941-)</p>	<p>Jornalista, economista e licenciado em história. Vive hoje na Califórnia. Trabalhou por vinte e sete anos (1968-1995) no diário <b>Granma</b>, órgão oficial do <b>Partido Comunista de Cuba</b> e por nove anos como comentarista na <b>Televisión Cubana</b> (1982-1992). Professor da <b>Facultad de Periodismo</b> da <b>Universidad de La Habana</b>, de 1982 a 1992. Chegou aos EUA em 1995 e trabalha como jornalista, colunista e escritor em diversos periódicos e na imprensa dos EUA e do México.</p>	
<p><b>Roberto Fernández Retamar</b> (1930-)</p>	<p>Depois de terminar seus estudos secundários em 1947, tornou-se professor auxiliar no próprio centro educacional que o formou. Em 1948, abandonou a arquitetura e ingressou no curso de filosofia e letras, que concluiu em 1954. Estudou na Sorbonne (1955) e na Universidade de Londres (1956). Até 1958, viajou entre a Europa e os EUA, frequentando a Universidade de Yale e dando conferências na Universidade de Columbia. Depois do triunfo da revolução, em 1959, foi incorporado à Universidade de Havana. Em 1960, tornou-se conselheiro cultural na embaixada cubana de Paris, onde contribuiu com diversas publicações francesas: <b>Les Lettres Nouvelles</b>, <b>Esprit</b>, <b>Europe</b>, <b>Les Lettres Françaises</b>. Em 1961, foi eleito secretário da <b>UNEAC</b> (Unión Nacional de Escritores y artistas de Cuba). Entre 1961 e 1964 foi editor da revista <b>Unión</b>. Continua suas atividades acadêmicas no exterior dando conferências sobre literatura hispano-americana. Em 1965, assumiu a direção da revista <b>Casa de las Américas</b>, cargo que até hoje ocupa, acumulando também a presidência da instituição a partir de 1986. Fundou, em 1977, o <b>Centro de Estudios Martianos</b>, que dirigiu até 1986. Colaborou com varias revistas e</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>La poesía contemporánea en Cuba (1927-1953)</b>, 1954.</li> <li>• <b>Idea de la estilística</b>, 1958.</li> <li>• <b>Vuelta de la antigua esperanza</b>. Poemas, 1959.</li> <li>• <b>En su lugar, la poesía</b>. Poemas, 1961.</li> <li>• <b>Con las mismas manos</b>. Poesia, 1962.</li> <li>• <b>Papelería</b>. Ensaio, 1962.</li> <li>• <b>Modernismo, noventa y ocho, subdesarrollo</b>. 1970.</li> <li>• <b>Que veremos arder</b>. Poemas, 1970.</li> <li>• <b>Calibán, apuntes sobre la cultura en nuestra América</b>. 1971.</li> <li>• <b>El son de vuelo popular</b>. Ensaio, 1972.</li> <li>• <b>Cuaderno paralelo</b>. Poemas, 1973.</li> </ul>

	<p>suplementos culturais cubanos e estrangeiros, tais como: <b>Orígenes</b>, <b>El Nacional</b> (México), <b>Triad</b> (EUA), <b>Nuestro Tiempo</b>, <b>Lunes de Revolución</b>, <b>Bohemia</b>, <b>La Gaceta del Fondo de Cultura Económica</b> (México), <b>Marcha</b> (Uruguay), <b>Amaru</b> (Peru), <b>Revista Hispánica Moderna</b> (Nueva York), <b>Partisans</b> (França). É autor de livros de poesia, ensaios, antologias e coletâneas. Foi nomeado, em junho de 2008, como diretor da <b>Academia Cubana de la Lengua</b>.</p>	
<p><b>Salvador Morales</b></p>	<p>Formou-se em História na Universidade de Havana, em 1968. Especialista na vida e obra de José Martí. Publicou em inúmeras revistas e periódicos de Cuba, México, Venezuela, Espanha, República Dominicana, Argentina, Puerto Rico, Panamá e Rússia.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Venezuela y Bolívar en José Martí</li> </ul>